

Departamento de Sociologia

O Abandono Escolar: *uma realidade Açoriana*

Vanessa M. Leite Ribeiro Gaspar

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Educação e Sociedade

Orientador:

Doutor Pedro Abrantes, Professor Catedrático,

ISCTE-IUL

Junho de 2009

O ABANDONO ESCOLAR: *UMA REALIDADE AÇORIANA*

Resumo

A pertinência deste estudo prende-se com o facto de haver um grande número de crianças/jovens açorianas desprovidas de escolaridade mínima obrigatória que se encontram fora da escola e em situação de risco de pré-delinquência.

Para o efeito, pretende-se compreender o abandono escolar precoce das crianças açorianas. Em particular, procura-se identificar e analisar as dinâmicas que contribuem para o elevado número de crianças açorianas que abandonam a escola no início do segundo ciclo de ensino, explorando um território em que este fenómeno tem uma incidência forte: o município de Vila Franca do Campo.

Marcando como indicadores destas variáveis os níveis de aprovação e de retenção dos alunos, os níveis de aproveitamento, de interesse, de indisciplina, de assiduidade e até as condições socioeconómicas da família de origem e o seu grau de participação na vida escolar dos filhos.

Analisando as perspectivas e/ou estratégias de futuro destas crianças, ou seja, até quando pensam estudar, que profissão pensam ter, em que idade se pensam começar a trabalhar.

Especula-se que o problema reside na falta de valorização escolar por parte dos progenitores e comunidade local, a falta de perspectivas futuras dentro das referências locais, a disfuncionalidade educativa ou desadequação escolar na transição do 1º ao 2º ciclo de ensino e/ou a falta de acompanhamento e modelos de orientação e apoio destes alunos que conduzem ao insucesso e conseqüente abandono.

Palavras-chave: abandono escolar, insucesso escolar, disfuncionalidade educativa, desigualdades sociais

SCHOOL ABANDONMENT: AN AZOREAN REALITY

Abstract

The present study justifies itself through the significant number of Azorean children/adolescents that are currently out of the official school system without their minimum grade level, being left to an expected risk of pre-delinquency.

To understand the early school abandonment of the Azorean students, the study firstly looks to identify the dynamics that presides the abandonment of most students in the beginning of the second cycle of schooling, through the direct observation of Vila Franca do Campo, where the phenomenon is greatly present.

The principal indicators of the present variables are the levels of grade passing and retention of the students, their level of achievement, interest, misbehavior, presence and family socioeconomic conditions and the family participation in schooling.

The study analyses the students future perspectives and/or strategies, in other words, until when do they expect to proceed their studies, what profession do they perceive having, at what age do they see themselves initiating a profession.

It is expected that the problem resides essentially in the lack of school value transmitted through family and community, the lack of positive role models for local reference, the dysfunctional and inadequate school system that happens in the transition from the first to the second cycle of schooling, the lack of guidance and role models that help students prevent failure and consequential school abandonment.

Key words: school abandonment, academic failure, dysfunctional school system, social inequalities

ÍNDICE

Introdução.....	1
1. Quadro Teórico.....	5
2. Plano Metodológico.....	12
3. Contextualização : <i>uma realidade açoriana</i>.....	16
3.1.Dados actuais referentes aos Açores – São Miguel e Vila Franca do Campo.....	23
3.2.Vila Franca do Campo.....	26
4. Condições e percursos dos alunos.....	29
4.1.Caracterização de cada criança.....	31
5. Análise dos resultados.....	40
5.1.“Obrigados a estar na escola” – posições das famílias: sonhos e realidades.....	40
5.2.Ausência de referências locais de sucesso escolar – o mundo dos alunos....	43
5.3.Falta de expectativas iniciais dos professores – perante o processo e a família de origem.....	45
5.4.Desintegração social – repetentes como iguais.....	47
5.5.Desinteresse pelos sistemas de apoio, planos individuais e programas especiais.....	48
5.6.A comunidade.....	48
5.7.Acumulação de fracassos, ausência de competências, desistência de todos.....	50
Conclusão.....	51
Referências bibliográficas.....	54
Apêndice	
i. Entrevistas alunos e pais.....	56
ii. Entrevistas professores.....	90

Índice quadros e figuras

Índice de quadros

Quadro 1. população residente no arquipélago dos Açores.....	20
Quadro 2. alunos no 2º ciclo do ensino público 2007/2008 nos Açores.....	21
Quadro 3. população dos Açores fase ao número de alunos.....	22
Quadro 4. Total de famílias do RSI por ilha e % face as famílias residentes nos Açores.....	23
Quadro 5. Total de famílias do RSI por ilha e percentagem face as famílias residentes nos Açores.....	23
Quadro 6. Distribuição por freguesia e percentagem face à População Residente (06/2008).....	24
Quadro 7. Distribuição por sexo e grupo etário (06/ 2008).....	24
Quadro 8. Distribuição da população beneficiária de RSI segundo o tipo de ocupação.....	25
Quadro 9. Tipologias familiares.....	25

Índice das figuras

Figura 1. Mapa Ilha de São Miguel.....	26
Figura 2. Mapa Concelho de Vila Franca do Campo.....	26

AGRADECIMENTOS

Este trabalho representa um longo percurso pessoal de vontade, esforço e dedicação.

Agradeço ao Professor Doutor Pedro Abrantes, que me orientou e me preparou para este desafio. Sempre presente e disponível.

À minha família, que sofreu com a minha ausência mas que se manteve sempre receptiva às minhas escolhas.

Um especial agradecimento à Câmara Municipal de Vila Franca do Campo que apoiou de forma plena este estudo.

Ao Concelho Executivo da Escola Básica e Secundária de Vila Franca do Campo que facilitou a mobilidade dentro do sistema. Aos alunos, pais e professores titulares de turma que foram verdadeiros e prestativos.

Introdução

*O insucesso escolar consiste na dificuldade que as crianças têm no ensino primário em aprender, em completar os quatro anos de escolaridade dentro do tempo previsto, em obter notas altas pelo seu trabalho escolar, e em continuar seus estudos até chegar, idealmente, ao ensino superior, técnico ou profissional.*¹

O objectivo deste estudo visa compreender o *abandono escolar*, procurando explicar o que leva um segmento considerável das crianças açorianas a abandonarem a escola no 2º ciclo.

A pertinência deste estudo prende-se com o facto de haver um grande número de crianças/jovens açorianos desprovidos de escolaridade mínima obrigatória que se encontram fora da escola e em situação de risco de pré-delinquência.

As denúncias de chegam às Comissões de Protecção de Crianças e Jovens dos vários concelhos dos Açores apontam na sua grande maioria para a falta de assiduidade e abandono das crianças/jovens.²

Desocupados e desmotivados, sem ambições futuras são reencaminhados para projectos e centros ocupacionais. Prevê-se que têm à sua frente um longo caminho de trabalhos precários e influências possivelmente desviantes.

Com uma população bastante jovem, os Açores encontram-se numa situação de futura crise – delinquência juvenil, em consequência da desocupação, desmotivação e desvalorização dos jovens açorianos.

Está documentado em estudos actuais de que as retenções escolares e identificação de problemas escolares começam no 2º ciclo, nomeadamente na transição para o 5º ano de escolaridade e mais tarde no 7º e no 9º. Este estudo pretende compreender *o que se passa*, o que leva a criança/jovem a interromper ou mesmo acabar os seus estudos, pondo em causa todo um futuro melhor.³

¹ Iturra, Raul, 1990:14

² PROJUS, (9/2006), “Um diagnóstico das situações de perigo nos Açores sob o olhar das CPCJ”.

³ Referência a “A educação das crianças dos 0 aos 12 anos”, relatório do estudo, Conselho Nacional de Educação, 2008; Indicadores da Educação – 2003/2004, DPE, RAA, SREC/DRE, Julho 2005; “Um diagnóstico das situações de perigo nos Açores sob o olhar das CPCJ”, PROJUS, Setembro 2006.

Desde dos anos 60, as desigualdades sociais no acesso e sucesso na escola têm sido objecto de inúmeras investigações, em diversos países. Na constatação real de desigualdades face à escola os estudos remeteram-se para a *pesquisa dos mecanismos produtores das desigualdades*. Nomeadamente nos processos estruturados e vividos na própria instituição escolar, ou seja, a escola como impulsionador de progresso e democratização. Não sendo confundível com a *igualdade de oportunidades*.

Os estudos publicados decorreram da análise das desigualdades de acesso para a análise das *desigualdades de sucesso*. As teorias balançavam entre o papel socializador da educação como distribuidor natural dos estatutos sociais e as da reprodução *a escola selecciona os alunos mais conformes às representações e às expectativas de um grupo particular (...)*⁴

Vários autores apontaram o insucesso escolar como indicador das desigualdades e remeteram à ligação resultados escolares e origem social. Determinaram que o insucesso poderia ser determinado por factores *bio-geneticos* de capacidade, influência da psicologia genética ou *handicap sócio-cultural* ou ainda pelos mecanismos que funcionam na escola de natureza *sócio-institucional* olhando as desigualdades dos resultados escolares.

*(...) a análise sociológica das políticas educativas continua a não poder abrir mão da referência ao papel e à natureza do estado nacional e às suas relações com as classes sociais, e a não dispensar, portanto, o entendimento das especificidades (culturais, sociais, políticas, económicas e educacionais) que estão impregnadas da (e na) história de uma dada formação social.*⁵

O cerne teórico da sociologia crítica vai ao encontro dos processos escolares que barram a escola de alcançar a colecção de ideias liberais e modernas, que assentam nos valores da liberdade e da igualdade para todos os alunos.

As causas do abandono são múltiplas de país para país, de região para região de contextos económicos, sociais e familiares diferentes, mas a mais frequente causa é que

⁴ Forquin 1980

⁵ Almerindo J. Afonso, nº37, 2001

*os alunos que abandonam têm problemas com a escola e foram já por ela abandonados, em muitos casos.*⁶

O insucesso escolar, não se deve à natureza dos alunos...tem antes a ver com a inconstância e a ineficácia programada das nossas políticas educativas.⁷ Ou nas palavras de Iturra,⁸ (...) *a dificuldade que as crianças têm para aprender, não provém tanto de uma falta de interesse no ensino, seja deles ou de seus pais, mas de entender como esse ensino se aprende e como é que se pode utilizar.*

Passando pela lógica do conhecimento multidimensional e no reconhecimento da compreensibilidade das diferenças, poder-se-á enfrentar os raciocínios dos juízos científicos e o trabalho pedagógico praticado nas escolas de forma eficaz, e prevenir o abandono escolar pela identificação precoce dos alunos em risco.

Tendo como base o conhecimento dos contextos e das condições em que aquele conhecimento multidimensional foi criado e o reconhecimento da compreensibilidade das reais diferenças. Assim, neste reconhecimento é possível acautelar dos efeitos negativos das explicações consequentes da universalidade do conhecimento científico e atribuir valor aos conhecimentos multidimensionais individuais. A aplicação destes primados na área da reestruturação pedagógica, desenvolve as circunstâncias ideais, para a elevação dos saberes e das práticas dos alunos.

*Enquanto não aceite o saber cultural como saber equivalente e complementar ao seu próprio saber, seu resultado será o insucesso de seus ensinados pela falta de vias de comunicar seu saber letrado ao saber cultural.*⁹

Alguns autores apontam a importância de um modelo multicultural que implica uma mudança radical na organização e funcionamento das escolas – revalorização escolar – passando nomeadamente pelos professores, na aplicação de critérios mais baseados nos diversos estilos de vida dos alunos de acordo com a sua identidade cultural. Assim, defendem que os professores passariam a mentores e defensores de culturas e etnias,

⁶ Benavente 1994

⁷ Perrenoud, 2002

⁸ Iturra, 1990:18

⁹ Iturra, 1990:20

assegurando a propagação cultural entre gerações dando oportunidade igualmente a todos.

*(...) é preciso que o professor...abandone seu papel de gestor sagrado, da transmissão mágica das palavras técnicas que transformarão o entendimento da criança. É preciso lembrar que o conhecimento do professor é apenas uma maneira dominante, embora minoritária de explicar positivisticamente a produção da natureza e da sociedade.*¹⁰

A reforma do sistema – democratização do mundo escolar – para um sistema mais igualitário, envolve as relações de comunicação pedagógica desenvolvidas entre os professores e os alunos. Assim, o estabelecimento da equidade escolar passará pela rectificação da linguagem e, por sua vez, pela alteração das relações de comunicação, reduzindo os desentendimentos linguísticos e minimizando o insucesso pelo esforço do professor.

Todavia, as diferenças nas capacidades de verbalização oral e escrita entre as classes sociais impedem este processo. Os professores estão desta forma dependentes à sua linguagem, aos seus modos de comunicar. Sendo instintivo das causas de legitimidade do seu trabalho e das suas relações pedagógicas. É a forma verbal de autoridade e disciplina pessoal do professor que reflecte a forma como os alunos mantêm-se na sala de aula.

O sistema de ensino, enquanto sistema integrado, representa o seu objectivo reprodutor, assumindo através da pedagogia transmitida, uma lógica reprodutora de desigualdades pelos mecanismos avaliadores, pela distribuição de bens culturais ou pela troca de bens simbólicos.

Desta forma, podemos vislumbrar que a acção, autoridade e trabalho pedagógico participam em conjunto com a autoridade e trabalho escolar e o sistema de ensino institucionalizado procurando a reprodução do sistema escola e da ordem societal do sistema em que está inserido.

¹⁰ Iturra, 1990:20

1. Quadro Teórico

À primeira vista, nos Açores observa-se um abandono precoce de muitos jovens à escola, e conseqüentemente o que parece ser um falso refúgio em ocupações precárias. Falso refúgio, porque a curto prazo satisfaz a necessidade urgente de sair da rotina imposta da escola, de regras e exigências intelectuais e também ao mesmo tempo a satisfação e liberdade efémera de trabalho remunerado, seguindo pela primeira vez as suas próprias regras de assiduidade e manutenção. A lavoura, a construção civil e a pesca surgem como eleitos para a manutenção de tarefas remuneradas.

Pretende-se com o presente estudo compreender o abandono escolar precoce das crianças açorianas. Em particular, procura-se identificar e analisar as dinâmicas que contribuem para o elevado número de crianças açorianas que abandonam a escola no início do segundo ciclo de ensino, explorando um território em que este fenómeno tem uma incidência forte: o município de Vila Franca do Campo.

Será que estas crianças transitam já para o 2º ciclo com problemas de aprendizagem, de retenções e/ou de motivação? Serão decisivos factores externos à escola, como a falta de valorização escolar por parte da família, a pressão para iniciar uma vida activa para auferimento de rendimentos; factores culturais locais de desprendimento à vida escolar?

Serão importantes também factores internos de funcionamento da própria escola, como a desadequação de currículos, desmotivação profissional dos professores perante as suas expectativas?

A pertinência deste estudo prende-se com o facto de haver um grande número de crianças/jovens açorianos desprovidos de escolaridade mínima obrigatória que se encontram fora da escola e em situação de risco de pré-delinquência.

As denúncias de que chegam às Comissões de Protecção de Crianças e Jovens dos vários concelhos dos Açores apontam na sua grande maioria para a falta de assiduidade e abandono das crianças/jovens¹¹. Desocupados e desmotivados, sem ambições futuras são reencaminhados para projectos e centros ocupacionais. Sem cumprirem a escolaridade mínima obrigatória prevê-se que têm à sua frente um longo caminho de trabalhos precários e influências possivelmente desviantes.

¹¹ PROJUS, (9/2006), “Um diagnóstico das situações de perigo nos Açores sob o olhar das CPCJ”.

Com uma população bastante jovem, os Açores encontram-se numa situação de futura crise – delinquência juvenil, em consequência da desocupação / desmotivação / desvalorização dos jovens açorianos.

Está documentado em estudos actuais que as retenções escolares e identificação de problemas escolares começam no 2º ciclo, nomeadamente na transição para o 5º ano de escolaridade e mais tarde no 7º e no 9º ano. Este estudo pretende compreender *o que se passa*, o que leva a criança/jovem interromper ou mesmo acabar os seus estudos, pondo em causa todo um futuro melhor.¹²

“Considerando que a escolaridade torna-se cada vez mais decisiva no êxito e no bem-estar das pessoas e das comunidades”,¹³ este estudo tem como base dois trabalhos fundamentais que analisam o insucesso escolar. A escolha destes dois trabalhos reside no facto de ambos analisarem populações semelhantes àquela prevista neste estudo. Uma população rural de cultura e tradições bem vincadas nas vivências e escolhas do povo.

Tendo como principais referências teóricas os trabalhos de Benavente e Iturra, especificamente *Renunciar à Escola: o abandono escolar no ensino básico e A Construção Social do Insucesso Escolar*. Verifica-se que ambos analisam o insucesso como cerne às questões do abandono. Os sucessivos fracassos e desilusões escolares muitas vezes levam à incapacidade do aluno superar as suas frustrações, fomentando um sentimento de injustiça e rejeição.

Do lado da Escola, existe planos de recuperação, turmas PERE - *Programas Especiais de Recuperação da Escolaridade*, e apoios especiais, toda uma panóplia de estratégias para *encaixar* aqueles que por uma razão ou outra não *encaixam* nos ditos parâmetros definidos pela comunidade escolar.

Entre retenções, participações disciplinares e suspensões, reside o insucesso do aluno, carimbado muitas vezes de desviante, de risco ou mesmo de mau aluno. Estigmatizado e desmotivado procura outras motivações que não a escola, deixando para trás a

¹² “A educação das crianças dos 0 aos 12 anos”, relatório do estudo, Conselho Nacional de Educação, 2008; Indicadores da Educação – 2003/2004, Divisão de Planeamento e Estatística, Região Autónoma dos Açores, SREC/Direcção Regional da Educação, Julho 2005; “Um diagnóstico das situações de perigo nos Açores sob o olhar das CPCJ”, PROJUS, Setembro 2006.

¹³ Fernandez , Enguita, Castells, Reich

frustração e também um futuro provavelmente melhor. Destinado ao trabalho precário muitas vezes recorre novamente à escola ou a outras formas de certificação mais tarde na vida.

“O conceito de abandono escolar carece de definição; abandono ou desistência significa que um aluno deixa a escola sem concluir o grau de ensino frequentado por outras razões que não sejam a transferência da escola ou ...a morte.”¹⁴

As causas do abandono são múltiplas de país para país, de região para região de contextos económicos, sociais e familiares diferentes, mas a mais frequente causa é que “os alunos que abandonam têm problemas com a escola e foram já por ela abandonados, em muitos casos”¹⁵

O Gabinete do Ministro da Educação, emitiu a 6 de Março de 2003 dados estatísticos sobre o *Insucesso e Abandono Escolares em Portugal*, onde é relatado por evidência estatística que *o abandono escolar tem muito mais a ver com a idade do que com o ano de escolaridade que se frequenta e é geralmente precedido de histórias de insucesso repetido.*

São identificados nesse dados os 2º, 5º e o 7º ano de escolaridade como sendo críticos, revelando as dificuldades dos alunos após transição de ciclo, *temos um sistema educativo que evoluiu em patamares quando deveria promover a evolução natural e progressiva das aprendizagens.*

O insucesso escolar, “*não se deve à natureza dos alunos...tem antes a ver com a inconstância e a ineficácia programada das nossas políticas educativas*”¹⁶. Ou na palavras de Iturra, “*(...) a dificuldade que as crianças têm para aprender, não provém tanto de uma falta de interesse no ensino, seja deles ou de seus pais, mas de entender como esse ensino se aprende e como é que se pode utilizar*”.¹⁷

¹⁴ Benavente e outros, (1994: 23) *Renunciar à Escola: o abandono escolar no ensino básico*

¹⁵ Idem (1994: 25)

¹⁶ Perrenoud, 2002, “Os sistemas educativos face às desigualdades e ao insucesso escolar: uma incapacidade mesclada de cansaço”

¹⁷ Iturra, 1991: 18

Passando pela lógica do conhecimento multidimensional e no reconhecimento da compreensibilidade das diferenças, poder-se-á enfrentar os raciocínios dos juízos científicos e o trabalho pedagógico praticado nas escolas de forma eficaz, e prevenir o abandono escolar pela identificação precoce dos alunos em risco.

Tendo como base o conhecimento dos contextos e das condições em que aquele conhecimento multidimensional foi criado e o reconhecimento da compreensibilidade das reais diferenças. Assim, neste reconhecimento é possível acautelar dos efeitos negativos das explicações consequentes da universalidade do conhecimento científico e atribuir valor aos conhecimentos multidimensionais individuais. A aplicação destes primados na área da reestruturação pedagógica, desenvolve as circunstâncias ideais, para a elevação dos saberes e das práticas dos alunos.

“Enquanto não aceite o saber cultural como saber equivalente e complementar ao seu próprio saber, seu resultado será o insucesso de seus ensinados pela falta de vias de comunicar seu saber letrado ao saber cultural.”¹⁸

Alguns autores apontam a importância de um modelo multicultural que implica uma mudança radical na organização e funcionamento das escolas – revalorização escolar – passando nomeadamente pelos professores, na aplicação de critérios mais baseados nos diversos estilos de vida dos alunos de acordo com a sua identidade cultural. Assim, defendem que os professores passariam a mentores e defensores de culturas e etnias, assegurando a propagação cultural entre gerações dando oportunidade igualmente a todos.

“(…) é preciso que o professor...abandone seu papel de gestor sagrado, da transmissão mágica das palavras técnicas que transformarão o entendimento da criança. É preciso lembrar que o conhecimento do professor é apenas uma maneira dominante, embora minoritária de explicar positivisticamente a produção da natureza e da sociedade”¹⁹.

Nas palavras de Ana Nunes de Almeida, no seu estudo, *O que as famílias fazem à escola...pistas para um debate*, “não se percebe o que se passa dentro da escola, o que é a escola, sem compreender o que se passa fora dela”, ou embora não pareça (os alunos), são o centro do sistema educativo.

¹⁸ Iturra, 1990: 20

¹⁹ Iturra, 1990: 20

O problema do insucesso escolar e do abandono precoce da escola poderá ser revisto em três dimensões importantes:

Universos culturais escola-família; “a criança que aterra na aula não vem do ar, é fruto duma experiência herdada pela geração de adultos com a qual vive, convive e à qual obedece”²⁰

O aluno enquanto mosaico de influências, composto por trajectos e valores próprios traz consigo a sua essência, na realidade que é e espera ser. O papel da escola será guiar o rumo deste, de forma a potencializar as expectativas esperadas.

As relações culturais escola-família, variam de região para região, por vezes mais estreitas e positivas e por outras mais distantes e negativas. Seja como for, são importantes e significantes no que concerne àquilo que é esperado dela.

“É fácil atribuir a incapacidade de educar às próprias famílias.”²¹ Considerando que muitas vezes são consideradas como *desestruturadas, com comportamentos desviantes, com baixos níveis de instrução e manifestam muito poucas expectativas relativamente aos seus próprios filhos.*

A questão reside em compreender como poderão *estas famílias* ser responsáveis por potenciar uma real apreciação pela importância de uma formação académica.

Não residirá na escola esse papel? De transformação e desenvolvimento daqueles que aparentemente estão á partida *condenados pela família* a procurar atingir o seu potencial máximo?

Estrutura económica e mercado de trabalho; segundo dados de 2001 do SIETI²², a principal razão apontada para o abandono escolar pelos menores é “não gostar da escola”, 76,4%. O facto do menor abandonar a escola para exercer uma actividade porque a família tem dificuldades económicas *obtem percentagens longe de ser relacionadas como motivo principal para o abandono escolar.*

²⁰Iturra, 1990: 17

²¹ Ferrão, João e outros. 2000:75

²² SIETI – Sistemas de Informação Estatística sobre o Trabalho Infantil, *Caracterização Social dos Agregados Portugueses com Menores em Idade Escolar*, Trabalho Infantil em Portugal 2001, IEFP-GCM/NAP, Lisboa, 28 de Fevereiro de 2003.

Uma vez analisados os dados segundo “os motivos para faltar às aulas”, o principal motivo, com 74,3%, é a *falta de interesse. (...) a distância entre os menores e a escola se deve a questões associados à própria instituição escolar e não a questões relacionadas pelos menores com o desempenho da actividade em si, surgindo a escola, na percepção e representação dos próprios menores, como uma realidade algo desinteressante e para a qual não se sentem muito motivados.*

O trabalho desqualificado e sazonal poderão servir de impulsionadores para o abandono escolar precoce em jovens provenientes de famílias com carências económicas, sendo que o seu “impacto será tanto mais eficaz quanto mais vulneráveis forem as famílias ao seu apelo.”²³

Numa lógica cultural do: *aquele gastou tanto tempo a tirar um curso e agora está em casa no desemprego*, a realidade urgente e autêntico revelar ser o do: o meu pai é pedreiro e ganha bem, ou o meu primo trabalha mas vacas e dá-se muito bem.

O mercado de trabalho e as condições locais de inserção são essenciais para impulsionar ou desmotivar a progressão no percurso escolar enquanto *garantia de um futuro melhor*, tanto para as famílias como para os próprios jovens.

Organizações escolares; segundo Iturra, “a função da escola é expandir por toda a população, uma lógica argumentativa/dedutiva, informada das leis naturais que regem o universo, e dos princípios que participam na regulação da interacção entre os seus cidadãos.”²⁴

A forma como a escola está organizada determina em muitos dos casos a forma como o aluno está *aberto* a receber a educação que lhe é proporcionada.

Do urbano ao rural, as estruturas escolares regem-se por regras preestabelecidas de organização, num sistema rígido, não permitindo regionalismos nem excessos.

A forte centralização que o controlo político implica, não permite adaptar os esquemas nacionais de concepção do real às realidades locais com que o real vive.

²³ Ferrão, João e outros, 2000:51

²⁴ Iturra, 1990: 16

Em regiões onde a língua permanece como obstáculo à aprendizagem, vai do professor a vontade de aprender para ensinar. Os regionalismos e o próprio *sotaque* poderá impor uma barreira à relação necessária entre professor e aluno para que esse queira *entender* e se sintam *entendidos*. “a linguagem utilizada pelos docentes não é descodificável por uma larga parcela das crianças ou dos jovens”²⁵

As escolas queixam-se de falta de meios e de falta de orientações pedagógicas adequadas à nova realidade, demitindo-se assim da responsabilidade e da culpa do insucesso escolar, até porque para muitos *os alunos não estão interessados em aprender*.²⁶

Os estudos sobre o abandono escolar são unânimes quanto à existência de causas múltiplas, segundo os países, as regiões, o grau de ensino, os contextos económicos, sociais e familiares. Mas uma dessas causas é muito frequente: “*os alunos que abandonam têm problemas com a escola e foram já por ela abandonados, em muitos casos. Só ocasionalmente se encontra um bom aluno, entusiasmado, com projectos escolares, que renuncia à escola. As situações mais frequentes de abandono estão associados a fracassos e repetências.*”²⁷

²⁵ Ferrão, João e outros, 2000: 81

²⁶ Ferrão, João e outros 2000: 77. Referência à “Desmotivação e a falta de preparação dos professores para lidarem com crianças problemáticas”

²⁷ Benavente e outros, 1994 :25

2. Plano Metodológico

O presente estudo de investigação visa identificar as razões que levam ao abandono escolar nomeia como *principais variáveis explicativas* para a análise do sucesso/insucesso escolar das crianças, as suas expectativas escolares e as dos professores e organização escolar e que tipo de relação existe entre a escola e a família destes alunos.

Marcando como indicadores destas variáveis os níveis de aprovação e de retenção dos alunos, os níveis de aproveitamento, de interesse, de indisciplina, de assiduidade e até as condições socioeconómicas da família de origem e o seu grau de participação na vida escolar dos filhos.

Analisando as perspectivas e/ou estratégias de futuro destas crianças, ou seja, até quando pensam estudar, que profissão pensam ter, em que idade se pensam começar a trabalhar.

Numa primeira abordagem especula-se que reside na falta de valorização escolar por parte dos progenitores e comunidade local, a falta de perspectivas futuras dentro das referências locais, a disfuncionalidade educativa ou desadequação escolar na transição do 1º ao 2º ciclo de ensino e/ou a falta de acompanhamento e modelos de orientação e apoio destes alunos que conduzem ao insucesso e conseqüente abandono.

A Metodologia de investigação utilizada na pesquisa de terreno compreendeu inicialmente a consulta de 200 processos individuais referentes à totalidade de alunos que iriam transitar em 2008 para o 2º ciclo, de todas as 8 escolas do 1º ciclo do ensino básico do concelho de Vila Franca do Campo de modo a identificar aqueles que estão já sinalizados como apresentando alguns *problemas*, desta forma identificado os possíveis *alunos em risco de insucesso*.

A opção desta metodologia de investigação prende-se com a observação das *experiências escolares no momento em que são vividas*, de forma a adquirir uma compreensão global das diversas situações de insucesso e possível abandono destas crianças. Procurarei com isto, isolar o *possível problema* de retenção no 2º ciclo.

O universo escolhido para o diagnóstico da situação de abandono foi a comunidade escolar (alunos, professores e famílias) do 1º e 2º ciclo de ensino.

A amostra deste universo analisado compreende os pais e/ou família dos alunos, os professores (futuros e passados) dos alunos e as próprias crianças identificadas como estando *em possível risco*, que iniciaram no ano lectivo 2008/2009 o 5º ano de escolaridade do 2º ciclo na Escola Básica e Secundária do concelho de Vila Franca do Campo ou que estão em estado de retenção e irão repetir o 5º ano de escolaridade.

Os instrumentos de investigação privilegiados, neste trabalho, são a análise documental, entrevista em profundidade, observação dos locais, das pessoas os seus comportamentos e interacções verbais²⁸. Com o acompanhamento à situação escolar dos actores da pesquisa durante o ano lectivo.

Uma vez identificados os alunos (nome, idade, director de turma, professor de ingresso, escola de origem, família, local de origem e história escolar), seleccionou-se um grupo significativo de 15 crianças de 8 turmas de freguesias dispersas e diferenciadas do concelho de Vila Franca do Campo, de modo a traçar a sua história de vida e explorar como o abandono escolar se articula com os seus contextos de pertença, vivências passadas, situações presentes e expectativas de futuro.

O primeiro contacto foi realizado oficialmente para o Conselho Executivo a requerer autorização para prosseguir com o estudo mediante entrevistas com professores e alunos seleccionados. De seguida telefonicamente, com a presidente do Conselho Executivo foi-me afirmada a concordância e relatada a expectativa positiva depositada nos resultados do estudo.

Em Dezembro, no final do primeiro período contactei com os 5 professores dos 15 alunos identificados para apurar as expectativas em relação ao desempenho dos mesmos enquanto *informantes privilegiados*²⁹ de forma a ponderar qual o peso do historial do aluno que transitou processualmente com este.

O contacto com os professores foi relativamente fácil, uma vez que já conhecia alguns de reuniões oficiais, em equipa multidisciplinar ou assembleia escolar.

As entrevistas seguiram uma dinâmica de *conversas informais* com um guião não limitativo. Foram reveladas inseguranças quanto aos desempenhos mostrados e

²⁸ António Firmino da Costa 1986:132 *As técnicas de recolha e de registo da informação*

²⁹ Firmino da Costa, António, 1986:139 *Os informantes privilegiados*

esperados dos alunos. Por vezes até a pré determinação (ainda no 1º período) de chumbo declarado.

De seguida oficializei por meio de carta registada a intenção do estudo e a necessidade de contactar com os pais e os filhos para entrevistas às casas dos alunos identificados.

Dos 15 alunos identificados para os estudo, infelizmente só foi possível entrevistar 10, e destes somente 5 dos progenitores se mostraram disponíveis para serem entrevistados para os estudo. Felizmente continua a existir uma boa abrangência geográfica do concelho, sendo que continuam a ser abrangidas todas as escolas inicialmente seleccionadas.

Na maior parte dos casos os jovens *vinham ao meu encontro*, sendo uma figura conhecida no concelho pelo trabalho na área social da autarquia e tendo desempenhado trabalho tanto na protecção de menores com no acompanhamento às famílias realojadas pela autarquia, foi fácil a aproximação dos jovens.

“Para que o impacto seja, de facto, negociável, é necessário que o investigador faça parte daquele contexto social ou esteja com ele fortemente familiarizado por socialização ou aproximação.”³⁰

Uma vez as conversas iniciadas e tendo encontrado *o ponto de descontração*, os jovens relataram as suas expectativas actuais e futuras os seus desejos e anseios relativamente à escola e à sua futura vida profissional. A relação que mantêm com os pais e a escola, o papel dos professores nas suas decisões e até os interesses que têm para além da escola.

“Pode dizer-se que a pesquisa de terreno é, em boa medida, a arte de obter respostas sem fazer perguntas. As respostas obtêm-se no fluxo da conversa informal e da observação directa, participante e continuada.”³¹

Na possibilidade de contacto com os pais, estes na maior parte das vezes revelavam a angustia de não conseguir que os filhos tivessem *gosto pelos estudos* e justificavam contando as suas histórias de abandono escolar precoce. Todos desejam um futuro melhor para os filhos mas sentem-se incapazes de mudar o destino a que assistem dos filhos.

³⁰ Firmino da Costa, António, 1986:135

³¹ Firmino da Costa, António, 1986:138

Destas entrevistas foi possível apurar dados importantes para o estudo.

Não verifiquei problemas de maior, a não ser no contacto às outras famílias que simplesmente nunca contactaram ou informaram a professora que não estavam interessados em ser análise de estudo. Houve um episódio em que houve contacto domiciliário com a mãe e o jovem, que concordaram que no dia a seguir a entrevista podia-se realizar lá na casa da família. Após deslocação até à freguesia em questão e aproximação da casa e aguardar algum tempo à porta, a filha mais velha da senhora apareceu para avisar que a mãe estava muito doente e que o irmão estava na rua. Não foi possível estabelecer novo contacto.

Em resumo, por vezes a proximidade à população é benéfico para o estabelecimento de *conversas* para apurar algumas informações úteis³². Nem sempre manter cargos como *O Pai dos Menores*³³ permite uma aproximação agradável das pessoas às conversas. Alguns dos pais enviaram os filhos directos ao meu gabinete porque achavam que o assunto era relacionado com a Comissão de Protecção.

Todas as entidades contactadas reagiram bem, Câmara Municipal e Conselho Executivo, professores, pais e alunos também aderiram muito bem e todos aguardam notícias do estudo.

Como diz Firmino da Costa, na verdade, é através da observação directa e da comunicação com os outros, processos de interacção que têm por suporte um quadro de relações sociais em que estão inseridos tanto os observados como o observador, que a informação sobre as realidades sociais que pretendemos conhecer nos chega. A inferência não é, pois, simplesmente, um obstáculo ao conhecimento sociológico ma também um veiculo desse conhecimento.

³² Firmino da Costa, António, 1986:135 *A pesquisa de terreno em sociologia*

³³ Designação local para Comissão de Protecção de Crianças e Jovens

3. Contextualização: *uma realidade açoriana*

Para uma análise mais correcta e justificada do insucesso e abandono escolar nos Açores, o ideal é olhar um pouco atrás à história da *escola* na região.

Segundo Miguel Silva, no seu livro *Instituições e Ideais Educativos nos Açores II - Reflexões*, em 1939 verificou-se a acentuação do *fosso entre níveis culturais das populações rurais e as citadinas; a própria escola criava uma larga faixa de mão-de-obra barata por ser muito pouco instruída*. A alteração entre Ministério para a Instrução Pública e a Educação Nacional, uniforme e nacionalista chegou também às regiões autónomas com *comando à distância* sobre os desígnios do Estado Novo. Algo reflectido nos eventos mais normais; com na presença nas festas escolares “dos dois mestres (o professor e o padre), lado a lado, na igreja e na escola, com discursos em perfeita sintonia nacionalista e religiosa”³⁴

A Autonomia Açoriana seguia a rasto do desejo nacional e aguardava orientação. Em 1956 Portugal instituiu a obrigatoriedade da 4ª classe para os rapazes e mais tarde para as raparigas foi instituída em conformidade com o resto da Europa.

Durante anos as ilhas seguiram o rumo que lhes estava traçado, remetidas à exclusão pela distância e pela falta de poderes próprios, de autonomia num regime político que se rege por leis próprias. Baseado no princípio de que está depositado na instrução a esperança de desenvolvimento da região, os Açores tem na sua luta autonómica a educação sempre em primeira linha.

Em 1964 Galvão Teles criou o Instituto de Meios Audiovisuais e de Ensino e *a muito valorizada Telescola. Os cursos eram dados por meio da radiodifusão e da televisão escolar e destinavam-se às populações rurais e suburbanas longe dos centros*. Segundo Silva (...) *Representou para muitos e muitas jovens dos Açores um passo maior no seu desenvolvimento intelectual, feito na própria aldeia*.

³⁴ Silva, Miguel e Susana Costa “instituições e ideais educativos nos Açores II” Teixeira Dias (org), s/d:172

Segundo os Censos de 1970, só 71% da população açoriana entre os 6 e os 14 anos frequentava a escola, sendo que 34,4% eram analfabetos. “as causas da situação distribuem-se pela falta de infra-estruturas e disseminação das mesmas”³⁵

A maior reforma do sistema educativo português saiu em 1973 com a Lei de Bases e a *nova história de Portugal* estava prestes a começar. Nos Açores, as ilhas distantes entre si e divididas em distritos viviam muitas vezes mais afastadas entre si, mas unidas por ideais autonómicos e agregadas em princípios pela Secretaria Regional da Educação e Cultura. “O 25 de Abril devolveu a liberdade ao povo português, a independência às províncias ultramarinas e promoveu a autonomia às ilhas atlânticas”³⁶

No ano de 1976 a Madeira e os Açores são constituídas regiões autónomas providas de estatutos político-administrativos e de órgãos de governo próprio; Assembleia Regional e o Governo Regional. Agora munidos de um regime económico e financeiro mas limitados em poderes dos órgãos regionais, e mantendo a incapacidade de criar um currículo próprio açoriano. A maior criação autonómica escolar foi o Instituto Universitário dos Açores que mais tarde se elevaria a Universidade dos Açores.

“(…) o desenvolvimento de muitas regiões foi quase sempre precedido por apostas fortes na educação...Por tais motivos, não é de estranhar que sendo os Açores, à época da proclamação da Autonomia, considerados uma região pouco desenvolvida, tenham feito uma aposta sincera na tentativa de desenvolver a educação”³⁷

O Decreto Legislativo Regional N°15/2001/A procurou introduzir os currículos escolares de índole regional e local sem prejuízo da unicidade curricular do sistema educativo. Em resolução de Novembro do mesmo ano, o assentamento da açorianidade num currículo regional do ensino básico, nas áreas disciplinares mais relevantes.

Em 2001 registava-se que existia uma população de 63 727 crianças/jovens com idades compreendidas entre os 0 e 17 anos, na região Autónoma dos Açores.

De acordo com a Divisão de Planeamento e Estatística – DPE, para a Região Autónoma dos Açores, SREC/Direcção Regional da Educação, os *Indicadores da Educação*

³⁵ Idem, s/d:259

³⁶ Idem, s/d:254

³⁷ Idem, s/d: 266

revelam que houve para a RAA no ano lectivo 2003/2004 um total de 2525 matriculas para o 10º ano, 1919 matriculas para o 11º ano e 1936 matriculas para o 12º ano, determinando assim um total de 6380 alunos matriculados na rede pública do ensino secundário em currículo regular na RAA. Apresentando uma taxa de transição/Conclusão do ensino secundário de 61,4%. Comparativamente, no ano lectivo 2002/2003 houve um total 6868 matrículas para o mesmo sistema de ensino secundário com taxa de transição/Conclusão de 60,4%.

Especificamente, para a ilha mais populosa da região autónoma dos Açores, São Miguel, apresentava um total de 3476 matrículas para o ensino secundário em 2003/2004.

No Portal da Educação do Ministério da Educação lê-se o seguinte: *“Além do aumento do número de alunos, em particular nos cursos profissionais, há a assinalar a melhoria dos resultados dos estudantes e a diminuição dos números do insucesso e do abandono escolares. No entanto, vários estudos continuam a apontar como principais factores de abandono escolar, neste nível de ensino, as dificuldades económicas das famílias e a necessidade de os jovens começarem a trabalhar.”*³⁸

O Secretário Regional da Educação e Ciência afirmou que *os Açores têm somente 30 anos de políticas educativas a sério e que a grande expansão da rede escolar ocorreu a partir dos anos 80. Admitiu, igualmente, que na Região ainda há pouca valorização social, realidade que surge associada, por vezes, a fenómenos de pobreza que levam para o interior das escolas um grande número de problemas”*.³⁹

o estudo realizado pelo IAS - Instituto de Acção Social, publicado em 2003 – evidenciou o facto da problemática do abandono escolar estar directamente relacionada com as baixas ou inexistentes qualificações escolares – quer os objectivos da medida - inserção profissional e autonomia social – *julgamos necessário atribuir ênfase às acções de inserção na área da educação*

³⁸ Portal da Educação/ Ministério da Educação

³⁹ No Portalacores.com 2006-04-03 23:41:46, artigo: *Formação profissional com uma história de sucesso nos Açores.*

Segundo a Dra. Margarida Fernandes, Representante da Educação para o NLI de Velas, (2003) “*O Absentismo é sem dúvida o maior problema que a escola enfrenta tendo em conta a falta de motivação de alguns alunos pelos estudos, origina insucesso escolar, daí que o cumprimento e recuperação da escolaridade obrigatória seja um projecto arrojado para qualquer escola*”

Um Diagnóstico das Situações de Perigo nos Açores sob o olhar das CPCJ, é o título do relatório que teve como finalidade efectuar um diagnóstico das situações de perigo que afectam as crianças e jovens acompanhadas pelas Comissões de Protecção de Crianças e Jovens da Região Autónoma dos Açores, a partir da análise dos processos de 2005. Este estudo constituiu uma das acções do PROJUS, Plano Regional para o Desenvolvimento Integrado de Públicos que tem como áreas de intervenção a promoção e protecção, a justiça e a mobilidade humana.

Considerando que este estudo (teve como base a participação de dezassete das dezoito CPCJ dos Açores), procurava um levantamento de dados que permitissem detectar as especificidades locais, com vista à implementação de uma filosofia de intervenção integrada, sustentada na investigação-acção e adequação a cada contexto territorial.

Segundo o estudo *O levantamento de dados relativos ao diagnóstico de crianças e jovens em perigo permite-nos apurar um total de 302 processos abertos no 2º semestre de 2005, nas CPCJ dos Açores*. Refira-se que, para o total do ano de 2004, a Comissão Nacional de Protecção de Crianças em Risco, registou um volume de 640 processos abertos a nível regional. Se fizermos uma divisão bruta (tendo em atenção, porém, que o número de processos não se repartirá equitativamente pelos dois semestres) obteremos um número de 320 casos por semestre.

“A ilha de São Miguel totaliza 165 processos referentes a crianças e jovens em perigo, sendo que nesta ilha existem 6 comissões, distribuídas por todos os concelhos: Lagoa, Nordeste, Ponta Delgada, Povoação, Ribeira Grande e Vila Franca do Campo.

Considerando que existe uma população de 63727 crianças/jovens com idades compreendidas entre os 0 e 17 anos, na região Autónoma dos Açores – dados referentes aos Censos 2001, Vila Franca do Campo regista 3324 com 19 dos 302 processos.

Verificou-se que na caracterização das crianças/jovens dos processos das CPCJ, a idade mais frequente são dos 11 aos 15 anos, com uma percentagem de 32,8% e dos 6 aos 10 anos com um valor de 30,8%.

Na avaliação das habilitações literárias das crianças e jovens teve-se como principal objectivo a detecção de possíveis necessidades de escolarização do público em estudo. Do mesmo modo, esta identificação de situações de insucesso/abandono escolar poderá também servir de base para a delimitação local da incidência desta problemática.

Verificou-se que a maioria das crianças e jovens (25,8%; 78) não têm o 1º ciclo do ensino básico. De notar que tal pode-se justificar pela predominância de crianças e jovens de idades baixas. 20, 9%; 63, não possuem idade escolar, 8,9%; 27, frequentam a pré-primária, 20,5% têm o 1º ciclo do ensino básico completo. Cruzados estes dados com as respectivas idades detectou-se alguns atrasos na progressão escolar.

Se se considerar o intervalo de idades dos 11 aos 15, encontra-se um conjunto de 15 dos 99 jovens que ainda não possuem o 1º ciclo. No grupo etário dos 16 aos 20 anos contamos com um total de 8 dos 23 jovens que apenas possuem o 1º ciclo e 4 que detêm o 2º ciclo completo.

Embora a maioria do público sinalizado se encontrasse a frequentar o ensino escolar (49,0%; 148) de referir, no entanto, que 10,9% já não se encontra na escola. Acrescenta-se que as situações de não frequência escolar referem-se essencialmente a crianças e jovens dos 11 aos 15 anos de idade e que saíram do sistema de ensino com o 1º ciclo completo.”

Quadro 1 – população residente no arquipélago dos Açores

<i>Ilhas Açores</i>	SANTA MARIA	SÃO MIGUEL	TERCEIRA	GRACIOSA	SÃO JORGE	FAIAL	PICO	FLORES	CORVO	<i>TOTAL</i>
<i>População Residente 2007/8</i>	5578	131 609	55 833	4780	9674	15 063	14 806	3995	425	241 763

Com base neste quadro que referencia o número de habitantes por Ilha olhemos agora os números referentes ao 2º ciclo do ensino público 2007/2008 nos Açores.

Quadro 2 – alunos no 2º ciclo do ensino público 2007/2008 nos Açores.

CURRÍCULO REGULAR 2º Ciclo	Matriculas		Retenções		Desistências		Abandono	
	M	F	M	F	M	F	M	F
TOTAL	3669	3526	367	175	35	12	12	11
Ilhas /Cidades								
Santa Maria - Vila do Porto	91	90	9	5	-	-	-	-
São Miguel	2224	2123	250	128	24	8	9	8
Ponta Delgada	1141	1098	101	54	6	3	-	1
Ribeira Grande	454	441	48	11	10	4	-	2
Lagoa	252	233	48	38	1	1	-	-
Povoação	94	97	8	4	3	-	1	-
Vila Franca	220	189	39	17	4	-	7	5
Nordeste	63	65	6	4	-	-	1	-
Terceira	788	771	66	22	8	4	3	3
Angra Heroísmo	451	441	31	14	7	3	-	-
Praia Vitória	337	330	35	8	1	1	3	3
Graciosa – Santa Cruz da Graciosa	65	48	5	1	1	-	-	-
São Jorge	104	103	10	4	1	-	-	-
Velas	62	61	9	4	1	-	-	-
Calheta	42	42	1	-	-	-	-	-
Pico	173	176	20	11	1	-	-	-
São Roque	50	46	8	5	-	-	-	-
Madalena	78	71	1	-	-	-	-	-
Lajes do Pico	45	59	11	6	1	-	-	-
Faial – Horta	185	176	6	3	-	-	-	-
Flores – Santa Cruz das Flores	34	37	1	1	-	-	-	-
Corvo – Vila Nova do Corvo	5	2	-	-	-	-	-	-

Dados : Região Autónoma dos Açores SREF/ Divisão de Planeamento e Estatística – DPE

De um total de 7195 matriculas houve 542 retenções, 47 desistências e 23 abandonos ao sistema escolar no ano lectivo de 2007/2008.

Ao olharmos melhor em pormenor a tabela verifica-se que Vila Franca apresenta os números mais elevados da região, isto é, em 12 casos de abandono nos rapazes, 7 são de Vila Franca e igualmente no sexo feminino, de um total de 8 abandonos em São Miguel 5 são da Vila. Enquanto que os casos de abandono nos outros concelhos da região aparenta estar a dissipar em Vila Franca os números são persistentes.

Quadro 3 – população dos Açores fase ao número de alunos

<i>Ilhas Açores</i>	SANTA MARIA	SÃO MIGUEL	TERCEIRA	GRACIOSA	SÃO JORGE	FAIAL	PICO	FLORES	CORVO	TOTAL
<i>População Residente 2007/8</i>	5578	131 609	55 833	4780	9674	15063	14806	3995	425	241763
<i>Matriculas 2º ciclo</i>	181	4347	1559	113	209	361	349	71	7	7195
<i>% fase à população</i>	3,2%	3,3%	2,8%	2,4%	2,2%	2,4%	2,4%	1,8%	1,6%	3%
<i>% Retenções fase às matriculas</i>	7,7%	8,7%	5,6%	5,3%	6,7%	2,5%	8,9%	2,8%	-	7,5%

Dados : Região Autónoma dos Açores SREF/ Divisão de Planeamento e Estatística – DPE

Verifica-se que a percentagem de matriculas fase à população para cada ilha é relativamente constante, a rondar os 3%.

Comparativamente, constata-se que as percentagens de retenções fase às matriculas efectuadas são algo disparas, mas não de forma alarmante. Sendo que, os maiores números de retenções pertencem à Ilha do Pico e de São Miguel.

Observa-se que, enquanto São Miguel é a Ilha mais populosa, e daí a questão parece *diluir-se*, a ilha do Pico, por seu turno é das *mais pequenas* com 32 retenções numa população matriculada de 349.

Enquanto que no Faial, Ilha com aproximadamente a mesma dimensão e percentualmente também equiparada ao nível do número de matriculas que o Pico, existe uma disparidade entre elas. Sendo que o Faial apresenta uma percentagem de retenções na ordem dos 2,5%.

Quanto à desistência e abandono, é fácil ver que nas ilhas mais pequenas e de menor densidade populacional as situações são quase nulas. Ficando São Miguel e Terceira com maior ocorrências.

Quando 7,5% da população matriculada no 2º ciclo, 7195 alunos, fica retida, inicia-se um ciclo de insucesso. Conjugado com a falta de aspirações futuras, ausência de figuras de referência e inexistência de valorização escolar por parte dos familiares e comunidade, estes números tornam-se virtualmente maiores e assustadores.

“Se tivermos em conta as características sociais dos protagonistas desses trajectos escolares vemos que a posse de menos recursos económicos, sociais e culturais tende a oferecer menores garantias de sucesso educativo.”⁴⁰

Numa região fisicamente afastada do poder central, fustigadas pela intempéries reais e sociais da insularidade, onde congregada a uma união europeia deverá apresentar números *agradáveis à vista*. Mas sabendo que *o que está longe da vista não faz moça*, pouco se consegue fazer para alterar esta situação.

3.1. Dados actuais relativos aos Açores – São Miguel - Vila Franca do Campo

Julga-se pertinente para este estudo referência ao dados do Núcleo Local de Inserção sobre os beneficiários do Rendimento Social de Inserção uma vez que abrange e caracteriza a população em análise.

Os dados apresentados constam do sistema estatístico da Segurança Social referentes ao primeiro trimestre de 2006, sendo referentes a Dezembro de 2005, *“importa ressaltar que os números apresentados fazem parte integrante de um sistema informático em permanente actualização, não devendo ser considerados como valores definitivos, possibilitando apenas a análise e interpretação de uma tendência num determinado momento”*

Quadros 4 e 5- Total de famílias do RSI por ilha e % face as famílias residentes nos Açores

	Agregados beneficiários de RSI	Agregados Residentes	%		Beneficiários	População Residente	%
Santa Maria	145	1.814	8	Santa Maria	406	5.578	7,3
São Miguel	3.088	36.600	8,4	São Miguel	11.800	131.609	9,0
Terceira	1.047	17.271	6,1	Terceira	3.539	55.833	6,3
Graciosa	134	1.760	7,6	Graciosa	434	4.780	9,1
São Jorge	150	3.237	4,6	São Jorge	469	9.674	4,8
Faial	99	4.788	2,1	Faial	360	15.063	2,4
Pico	104	4.829	2,2	Pico	317	14806	2,1
Flores	53	1.392	3,8	Flores	160	3.995	4,0
Corvo	3	155	1,9	Corvo	12	425	2,8
Total	4.853	71.846	6,7	Total	17.497	241.763	7,2

⁴⁰ Palos 2009 :7

Verifica-se que segundo as tabelas apresentadas, da população residente em São Miguel – 131 609 que corresponde a 36 600 famílias das quais 3088 são beneficiárias do Rendimento Social de Inserção o que representa efectivamente um total de 11 800 pessoas, 9% da população de São Miguel.

Segundo dados do recente plenário RSI do NLI de Vila Franca do Campo (Junho 2008), com base nos Censos de 2001, cumpre-se a seguinte distribuição:

Quadro 6 - Distribuição por freguesia e % face à População Residente (06/2008)

Quadro 7 - Distribuição por sexo e grupo etário (06/ 2008)

Freguesia	Nº Beneficiários	População Residente	% Face à Pop. Residente
Água de Alto	226	1624	13,92%
Ponta Garça	264	3577	7,38%
Ribeira das Tainhas	65	782	8,03%
Ribeira Seca	47	-	-
São Miguel	177	4047	5,53%
São Pedro	67	1120	5,98%
TOTAL	846	11150	7,06%

Idade	Sexo		Total	%
	Masculino	Feminino		
<=18	184	189	373	-
19-29	37	74	111	-
30-49	66	61	127	-
50-64	58	87	145	-
>=65	47	43	90	-
TOTAL	392	454	846	100

As principais problemáticas identificadas nos beneficiários de RSI segundo o NLI de VFC são:

- Baixa Escolaridade / Analfabetismo
- Absentismo/Abandono Escolar
- Trabalho/ Rendimentos Irregulares (trabalho ao dia)
- Regimes de Contratos Precários
- Desemprego
- Falta de Respostas ao Nível Local
- Alcoolismo
- Toxicodependência

Verifica-se ainda importante a distribuição da população beneficiária de RSI segundo o tipo de ocupação e as tipologias familiares existentes:

Quadro 8 e 9 - distribuição da população beneficiária de RSI segundo o tipo de ocupação e as tipologias familiares

Ocupação		Tipologia familiar		
			N.º	%
Com ocupação	106	Monoparental feminina	5	22
Sem ocupação	14	Nuclear com filhos	18	78
Doméstica	162	Total	23	100
Desempregado	68			
Pensionista	83			
Estudante	282			
De 5 anos	129			
Total	844			

Em resumo, segundo os dados recolhidos, os beneficiários de Rendimento Social de Inserção em Vila Franca do Campo são primordialmente:

- Famílias nucleares com filhos;
- Maioritariamente jovens e em idade activa para trabalho;
- Com baixa escolaridade (com predominância do 1.º Ciclo do Ensino Básico);
- Onde as problemáticas incidem mais ao nível do absentismo/abandono escolar, o desemprego e trabalho irregular/precário;
- As áreas de intervenção com maior incidência são: organização doméstica e economia familiar.

3.2. Dados sobre Vila Franca do Campo⁴¹

O concelho de Vila Franca do Campo, com uma área total de 78 km² e 11 150 habitantes (2001) , está situado na costa sul da ilha de São Miguel, no Arquipélago dos Açores



Figura 1 – Ilha de São Miguel

O concelho de Vila Franca do Campo situa-se no centro/sul da Ilha de São Miguel rodeado pelos concelhos da Povoação (a nordeste), Ribeira Grande (a norte) e Lagoa (a sudoeste).

São seis as freguesias deste concelho: (sentido W-E) **Água d'Alto**, **São Pedro e São Miguel** (as duas que compõem a Vila), **Ribeira Seca**, **Ribeira das Tainhas** e **Ponta Garça**.

Figura 2 – Concelho de Vila Franca do Campo



⁴¹ www.Wikipedia.com e www.cmvfc.pt

O concelho de Vila Franca do Campo é o mais antigo concelho da ilha de S. Miguel, embora não se conheça a data certa da fundação de Vila Franca do Campo. Sabe-se apenas, com base em fontes documentais, que já ultrapassou, em muito, os 500 anos de existência. Aqui se refugiaram os poucos sobreviventes ao terramoto de 1522, que destruiu quase completamente a primeira Vila.

No lugar onde depois se ergueu o Convento de São Francisco, foi erguida a primeira ermida pós-sismo, dedicada à Nossa Senhora do Rosário, a quem os Vila-franquenses rezaram por protecção nos dias imediatos à catástrofe.

Também aqui se centrou durante séculos a produção mais relevante em termos de indústria artesanal, a olaria de barro, que marcou um ciclo económico do Concelho e que ajudou Vila Franca do Campo a ser, até ao século passado, um importante entreposto comercial marítimo da costa sul de S. Miguel.

Como todas as vilas quinhentistas, Vila Franca do Campo desenvolveu-se a partir de um núcleo principal, e é na freguesia de S. Miguel que se situa o Centro Histórico da Vila, constituído pela Igreja Matriz, edifícios da Câmara Municipal, o Jardim Antero de Quental, Largo do Pelourinho e Hospital e Igreja da Misericórdia.

As freguesias de Vila Franca do campo são as seguintes: **Água d'Alto** com 18,44 km² de área e 1624 habitantes (2001). Densidade: 88,1 hab/km². Naturalmente vocacionada para o turismo, a freguesia de Água d'Alto conta duas das melhores praias da ilha de São Miguel, que habitualmente ostentam a bandeira azul: Água d'Alto e Prainha.

São Pedro com 2,48 km² de área e 1120 habitantes (2001). Densidade: 451,6 hab/km². **São Miguel** com 19,47 km² de área e 4047 habitantes (2001). Densidade: 207,9 hab/km². é a freguesia mais importante do município, onde se encontra a maior parte dos serviços, comércio e a câmara municipal.

A nova freguesia da **Ribeira Seca**, apresenta com uma clara vocação para a área do Turismo, contando nos seus limites territoriais com estruturas de lazer modernas e bem equipadas, entre as quais se contam um hotel, um parque de diversões aquáticas e um porto de recreio.

Ribeira das Tainhas com 9,91 km² de área e 782 habitantes (2001). Densidade: 78,9 hab/km². A freguesia é lugar de muitos pomares, esta freguesia foi criada em 1980. O seu nome está ligado às tainhas que regularmente apareciam na ribeira que a atravessa.

Ponta Garça com 31,38 km² de área e 3577 habitantes (2001), o que corresponde a uma densidade populacional de 115,1 habitantes / km². A freguesia localiza-se na zona central da costa sul da ilha de São Miguel, é a maior freguesia dos Açores em área e na extensão do seu povoado, que se desenvolve ao longo de uma estreita e sinuosa rua por mais de 6 km. Distanto cerca de 8,70km da sede município, Vila Franca do campo, a freguesia de Ponta Garça fica situada numa planície junto à costa da ilha de São Miguel. A vasta maioria das 1054 moradias recenseadas (2001), localizam-se ao longo da estrada longitudinal.

Em 2001, ano da realização do último recenseamento da população, Ponta Garça tinha 3574 residentes, o que representa um crescimento da população de 1,3% em relação a 1991, sendo uma das poucas freguesias dos Açores onde a população residente cresceu. Naquele ano, a população com idade igual ou inferior a 15 anos era de 28% do total, os adultos em idade activa (16 a 65 anos) correspondiam a 56% e o número de idosos (> 65 anos) a 16%.

A agro-pecuária, com destaque para a bovina cultura de leite, é a actividade económica dominante em Ponta Garça. A construção civil e as actividades a ela ligadas, incluindo o fabrico e a comercialização de materiais de construção, tem vindo a ganhar expressão em Ponta Garça, empregando quase o mesmo número de trabalhadores que a agro-pecuária. O comércio, em especial o retalhista e os bares e cafés, tem alguma expressão na freguesia.

Freguesia de Ponta Garça Situada numa planície junto à costa a sua criação remonta ao séc. XVI e o seu nome, segundo o cronista Gaspar Frutuoso, deve-se ao facto de aos primeiros povoadores da ilha ter lembrado uma garça. A sua economia assenta no sector primário. É a segunda maior bacia leiteira dos Açores. Vila Franca do Campo foi durante o primeiro século de povoamento a mais importante povoação da ilha de São Miguel, nela se fixando o capitão do donatário e as principais instituições da ilha (alfandega e ouvidoria), pelo que merece o epíteto de *primeira capital micalense*.

4. Condições e percursos dos alunos

O grupo de jovens analisado, para estudo de casos, formam um conjunto coeso nomeadamente, em hábitos, origens sociais e percursos escolares, sendo desta forma uma amostra aceitável para o estudo proposto sobre o insucesso e abandono nos Açores.

Agrupando a análise, com os rapazes em primeira lugar. Logo à partida na origem social, verifica-se que com excepção de um, todos os meninos provêm de famílias de classes baixas, onde o rendimento familiar baseia-se somente no ordenado do pai, trabalhador precário, sem patrão certo, nomeadamente sendo servente de pedreiro ou lavrador.

Todos, novamente, provenientes de famílias nucleares com filhos, sendo que o mesmo excluído da primeira análise também é constante agora nesta, uma vez que provêm de uma família reconstituída com novos irmãos da segunda união da mãe.

Relativamente ao percurso escolar, é notório verificar que quase todos são repetentes mais do que uma vez. A totalidade dos meninos têm Plano Individual implementado e estudo acompanhado com aulas de apoio.

É na relação com os professores que a amostra torna-se interessante, pois apesar de verbalizarem que na grande maioria dos casos “não gostar da escola”, revelam gostar de alguns professores. Principalmente os professores que leccionam as referidas aulas que “*gostem*”. Os professores por sua vez, revelam ambiguidade no que concerne à relação que têm com os meninos. “é preciso ter paciência”.

As expectativas escolares destes meninos revelam ser reais e a curto prazo. Ou seja, desejam completar a escolaridade obrigatória para poder ir trabalhar, ou mesmo conseguir pelo menos completar o ano em que se encontram actualmente, um vez que já estão com a idade mínima obrigatória para abandonarem a escola. O que vem ao encontro das suas expectativas de vida, pois demonstram todos uma necessidade de “ir trabalhar”.

De uma forma ou de outra revelam que poder *sair da escola*, como se de uma prisão se tratasse, é o grande objectivo da vida destes meninos. Apesar de reconhecerem que a escola é uma mais valia para melhorar as condições de empregabilidade, sentem que a continuação do percurso escolar é demasiado difícil e longo. Revelam ainda um dado

importante para este estudo, que os trabalhos procurados como ideais são *pedreiro* ou *lavrador*, sendo na maior parte dos casos reflexo de imagens de pessoas próximas da sua vida e convivência.

Os interesses que estes mantêm fora do ambiente escolar é pouco enfatizado pelos próprios. Revelam gostar de estar em casa e de jogar à bola na rua. Alguns participam em associações, nomeadamente, na banda, nos escuteiros e num clube de futebol, mas com pouco interesse. Aqueles que tratam de gado revelam grande interesse e conhecimento sobre aquilo que fazem.

Será interessante ainda analisar que todos participam activamente na catequese. Reconhecem o seu valor insubstituível e obrigatório, sem saber explicar claramente o seu porquê. Somente dizem que *é porque tem de ser, e sempre foi assim*. Contraditoriamente dizem gostar de “*tar lá*” mas que preferiam estar a fazer outra coisa e que até *vão obrigados*.

Relativamente às meninas, todas são provenientes de famílias nucleares com filhos, de classes baixas, com mãe doméstica e pai trabalhador de baixo rendimento. As meninas também são repetentes, duas com mais de uma retenção. A relação com os professores, não apresenta ser importante. É por vezes conflituosa mas reconhecem que é resultado do seu próprio comportamento.

A escola permanece uma etapa na vida, é vista como um mal necessário para a idade adulta. “*quando tiver idade saio da escola*”, não sabem o que querem fazer no futuro, gostavam de trabalhar *para ajudar*, mas revelam-se desorientadas quanto ao futuro próximo. Duas das meninas afirmam que não *gostam da escola*, e que *ficarão lá até a idade de sair*.

Existem ainda outras circunstâncias que poderão influenciar esta percepção *negativa* sobre a escola; a falta de motivação e acompanhamento do percurso escolar por parte dos progenitores, a falta de referências reais no seu ambiente familiar, o desalento face às sucessivas reprovações escolares e até a própria inaptidão para prosseguir o percurso escolar e a vontade de inserção numa profissão remunerada para afirmar a sua real entrada no mundo adulto.

4.1. Breve caracterização de cada criança

Maria

Tem 14 anos de idade, frequenta actualmente o 5º ano de escolaridade na escola na freguesia de São Pedro. Reside nos últimos 5 anos num bairro social na freguesia de Agua D'Alto onde a família foi realojada pela Câmara Municipal. A família é beneficiária do Rendimento Social de Inserção e é acompanhada pela CPCJ de VFC. Diariamente percorre cerca de 1km a pé de casa até à escola.

O seu percurso escolar começa com a frequência do ensino pré-escolar prosseguiu para o 1º ano e no 2º é retida 3 vezes depois no 3º ano de escolaridade é novamente retida 2 vezes e mais recentemente frequenta o 5º ano pela 2ª vez. A aluna frequentou o 1º ciclo na escola da freguesia de Agua D'Alto.

A Maria provém de uma família nuclear e numerosa de 4 irmãos, sendo ela a penúltima. A mãe é doméstica com o 3º ano de escolaridade e o pai analfabeto, serrador que trabalha os dias inteiros fora de casa nas matas no abate de árvores.

Diz que gostava de ser médica mas que é um sonho impossível de realizar e que o que pretende é pelo menos acabar o 9º ano. A mãe reconhece que “ela quer ser médica mas não vai conseguir, não é das pessoas mais inteligentes.” Segundo a professora “não tem atraso, o que acho é que é muito insegura, baixa auto-estima e falta de autonomia. Acho que esta baixa auto-estima vem de casa acharem que ela era atrasada. A mãe julgava que ela era atrasada porque agia como se fosse muito mais nova. Não sorri, está sempre de *cara fechada*. É bruta por natureza – falta-lhe a parte afectiva, sempre a *atrasada da família*.”

João

Tem 14 anos de idade, frequenta actualmente o 5º ano de escolaridade na escola na freguesia de São Pedro. Reside nos últimos 5 anos num bairro social na freguesia de Agua D'Alto onde a família foi realojada pela Câmara Municipal. Diariamente percorre cerca de 1km a pé de casa até à escola. A família é beneficiária do Rendimento Social de Inserção e é acompanhada pela CPCJ de VFC. O aluno frequentou o 1º ciclo na escola da freguesia de Agua D'Alto.

O seu percurso escolar começa sem a frequência do ensino pré-escolar tendo começado logo no 1º ano, no 2º é retido 3 vezes depois no 3º ano de escolaridade é novamente retido 2 vezes e mais recentemente frequenta o 5º ano pela 2ª vez. Beneficiou de um Plano Individual em 2007/2008

O João provém de uma família nuclear composta pelos pais, 3 irmãos e um primo acolhido pelos pais, sendo ele o mais velho. A mãe é doméstica com o 2º ano de escolaridade e o pai com o 4º ano, servente de pedreiro desempregado à mais de seis meses.

Diz que gostava de ser pedreiro que quer acabar o 6º ano porque “posso tirar a carta de moto”, e mais tarde pensar no 8º ano. Diz que o pai “diz sempre que não sei nada, que nunca faço nada na escola...quando faço mal ele briga.” Reconhece que “chumbei porque batia nos alunos, por nada. Eu não estudava, não fazia os trabalhos de casa.”

Segundo a professora “nunca devia ser integrado no ensino regular era indicado para um PERE (Programa Especial de Recuperação da Escolaridade), ... as dificuldades são um reflexo da falta de *pobreza de espírito* da família. Um desinteresse total com tudo, não só a vida como a escola”

Patrícia

Tem 12 anos de idade, frequenta actualmente o 5º ano de escolaridade na escola na freguesia de São Pedro. Reside nos últimos 2 anos na freguesia de São Pedro onde a família construiu a sua casa através de um Programa de incentivos à auto construção da habitação da Secretaria Regional de Habitação com o terreno cedido pela edilidade. A família é beneficiária do Rendimento Social de Inserção e é acompanhada pela CPCJ de VFC. Diariamente percorre cerca de 200m a pé de casa até à escola.

O seu percurso escolar começa com a frequência do ensino pré-escolar prosseguiu para o 1º ano e no 2º ano é retida 1 vez, depois é novamente retida no 5º ano onde está a frequentar pela 2ª vez com Plano Individual.

A Patrícia provém de uma família nuclear e numerosa de 5 irmãos, sendo ela a penúltima. A mãe é doméstica com o 4º ano de escolaridade e o pai desempregado com o 1º ano de escolaridade.

Diz que “com vinte anos vejo-me casada, sempre gostei de ter filhos. Gostava de ser casada com filhos. O meu marido seria pedreiro, é o melhor trabalho que há, para mim acho o melhor trabalho, ganham mais dinheiro. Gostava de ir trabalhar para um restaurante fazer comida”. Refere que nunca pensou fazer mais que o 9º ano, “se fosse mais acho que morria”, “não tenho ninguém na minha família que tirou mais que o 9º ano.” E ainda que “vou ter que esperar até aos 15 anos para sair da escola, isso se não for até aos 18, dizem que para sair da escola vai passar para os 18, é bastante tempo para esperar.”

A mãe reconhece a importância da escola para “tira a carta de conduzir, digo sempre para ter mais atenção nas aulas, queria que ela fosse mais do que eu. Mais do que fazer limpezas, tipo ser professora, cabeleireira, o que ela gostasse.” Revela ainda a sua frustração “dou porradas, poderes de porradas mas porrada não ensina, mais tarde vai-se arrepender.”

Para o pai “queria que ela tivesse o 9º ou mais, era uma alegria. O 9º era o suficiente. Se ela chumbar outra vez vai ser fechada para aprender a ler e a escrever.”

Segundo a professora “a aluna é satisfatória mas desinteressada. Tem um aproveitamento pouco satisfatório, é esperta mas não consegue canalizar a inteligência para os estudos, tem interesses divergentes aos interesses da escola.” Reconhece que o problema ultrapassa a intervenção da escola “a família é muito problemática, com um QI muito baixo, ela tem um QI acima da família e consegue manipular os pais. Ela é uma pré-delinquente, *vai vivendo*, andar pela rua com os amigos. O processo foi remetido para tribunal porque a CPCJ alegou não ter condições para trabalhar com a família.”

Augusto

Tem 12 anos de idade, frequenta actualmente o 5º ano de escolaridade na escola na freguesia de Ponta Garça. Reside no último ano num bairro social na freguesia de Ponta Garça onde a família foi realojada pela Câmara Municipal tendo sido transferido da freguesia de São Miguel de onde é original. A família é Beneficiária do Rendimento Social de Inserção e é acompanhada pela CPCJ de VFC. Diariamente percorre cerca de 1.5km a pé de casa até à escola.

O seu percurso escolar começa sem a frequência do ensino pré-escolar tendo ido directamente para o 1º ano e no 2º ano é retido com Plano Individual depois no 4º ano de escolaridade é novamente retido e, mais recentemente frequenta o 5º ano pela 2ª vez. O aluno frequentou o 1º ciclo na escola da freguesia de São Miguel e mais tarde foi transferido no 4º ano de escolaridade para Agua D'Alto.

O Augusto provém de uma família nuclear de 3 irmãos, sendo ele o mais velho. A mãe é funcionária sazonal na fábrica da conserva com o 1º ano de escolaridade e o pai tem o 2º ano de escolaridade, toxicodependente e desempregado de longa duração. Ambos declaram não saber ler nem escrever.

Quando questionado sobre o que gostava de fazer no futuro responde que “ainda na pensei nisso, gosto de lavrador mas os meus pais dizem que é muito trabalho, dizem que é melhor tentar uma profissão melhor. Bombeiro é bom, salva pessoas, ganha dinheiro pra ajudar a família.” Diz querer acabar o 6º ano sem mais planos para o futuro.

Não foi possível contactar com os pais do Augusto.

Segundo o professor “não existem expectativas positivas em relação ao desempenho académico do aluno. Ele está só de corpo presente, só aceitou no Plano Individual ser assíduo e pontual fazer os TPC's já era muito trabalho.” Refere ainda que o aluno “apresenta *mãos de trabalho*, parece triste, cansado, mal alimentado, *sofrido*. Aparece sujo, mal vestido com poucos cuidados de higiene. Houve uma criança que pediu para não ficar perto dele porque ele cheirava mal.”

Jessica

Tem 12 anos de idade, frequenta actualmente o 5º ano de escolaridade na escola da freguesia de São Pedro. Reside na freguesia de São Miguel onde frequentou o 1º ciclo. Diariamente percorre cerca de 500m a pé de casa até à escola.

O seu percurso escolar começa sem a frequência do ensino pré-escolar tendo prosseguido logo para o 1º ano e no 2º ano é retida e mais recentemente frequenta o 5º ano pela 2ª vez. Em 2007/2008 foi elaborado um Plano Individual que foi reformulado duas vezes posteriormente. A aluna frequentou o 1º ciclo na escola da freguesia de São Miguel.

A Jessica provém de uma família nuclear de 2 irmãos, sendo ela a mais velha. A mãe é doméstica com o 4º ano de escolaridade e o pai é funcionário da Câmara Municipal exercendo a função de electricista com o 6º ano de escolaridade.

Diz que gostava de ser enfermeira “para ser enfermeira é preciso estudar, não muito, muito, muito, mas um bocadinho”. A mãe refere que “queria que ela tivesse uma vida limpa, não posso exigir muito dela, uma vida que ela levantasse e soubesse para onde ir, uma vida boa para ela, como enfermeira, professora não é demais, mas doméstica não, não queria esta vida pra ela.” Para o pai “o gosto dela, não vou escolher por ela. Ela diz muitas vezes que quer ser enfermeira, eu não vou escolher por ela, é o gosto dela, *não tiro a vontade.*”

Segundo a professora, a Jessica “vai continuar com o apoio e vai conseguir passar o ano, dentro das várias disciplinas vai chegar aos objectivos propostos.”

Francisco

Tem 10 anos de idade, frequenta actualmente o 5º ano de escolaridade na escola na freguesia de São Pedro. Reside na freguesia de São Pedro onde diariamente percorre cerca de 450m a pé de casa até à escola.

O seu percurso escolar começa com a frequência do ensino pré-escolar onde a mãe revela que na altura “a professora queria que ele ficasse mais um ano, eu insisti que ele fosse em frente pro 1º ano. Arrependo-me disso agora, pode ser que se tivesse ficado, não teria os problemas de agora.” O aluno prosseguiu para o 1º ano tendo percorrido os anos sempre sinalizados com problemas de aprendizagem. Em 2007/2008 foi elaborado um Plano Individual. O aluno frequentou o 1º ciclo na escola da freguesia de São Pedro onde se encontra actualmente.

O Francisco provém de uma família nuclear e numerosa de 9 irmãos, sendo ele o penúltimo. Partilha a habitação com 13 elementos do seu agregado familiar. A mãe é doméstica com o 6º ano de escolaridade e o pai é pedreiro com o 4º ano de escolaridade.

Diz que gostava de ser pedreiro ou bombeiro “o pedreiro ganha dinheiro, o bombeiro quando alguém está em perigo o bombeiro vai salvar, ou algum incêndio”. Diz que pretende estudar até ao 9º ano mas “não sei se vou passar este.” A mãe reconhece que “ele tem de estudar para ter uma vida, o benefício é pra ele não é pra gente, ele que

estude para ter um emprego bom. De professor pelo menos, não sei *o futuro a Deus pertence*, não sei, ele pode até desenvolver.”

Segundo a professora “não tem sido brilhante, mas tem conseguido, principalmente em ciências é uma disciplina mais interactiva. Está em risco de ficar retido, foi feito novamente um Plano Individual.” Refere ainda que “o ambiente familiar não deve estimular a linguagem, a oralidade, depois reflecte-se na falta de maturidade perante a escola e os estudos.”

Vasco

Tem 13 anos de idade, frequenta actualmente o 5º ano de escolaridade na escola na freguesia de Ponta Garça. Residiu nos últimos 5 anos no Canadá com a família.

O seu percurso escolar do aluno é desconhecido pelo que nunca foi transferido oficialmente o processo do aluno do Canadá. Dos documentos entregues pelos pais à escola vindos do Canadá, o professor titular regista que o aluno revela muitas dificuldades cognitivas. Consta do registo do aluno que este frequentou eventualmente a escola do 1º ciclo na freguesia de Ponta Garça. O aluno percorre diariamente um percurso de cerca de 1,5km a pé até à escola.

O Vasco provém de uma família nuclear de 3 irmãos, sendo ele o filho do meio entre duas meninas. A família está a residir actualmente em casa de familiares e um pouco *desenquadrados da realidade Açoriana* porque foram integrados no grupo de imigrante ilegais que foram recambiados para os Açores sem notificação prévia. Os pais, encontram-se ambos desempregados. A mãe tem o 4º ano de escolaridade e o pai o 5º ano de escolaridade.

Diz que gostava de “consertar carros. Mas se ficar aqui vou ficar lavrador.” Refere ainda que “no Canadá tou no 8º ano, era até aos 16, aqui é mais. Cá vou ficar até ao 12º, mas basta tirar a carta de lavrador. Talvez a carta com o 9º, depois começo a trabalhar. Posso trabalhar com os meus tios.” A mãe reconhece que “ ele *leva a escola numa vaidade*. O Vasco, *bem dito seja Deus*, não tem gosto prá escola, ele tem uma letra tão bem feita, eu digo, *Vasco eras para ser outro*.” Acrescenta ainda que “ele diz que quer vacas, mas o pai não é de vacas, não sei. Eu gostava que ele fosse mecânico, uma profissão *mais aquele*. Eu penso que não, que o Vasco pra escola não vai longe, só se aquela criança mudar, não gosta de *apreciar a cabeça*, gosta de *coisas de mão*.”

Segundo a professor “o aluno recusa trabalhar. Não tem interesse de fazer nada e nenhuma actividade da escola. É desorganizado, tem dificuldades na leitura e na escrita, tem problemas auditivos. Ele esteve muito tempo fora no estrangeiro e apresenta problemas de linguagem.”

Jorge

Tem 12 anos de idade, frequenta actualmente o 5º ano de escolaridade na escola na freguesia de São Pedro. Reside na freguesia de Ribeira das Tainhas com a família. Diariamente percorre cerca de 2,5km a pé de casa até à escola.

O seu percurso escolar começa com a frequência do ensino pré-escolar prosseguiu para o 1º ano e no 2º ano é retido com elaboração de Plano Individual e mais recentemente frequenta o 5º ano pela 2ª vez. O aluno frequentou o 1º ciclo na escola da freguesia de Ribeira das Tainhas.

O Jorge provém de uma família nuclear de 2 irmãos, sendo ele o mais novo. A mãe é actualmente doméstica a frequentar o ensino profissional no curso de *quartos e andares* e o pai exerce a profissão de camponês por conta de outrem e tem o 2º ano de escolaridade.

Diz que gostava de ser pintor “400 euros acho que é o que ganham, sempre juntando já dá uma bela conta senhora.” Questionado sobre até quando pretende estudar responde “vou estudar até ao 9º, para mim tirar a carta de carro. O 10º é muito longe, falta 5 anos.”

Não foi possível conversar com os pais do Jorge.

Segundo o professor “as dificuldades reais são a falta de estudo, falta de algum interesse pela escola, só a procura para ter a carta de condução.”

Luís

Tem 16 anos de idade, frequenta actualmente o 5º ano de escolaridade na escola na freguesia de Ponta Garça. Reside nos últimos 2/3 anos onde a família construiu a sua casa através de um Programa de incentivos à habitação de Auto-construção da Secretaria Regional de Habitação, com o terreno cedido pela edilidade. A família é

beneficiária do Rendimento Social de Inserção. Diariamente percorre cerca de 720m a pé de casa até à escola.

O seu percurso escolar começa com a frequência do ensino pré-escolar prosseguiu para o 1º ano e no 2ºano é retido e depois no 3º ano de escolaridade é novamente retido 3 vezes com Planos Individuais e num Programa Espacial de Recuperação da Escolaridade mais recentemente frequenta o 5º ano pela 2ª vez.

O Luís provém de uma família nuclear de 2 irmãos, sendo ele o mais velho. A mãe é doméstica com o 3º ano de escolaridade e o pai analfabeto com o 1º ano de escolaridade exerce a profissão de servente de pedreiro.

Diz que gostava de ser *engenheiro de obras* mas o importante agora é “passar o ano, quero passar, o professor disse que se continuasse sempre assim eu passo. Se perder esta ano é que saio da escola. Eu não queria isso mas pronto. Queria ficar até aos 18 anos pra tirar um belo curso, de construção civil. Ser engenheiro de obras. É um pouco difícil mas pronto, a minha escolaridade já tá muito atrasada.” Segundo a mãe “se não passar este ano vai trabalhar, *carregar blocos pra dentro.*” Refere que “eu digo ao Luís pra saber ler e escrever, pra ser pedreiro já há cursos. O que ele vai fazer carregar terra? Isso *mexe comigo.*”

Para o professor o Luís “não tem vindo a melhorar o desempenho, o Luís não tem vontade de trabalhar, vai fazendo devagar com pressão. Diz que *não há paciência.*”

Carlos

Tem 12 anos de idade, frequenta actualmente o 5º ano de escolaridade na escola na freguesia de São Pedro. Reside na freguesia de Ribeira Seca com a família. Diariamente percorre cerca de 1,5km a pé de casa até à escola.

O seu percurso escolar começa com a frequência do ensino pré-escolar prosseguiu para o 1º ano e no 3º ano é retido e mais recentemente frequenta o 5º ano pela 2ª vez com elaboração de Plano Individual. O aluno frequentou o 1º ciclo na escola da freguesia de Ribeira Seca.

O Carlos provém de uma família recomposta de 3 irmãos, sendo ele o mais velho e os outros dois filhos do novo companheiro da mãe. A mãe é doméstica com o 4º ano de

escolaridade, o pai reside no Canadá com a sua nova família e o Padrasto é oficial de justiça no tribunal de comarca do concelho tendo este frequentado a universidade.

Diz que gostava de ser lavrador e que pretende estudar “até ao 7º que vou. Vou ser lavrador, gosto de trabalhar...” acrescenta ainda “eu gosto *trabalhar em vacas*, ganha-se bom dinheiro, não é muito, mas ganha-se.”

Não foi possível conversar com os pais do Carlos.

Segundo o professor “tenho algum receio que ele não vai aguentar, os *conteúdos vão complexificar*, não parece ser um aluno muito aplicado apesar de ser um aluno esperto.”

5. Análise dos Resultados

“A linguagem vale apenas como índice de fenómenos não linguísticos.”⁴² A análise de conteúdo “coloca o analista de sobreaviso em relação às sociologias e psicologias ingênuas, à ideia da transparência do pensamento dos actores sociais, às virtudes da intuição. É, por outro lado, uma proposta em favor das estratégias de pesquisa que sujeitam a lógica da descoberta e da prova a procedimentos críticos e rigorosos onde o investigador joga contra as suas hipóteses.”⁴³

5.1. “Obrigados a estar na escola” - Posições das famílias: *sonhos e realidades*

Agrupando as três raparigas do grupo, verifica-se que as ambições pessoais são ambíguas.

No caso da Patrícia, as perspectivas futuras são “estudar para arranjar um trabalho, tirar a carta de condução”. Revela ainda que “quando era pequena dizia que queria ir trabalhar para um restaurante” não sabe porquê, só que “era o que via a minha mãe a fazer.”

Para os pais da Patrícia, a escola representa “um futuro melhor” não sabendo bem expressar qual a real importância da escola na vida da filha, referem que “queria que ela fosse mais do que eu.” É reforçado a utilidade da escola em atingir a “carta de conduzir”.

Questionados sobre o que gostavam que fosse o ideal de profissão para a filha a mãe responde “mais do que fazer limpezas, tipo professora, cabeleireira, o que ela gostasse.”

A Maria revela que “quero fazer o 9º ano, já dá emprego”, reconhece ainda que “o que eu gostava, nunca vou ter que é ser médica”. Demonstrando uma real visão da sua situação “tenho de estudar muito, não tenho cabeça pra isso, não tenho paciência, já é tarde. Também já perdi 4 anos, é muito, de repente vou sair da escola.”

A mãe da Maria afirma que os filhos “não gostam de ir à escola, são preguiçosos. Quando começam a ter mais idade não querem ir”. A Maria não sendo excepção “é

⁴² Vala, Jorge, In. Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto, 1986:102

⁴³ Vala, Jorge, In. Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto, 1986:103

preguiçosa, não estuda, não empenhada”. Justifica dizendo, “há miúdos que entra na cabeça mais fácil, mas outros dá mais trabalho.”

Segundo a mãe “a Maria quer ser médica, mas ela não vai conseguir, não é das pessoas mais inteligentes”.

No caso da Jessica, positivamente diz “vou tirar positivas este ano, o primeiro período fui, assim tenho forças para estudar.” Revela querer ser enfermeira por *ser um bom trabalho*, sabendo que “para ser enfermeira é preciso estudar, não muito muito, mas um bocadinho.”

Para a mãe, o que mais deseja para a filha “o que é bom pra ela, não quero é que ela tenha uma vida de doméstica, ter um trabalho” até porque “ela está a trabalhar por alguma razão é, lá em casa só entra o ordenado do pai, ela tem de poder trabalhar para poder comprar as coisas que ela quer.”

O pai revela que não estudou mais porque as circunstâncias da vida não permitiram “não quero o mesmo para ela”, “quanto mais estudarem melhor para eles”. Diz que sabe que ela gostava ser enfermeira, “eu não vou escolher por ela, é o gosto dela, não tiro a vontade”. Confessa que nunca pensou naquilo que ela podia vir a ser.

Olhando a realidade açoriana reflectida através destas três meninas verifica-se que a semelhança entre elas reside no facto da ausência de apoio familiar relativamente aos estudos. Todas revelam que “fazem os TPC’s sozinhas”, sendo que os elementos que acompanham a educação, *encarregados de educação*, as mães têm baixas habilitações e confessam não conseguir acompanhar.

Enquanto a Jessica procura no Apoio da escola para a ajudar a Maria e a Patrícia quando não *percebem* entram num ciclo de frustração e desinteresse perante o problema.

Observando o Quadro 2 dos dados estatísticos do ano lectivo 2007/2008 para o 2º ciclo nos Açores, verifica-se que enquanto a tendência nacional das raparigas é em perseguir os estudos, nos Açores essa realidade tarda em chegar.

Dos totais de abandonos registados, os números entre masculinos e femininos quase que se equivalem e as desistências mantêm-se quase pela metade. A população feminina estudantil açoriana continua a procurar valores *antigos* de matrimónio e família para validar as suas vidas.

A escola mantém-se como um *mal necessário à passagem à idade adulta*, reconhecem que “é bom e dá um futuro melhor”, mas dificilmente conseguem quantificar o real significado do que é bom e qual o futuro melhor de que falam. Soa quase como uma frase repetida de geração em geração para afirmação do propósito da ida à escola.

As suas ambições futuras regem-se por circunstâncias actuais, *hoje não me apetece, talvez amanhã se acordar a horas, não sei o que quero ser nunca pensei bem nisso talvez qualquer coisa...* ”depende dos professores, se forem bonzinhos ”

Agrupando agora os rapazes, as coisas não são muito diferentes. Entre ambições de pedreiros e *lavradores* (tratadores de gado), a escola parece ser simplesmente um veículo para atingir a valorizada *carta de conduzir*. Apesar de haver quem consiga inverter a necessidade dizendo que quando precisar de transporte chama “o homem de Ponta Delgada para tirar as vacas” ou mesmo comunicando o facto de “não é preciso ter o 9º ano para tira a carta de tractor”.

Com excepção de um rapaz, todos são unânimes e revelar que também não têm apoio para fazer os TPC’s em casa, que sozinhos fazem o que conseguem. Porque *em casa está a mãe e ela ou não sabe ler e ajuda naquilo que sabe nas contas, ou nem perguntam a ninguém*.

As ambições reveladas são mais estruturadas em relação às raparigas. Sabem que vão trabalhar, provavelmente mais cedo do que os pais achavam uma vez que na escola “não dão nada”. Procuram profissões que requerem poucas ou mesmo nenhuma habilitações académicas e que reflectem a realidade das profissões dos seu meio envolvente mais próximo, pais, tios, primos. Que apesar de não terem estudado até “estão a dar-se bem.”

Os pais por seu lado, desejavam que houvesse continuidade nos estudos, mas afirmam que estão cansados de más notas, de recados dos professores. Porque “se não passar este ano vai trabalhar , carregar blocos prá dentro”. Ou por outro lado afirmam a sua resignação “já é do sangue da família, nunca gostavam muito da escola.”

Interessante constar que os pais reconhecem a evolução da escola “naquele tempo era muito rigoroso, agora não se pode bater no aluno”, afirmado esta evolução com tom negativo e prejudicial “agora há mais coisas, eu andava com uma saca de fardo, dava prá três irmãs. Hoje há tudo dado, tenho escalão, eles é que não querem, não lhes vou matar ainda vou presa”. A rigorosidade aclamada positivamente imponham o desejado

respeito pela escola, pelo professor e pela a real necessidade de *saber as coisas*, de aproveitar a oportunidade de estar na escola porque não era para todos.

5.2. Ausência de referências locais de sucesso escolar - no mundo dos alunos

Seguindo uma lógica de agrupamento por sexo, relativamente ao *mundo dos alunos* no que concerne à ausência de referências locais de sucesso escolar verifica-se que no caso das três raparigas as suas referências mais próximas são de baixa escolaridade e de trabalhos precários.

No caso da Jessica, o pai apesar de ser funcionário da câmara há vários anos, como electricista em fim de carreira pelos anos de serviço, tem pouca escolaridade e a mãe analfabeta, a Jessica *gostava de ser enfermeira*, pois acha piada a “dar vacinas e essas coisas”

No caso da Patrícia, brevemente fala que quando era mais nova sonhava em trabalhar num restaurante porque lembra-se do tempo quando a mãe trabalhou num restaurante. A irmã casou aos 17 anos com o 9º e até está bem da vida porque casou com um rapaz que conseguiu ir para as Bermudas trabalhar como pedreiro. A irmã agora não faz nada, está em casa, conseguiu tirar o 9º ano na Casa do Povo porque também nunca gostou da escola. “não tenho ninguém na família que tirou mais que o 9º ano. A minha irmã faltava sempre, nunca gostou da escola”.

Ambos os pais da Patrícia estão actualmente desempregados a viver do Rendimento Social de Inserção, a mãe tem o 4º ano e o pai o 1º ano de escolaridade, sempre viveu de biscates, já gravou um CD e cantava em festas, foi barbeiro e cabeleireiro, trabalhou de pedreiro e de pintor.

Em casa da Maria, o pai trabalha nas matas a cortar arvores, a mãe é domestica. A irmã mais velha conseguiu tirar o 8º ano “depois não quis mais, é casada”. A mãe diz que tem uns sobrinhos que estão na universidade mas que “não são pessoas de se dar” (não existe convivência com eles).

Diz ainda que a Maria “na tem amigos, não tem amigos que vêm aqui. Dá-se só com as irmãs. Também não gosto de amigos, nessa era devíamos ficar connosco.”

Os três casos são reveladores de uma convivência fechada, reproduzidor de valores, costumes e praticas sociais essencialmente locais da comunidade em que estão

inseridas. Os modelos presentes são representativos de mulheres dependentes do trabalho de terceiros, dedicadas à família sem ambições de mobilidade social.

Quanto aos rapazes, as profissões dos pais quase sempre de pedreiro, servente de pedreiro, agricultor ou desempregado. Só no caso do Carlos é que o padrasto é escrivão do tribunal, mas as conversas mantidas com o jovem revelam que este padrasto não se figura como referência para ele, sendo que o pai biológico apesar de estar fora do país a viver em nova união mantêm-se como referência para o Carlos.

O Carlos diz gostar de “trabalhar em vacas, ganha-se bom dinheiro, não é muito mas ganha-se”. Diz ainda relativamente à profissão do padrasto “para trabalhar no tribunal é preciso pensar, é preciso ir para a universidade, essa coisas. As vacas dá trabalho mas eu gosto, gosto de mexer em vacas.”

Enquanto a maioria das mães é doméstica, existe dois casos diferentes. O primeiro sendo do Augusto em que a mãe trabalha como empregada fabril sazonal para sustentar a família (o pai é toxicodependente desempregado) e a do Jorge, onde a mãe está a tirar um curso técnico-profissional e o pai é agricultor.

Para o Jorge a importância da mãe estar a tirar um curso na escola profissional “é melhor, assim ela sabe mais respostas para me ajudar.” Diz ainda que “mas é a minha irmã que me ajuda, ela tem 14, às vezes é ela que me ajuda, mas a maior parte das vezes é eu.” Refere que “só quero ir até ao 9º, já disse à minha mãe, ela disse tá bem, eu já podia estar no 7º.”

O Augusto afirma que “a família é o principal, é o que tratou quando era pequenino e quando forem velhinhos vamos tratar deles. Uma pessoa nunca pode abandonar a família”.

Reconhece que para o pai “o bom para ele podia ser pedreiro, tem o 2º ano podia ser pedreiro, se tivesse mais podia ser melhor, mas essa vida está ruim”. Diz que a escola é importante, aprende-se a ler e a escrever e a fazer contas “podes tirar cursos, como mecânica, é bom o meu tio já me ensinou, ele é pedreiro mas quando a mota precisa, eu estou sempre rente a ele pra aprender. Tudo que sei foi ele que ensinou. Ele não tem muitos estudos na escola, mas pra ele vai bem.”

Refere ainda que “a minha tia acho que tirou o 9º ano, a irmã da minha mãe, mas ela não tá trabalhando.”, diz que ainda não pensou bem naquilo que quer ser, está indeciso entre mecânico e bombeiro mas salienta que “o bombeiro salva pessoas se acontecer alguma coisa na nossa casa sabemos como defender a nossa família”.

A diferença que existe entre todos os rapazes entrevistados e o Augusto é a importância da família em relação ao desejo de *ganhar dinheiro*. No caso do Augusto a mãe analfabeta é quem sustenta a família enquanto nos restantes casos as mães são domésticas e os pais é que *trazem o dinheiro para casa*. As mães enquanto figuras de apoio nos estudos e enquanto encarregadas de educação mentem esse papel de educadoras sempre presentes enquanto no caso do Augusto esta presta o apoio possível depois do trabalho.

As ambições futuras dos jovens estão condicionadas aos exemplos presentes no meio social restrito da família próxima. Querem ser *aquilo* que *aquele é* porque não conhecem outra forma de ser ou de viver.

5.3. Falta de expectativas iniciais dos professores - perante o processo e a família de origem

A professora da Maria e da Patrícia é a mesma, são ambas repetentes na mesma turma, têm um percurso escolar de retenções muito semelhante, vêm ambas de famílias numerosas e beneficiam do Rendimento Social de inserção.

Aquando do 1º contacto com a professora, no 1º período do ano lectivo, caracterizou ambas como *desinteressadas e desmotivadas*, originárias de famílias *complacentes* com o absentismo das filhas.

Reconhece que ambas são inteligentes e capazes se se esforçassem, para ambas diz “é uma aluna satisfatória”, mas no caso da Patrícia afirma que “vai ficar retida. Está ao nível do 5º ano, é inteligente mas não participa, falta e não quer saber da escola para nada”. A Maria “vai transitar de ano, está mais motivada este ano. O início do ano correu bem o que ajudou a encaminhar o resto do ano”.

Relativamente à participação da família é relatado em ambos os casos “a mãe vem quando é chamada” ou “quando é chamada interessa-se”. No caso da Maria a professora

transmite que “a família parece equilibrada, a mãe é responsável” o que pode indicar alguma influência relativamente ao bom desempenho da Maria no 1º período.

No caso da Patrícia, a professora revela que a mãe “não parece saber o que é pedido. A incapacidade dos pais acaba por influenciar, são ausentes e limitados, é cultural, já é da família. Todos os filhos foram da mesma forma.” A incapacidade de sucesso da Patrícia aparenta residir exclusivamente nas limitações da família.

Olhando o caso da Jessica perante um olhar diferente de outra professora, perante o processo desta “uma aluna que nunca iria atingir o nível 3, que iria chumbar de novo, que mesmo com medidas especiais não ia conseguir. Nunca ia conseguir nada, segundo o relatório do ano anterior, teria muitas dificuldades, mesmo ao nível do raciocínio, mesmo um atraso mental.” Actualmente “tem apoio individual, que tem vindo a melhorar o seu desempenho. Ela agora consegue com o devido apoio. Vai continuar com o apoio e vai conseguir passar o ano, dentro das várias disciplinas propostas, vai conseguir chegar aos objectivos propostos”.

Segundo a professora “a mãe é participativa, vem saber do desempenho da filha sem ser chamada”. As dificuldades da Jessica residem na identificação por parte do Serviço de Psicologia e Orientação da escola que “não está ao nível dos outros”. A turma do ano transacto não facilitou a integração da aluna e esta ressentiu e não se esforçou para passar de ano (apesar de apresentar problemas desde do 1º ano de escolaridade).

Agrupando agora os rapazes, na totalidade dos casos os professores relataram que em relação aos registos nos processos dos alunos esperavam jovens, desinteressados, malcomportados e sem a esperada preparação académica para o ano em questão.

No caso do Jorge e do Francisco, quando questionados sobre as expectativas para este ano lectivo, revelam que apesar de não serem aluno *ditos brilhantes* têm conseguido um nível satisfatório e irão passar de ano.

Lembra-se que o Francisco tem 10 anos sem retenções e o Jorge tem 12 com duas retenções.

Os restantes “não têm vontade de trabalhar”, “não existem expectativas positivas em relação ao desempenho académico do aluno, está de corpo presente”, “preguiçoso” os

professores são categóricos “vai chumbar”. (salienta-se o facto destas entrevistas ocorrerem ainda no 1º período)

Relativamente à participação das famílias no processo escolar, “não comparece”, “pobreza de espírito”, “pouco acompanhamento”, em casos é relatado a incapacidade das mães acompanharem os estudos dos filhos.

Em todo o grupo de alunos, é sempre comunicado pelos professores que desconhecem a figura paternal, que é sempre a mãe que comparece e que é encarregada de educação.

Considerando o insucesso escolar do grupo de rapazes que revela também ter pouca ou nenhuma participação familiar e a melhora de desempenho daqueles que revelam ter apoio familiar, constata-se que as previsões futuras dos professores coincidem.

Também importante é o facto de estes alunos manterem um historial longo de insucesso escolar, daí a sua possível estigmatização tanto nos pais como nos professores. Criando assim um ciclo vicioso de desalento por parte daqueles que educam que também vem a reflectir na desmotivação dos alunos que *não esperam outro resultado que não seja negativo*.

5.4. Desintegração social - repetentes como iguais

Para analisar a real desintegração social destes alunos passo a relatar a conversa da Patrícia “vou ter que esperar até aos 15 anos para sair da escola, isso se não for até aos 18, dizem que para sair da escola vai passar para os 18. É bastante tempo para esperar. Os meus amigos na escola são a Maria e o João (ambos presentes neste estudo). Não tenho colegas que vieram comigo de trás do 1º ano, já não sei bem quando deixei de estar com eles. Não estão na mesma escola que eu. Eu não falava com eles, não gostava deles. No 3º ano senti que eles eram diferentes de mim. Eles tinham sempre bons e muito bons e eu suficiente e insuficientes. Depois fiz amigos novos e andava com eles, esses eram mais como eu na escola.”

Actualmente “os miúdos da minha turma são uns betinhos, menos a Maria.” A Patrícia reconhece o esforço da Maria em tentar conseguir sucesso “ela está mais atenta nas aulas e eu não estou. Ela não é mais esperta do que eu, é as duas iguais.”, “os professores dizem que sou esperta, eu é que não quero ser esperta, não gosto da escola”. A Maria “deve passar este ano e ir para outra turma, o João não passa, mas faz 15 pró ano deve

sair.” Ao reconhecimento que não consegue melhor e que vai ficar sozinha a Patrícia submete-se à resignação de ser má aluna.

A infantilidade e atraso em relação ao outro faz com que a retenção de ano para a Jessica servisse de impulsionador de novas amizades e de uma nova oportunidade para recomeçar o 5º ano.

O grupo em geral recai nestas duas classificações, desmotivados/desintegrados pelo insucesso ou renovado pela imposta retenção. Destaca-se que a grande maioria encontra-se no grupo dos desmotivados/desintegrados que procura os seus semelhantes para se afirmarem dentro da sala de aula.

5.5. Desinteresse fase aos Sistemas de Apoio/Planos Individuais/Programas especiais

Todos têm apoio pós lectivo, muitos não vão “não há paciência, são muitos numa sala, duas turmas. Não gosto dos professores de apoio, não sei explicar.”

Além dos apoios todos beneficiam ou beneficiaram de Plano Individuais actualmente ou no passado.

Os programas especiais de recuperação da escolaridade – PERE, representam uma constante ameaça na vida destes alunos “Tá melhor, agora tou com vontade de passar o ano, não quero ir prós PERE’s, a escola que nunca passem, a escola dos burros, é o que dizem.”, ou “Este ano quero ver se passo pró 6º, pra não estar sempre no mesmo ano, depois não gosto de ter no PERE, prefiro a escola normal, dizem que os burros estão no PERE, assim não se está. Dizem que os professores lá são maus, que passem o dia escrevendo.”

Jorge - “pensei que a senhora ia brigar comigo por causa dos PERE’s, eu não quero ir para lá, não são só as notas que contam é o comportamento também.”

5.6. Comunidade

Relativamente à intervenção dos valores da comunidade nas escolhas dos alunos, tomemos a integração na catequese, enquanto valor supremo e irredutível desta comunidade, em contraste com a realidade escolar.

Segundo a Patrícia, ela está actualmente no 6º ano da catequese, já perdeu alguns anos “não ia, faltava sempre, não gostava também de lá estar. A minha mãe disse que tenho que ir para poder tomar o crisma. Não sei o que é, mas sei que tem de ser, é importante para saber onde Jesus viveu.” Adita ainda, “não sei para é que serve o crisma só sei é que é importante, não sei explicar”.

Por sua vez a mãe da Patrícia diz “ela nunca falta à catequese, ela gosta, vai sempre, é ao sábado, até sozinha ela apronta-se e vai. Para casarem um dia, para fazer as comunhões, para ser catequista, para ser madrinha de alguém tem de fazer o crisma para poder casar, não pode casar sem o crisma.” No decorrer da conversa diz “se ela não quiser ir, ia mesmo à força mesmo sem querer. Eles têm medo de mim. É com a pazinha nas pernas e vão. Dou jeito sem marcas e aprendem. Se não batermos não aprendem, se não ficam burros, ela tem medo da pazinha nas pernas.” “não leva para ir pra escola, ela apronta-se toda para ir, tão cedo já está à espera da carrinha *é pezinho para sair*, o cigarrinho na boca, agora é vaidosa de se pintar.”

A totalidade dos alunos revela não saber o que é o crisma, para que serve a catequese, mas que é um valor obrigatório imposto pelos pais, “não sei o que é. Eu nunca perguntei a ninguém” (Jessica). O pai da Jessica por sua vez diz “ela já tomou a comunhão infantil, a 1ª e a 2ª solene e agora falta o crisma, não sei quando é, o Papa e o Bispo é que resolvem. É uma profissão de fé, a pessoa que não é crismada, o padre não casa pela igreja, só casa civilmente. Para mim é importante, eu fui criado assim, eu penso por mim.”

O Augusto revela que não sabe o que é o crisma “mais tarde as catequistas vão dizer. Vou porque somos obrigados a ir. Os nossos pais apertem com a gente pra não faltar. Ele dizem que é bom pra gente ir aprender as palavras do nosso senhor.” “não vou à missa, vou quase sempre às vacas. Acho que a escola é importante. é bom porque sempre dá uma vida a catequese a gente toma nosso senhor, o crisma. Não sei o que é por isso não posso explicar.”

A mãe do Francisco relata “é nossa religião, para ele ir à catequese sempre. Serve para falar de Deus. Para saber como Deus existe. Até ao 10º para depois tomar o crisma e depois acabou. O que é não sei, *vai atrás dele*, sou cristã mas não sou praticante, não vou à missa, mando as crianças, vão uma vez por mês à missa das crianças. Foi sempre a nossa lei, foi essa, sempre foi assim, o nosso Deus. Sempre fizeram, não porque eu

quero assim, é porque é assim, sempre foi assim. Não compreendo outra forma. Enquanto tiverem comigo, eles vão pela minha lei, se depois de casarem quiserem de outra forma, é com eles. São coisas que são para cumprir.”

Destes relatos verifica-se os valores culturais da comunidade estão profundamente enraizados. Os pais seguem a referida “lei” de forma cega e submissa, sempre irredutíveis no cumprimento da sua *fé*. Confessam-se não praticantes por não ir à missa, mas revelam uma obediência à sua normas insubstituível.

As crianças por seu lado, vão porque são obrigadas, porque todos vão e é assim. Não questionam a sua importância nem a sua razão de ser.

A relação com a escola padece desta convicção.

5.7.Fracassos, Desinteresse e Desistência

Muitos dos alunos revelam querer ir trabalhar ou ter outra ocupação porque na escola não conseguem progredir, “não gosto de ir pra escola, é chato, é aborrecido. Não, mas não é sempre, não apetece aprender, mas não apetece estudar.” A mãe do Luís afirma que “ele diz que tá cansado, o que é que ele faz que está cansado.” E depois “o que é que uma pessoa vai fazer, não vou matar.”

O desalento do insucesso recai nos alunos e nas famílias que sentem-se “arrepentidas” *de não terem conseguido elas prosseguir com os estudos* e igualmente de não conseguirem que o ciclo de insucesso parasse no renovado sucesso dos filhos.

6. Conclusão

Dos resultados apurados, constata-se a ausência de apoio familiar relativamente aos estudos, devido às baixas habilitações dos encarregados de educação; as ambições futuras dos jovens estão condicionadas aos exemplos presentes no meio social restrito da família próxima, em consequência a amostra feminina revela procurar valores *antigos* de matrimónio e família para validar as suas vidas e os rapazes procuram um trabalho remunerado igual ou semelhante àqueles que presenciam no seu meio.

A escola, para os entrevistados, mantêm-se como um *mal necessário à passagem à idade adulta*.

À partida o historial processual que transita com o aluno durante todo o seu percurso escola é para os professores um *instrumento fundamental* na caracterização do aluno e na previsão do seu desempenho futuro.

Outro instrumento fundamental, na perspectiva dos professores, é a presença ou ausência de contactos familiares. O apoio familiar que o aluno recebe reflecte o desempenho deste na escola.

A escola oferece apoio escolar às disciplinas nucleares a todos os alunos identificados com problemas académicos. Todos têm apoio pós lectivo, muitos não vão “não há paciência, são muitos numa sala, duas turmas. Não gosto dos professores de apoio, não sei explicar.” O sistema de apoio actual revela-se desadequado para estes alunos, dificilmente encontram a procurada motivação.

Os Planos Individuais aplicam-se a todos os alunos analisados, alguns até com várias rectificações e prorrogações subsequentes. Existem casos de sucesso, registado principalmente nos alunos com apoio familiar presente e com uma ou duas retenções no seu percurso escolar.

O agrupamento de alunos repetentes na mesma turma revela tornar-se numa associação de valores e ambições entre os alunos, não competem para ver quem consegue mas quem se mantém *firme ao pacto*.

Os programas especiais de recuperação da escolaridade – PERE, representam uma constante ameaça na vida destes alunos apesar de o futuro para estes alunos revelar-se incerto mas sempre negativo.

Dos relatos verificou-se que os valores religiosos e culturais da comunidade estão profundamente enraizados. Os pais seguem a “lei” cristã de forma cega e submissa, sempre irredutíveis no cumprimento da sua fé. Confessam-se não praticantes por não ir à missa, mas revelam uma obediência às suas normas que é contudo insubstituível. As crianças por seu lado, vão porque são obrigadas, porque todos vão e é assim. Não questionam a sua importância nem a sua razão de ser.

A relação com a escola padece desta convicção, apesar das famílias demonstrarem o seu desalento no insucesso dos filhos vêm reflectidas o seu próprio insucesso escolar, como num ciclo geracional de insucesso escolar.

Em resumo, no último contacto com os professores titulares de turma dos alunos seleccionados, já no final do 3º período, informaram o seguinte:

Professora Rute - O João e a Patrícia ficam retidos novamente, sendo que o João irá transitar para um PERE no próximo ano lectivo. A Maria transitará de ano com três negativas.

Professor Carlos – O Carlos e o Jorge transitaram de ano ambos com três negativas.

Professora Adelaide – A Jessica

Professora Conceição – O Francisco não transita de ano.

Professor Daniel – O Augusto irá transitar para um PERE no próximo ano lectivo, Luís transitará de ano com três negativas e o Vasco transitou ainda a meio do ano corrente para um PERE no próximo ano lectivo

As causas do abandono são múltiplas de país para país, de região para região de contextos económicos, sociais e familiares diferentes, mas a mais frequente causa é que *os alunos que abandonam têm problemas com a escola e foram já por ela abandonados, em muitos casos.* ⁴⁴ Ou nas palavras de Iturra, ⁴⁵ (...) *a dificuldade que as crianças têm*

⁴⁴ Benavente 1994

⁴⁵ Iturra 1990:18

para aprender, não provém tanto de uma falta de interesse no ensino, seja deles ou de seus pais, mas de entender como esse ensino se aprende e como é que se pode utilizar.

A situação de Vila Franca do Campo reflecte um pouco da realidade açoriana no seu todo, representações locais e culturais ricamente enraizados na população, um sistema escolar dificultado pelas políticas educativas uniformizadas e desadequadas para os *novos problemas da escola*. Uma população estudantil desinteressada e desmotivada, famílias pouco instruídas académica e economicamente para acompanhar e fazer valer a necessidade da escola.

Portugal encontra-se impulsionado pelas exigências da Europa, tem-se mantido a rasto dos países membros em matéria de educação. Os Açores enquanto parte do todo nacional sustentam valores relevantes e preocupantes que deverão ser reavaliados pelos políticos regionais, pela administração local e agentes locais.

Este estudo apresenta um leque de circunstâncias que com a devida intervenção, planeada e acertada que considera localmente todas as circunstâncias relevantes, estas limitações identificadas poderão de forma preventiva reverter o processo de degradação do sistema escolar açoriano.

Referências bibliográficas

Conselho Nacional de Educação, (2008) *A educação das crianças dos 0 aos 12 anos*, relatório do estudo, PROJUS, (9/2006), “Um diagnóstico das situações de perigo nos Açores sob o olhar das CPCJ”.

Abrantes, Pedro. *Identidades Juvenis e Dinâmicas de Escolaridade*. Sociologia. [online]. Jan.2003, no.41 [citado 18 Outubro 2007], p.93-118. Disponível na World Wide Web: http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-652920030001000005&ing=pt&nrm=iso. ISSN 0873-6529.

Afonso, A.J. (1989), *Políticas Educativas e Avaliação Educacional*, Braga, Instituto de Educação e Psicologia – Centro de Estudos de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

Afonso, A.J., A Redefinição do Papel do Estado e as Políticas Educativas, elementos para pensar a transição, *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º37, 2001, pp. 33-48.

Afonso, A.J. (2001), “Reforma do Estado e Políticas Educacionais: entre a crise do Estado Nação e a emergência da regulação supranacional”, *Educação & Sociedade*, ano XXII, n.º75,

Almeida, Ana Nunes de. “O que as famílias fazem à escola...pistas para um debate”. *Anal. Social*. [online]. Out.2005, no, 175 [citado 18 Outubro 2007], p.579-593. Disponível na World Wide Web: http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732005000400006&ing=pt&nrm=iso. ISSN 0003-2573.

Barroso, J. (org.) (2003) – *A Escola Pública. Regulação, desregulação e privatização*, Porto, Edições Asa.

Barroso, J., “Organização e Regulação dos Ensinos Básico e Secundário, em Portugal: Sentidos de uma Evolução”, *Educação & Sociedade*, Campinas, vol. 24, n.º 82, p. 63-92, Abril 2003.

Benavente e outros (1987), *Do Outro Lado da Escola*, Editorial Teorema, Lda.

Benavente, Ana; Jean Campiche; Teresa Seabra e João Sebastião (1994), *Renunciar à Escola: o abandono escolar no ensino básico*, Lisboa, Fim de Século.

Burgess, R. G.(1997) *A pesquisa em Terreno. Uma Introdução*, Oeiras, Celta.

Ferrão, João (coord.); Fernando Honório (coord.); Ana Nunes de Almeida; Isabel Margarida André; Filipa Ferrão; Dora Possidónio e Herculano Cachinho (consultor) (2000), *Saída Prematura do Sistema Educativo: aspectos da situação, causas e perspectivas em termos de emprego e formação*, Lisboa, Observatório do Emprego e Formação Profissional, Colprinter – Industria Gráfica, Lda.

Gomes, Rui (1993), *Culturas de Escola e Identidades dos Professores*, Lisboa, Educa.

Indicadores da Educação – 2003/2004, Divisão de Planeamento e Estatística, Região Autónoma dos Açores, SREC/Direcção Regional da Educação, Julho 2005.

Iturra, Raul (1991), *A Construção Social do Insucesso Escolar – memória e aprendizagem em Vila Ruiva*, Lisboa, Escher Publicações.

Iturra, Raul (), *Fugirás à escola para trabalhar a Terra: ensaios de antropologia sobre o insucesso escolar*.

Martins, Susana da Cruz (2005) “Portugal, um lugar de fronteira na Europa: uma leitura de indicadores socioeducacionais”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 49, pp. 141-161.

Mateus, Sandra (2002), “Futuros Prováveis: um olhar sociológico sobre os projectos de futuro no 9º ano”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 39, 117-149.

Palos, Ana Cristina (2009), “A escolarização nos Açores: entre a massificação escolar e os limites da edificação da escola de massas”, Actas do encontro *Contextos Educativos na Sociedade Contemporânea*, Lisboa, páginas 1-12

Perrenoud, Ph. (2002) “Os sistemas educativos face às desigualdades e ao insucesso escolar: uma incapacidade mesclada de cansaço”, Université de Geneve.

Pinto, J. Madureira e A. Santos Silva (org.) (1986), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Ed. Afrontamento.

Portaria n.º 71/2006 de 24 de Agosto de 2006, S.R. da Educação e Ciência.

Portaria n.º 71/2006 de 24 de Agosto de 2006, S.R. da Educação e Ciência.

Portalacores.com, “Formação profissional com uma história de sucesso nos Açores”, Abril 2006.

PROJUS, (9/2006), “Um diagnóstico das situações de perigo nos Açores sob o olhar das CPCJ”.

Revista Caminhos, n.º. 4, Maio, 2006, Instituto de Acção Social dos Açores.

SIETI – Sistemas de Informação Estatística sobre o Trabalho Infantil, “Caracterização Social dos Agregados Portugueses com Menores em Idade Escolar”, Trabalho Infantil em Portugal 2001, IEFP-GCM/NAP, Lisboa, 28 de Fevereiro de 2003.

Apêndice

i. Entrevista aos alunos e pais

19/02/2009

Augusto 12 anos – repetente

-No principio do ano teve um miúdo que fazia ameaças, e eu não ia pra escola com medo, perdi por causa dele.

-Eu gostava de tudo, os professores eram bons, tínhamos que ser bons pra eles para eles serem bons pra gente. Eu dava-ma com tudo. Gostava de ter na brincadeira com os amigos. Tinha suficiente, às vezes uma pessoa apanhava negativa mas não era sempre. Normalmente em matemática. Não gosto de matemática. Agora vai bem, gosto de matemática, no principio pensava que era difícil mas quando começa agora até vai.

-Mudou tudo, o meu comportamento nas aulas. Uma pessoa gosta um pouco mais da escola, não é 100%, mas é mais um pouco, nessa escola não tem problemas com ninguém. Gosto da minha turma, tem mais professores que o ano passado, uma pessoa dá-se bem com as *continuas*, mudei o meu comportamento. Os meus pais apertam mais comigo, uma pessoa tem que ter mais calma. Eles dizem que estou melhor que o ano passado, é importante para ver se passa sempre.

-Se não fosse os meus pais a apertar comigo ainda estava pra trás nos anos. Uma pessoa às vezes não quer fazer os trabalhos, eles dizem sempre “faz isso”, eles querem que eu vá sempre até ao 10º pra ter uma profissão. Eu quero estudar até onde eu posso, até onde eu poder ir, eu vou, se os meus pais podem. É preciso paciência, estudar mais, não fazer muito mal, estar mais atento nas aulas.

-Sinto-me mais alegre na escola porque está tudo direito. No primeiro período tive tudo negativas mas agora estou a levantar as notas. Inglês é sempre negativas mas agora é suficiente. Depende da gente pra passar o ano. Antes queria estar na brincadeira. O meu pai -disse que se levantasse as notas compra-me um telemóvel.

-O meu pai anda nas lapas. A minha mãe na conserva. Acho que ele tem o 2º e a minha mãe o 1º *ou o que é*.

-Os professores na escola é que ajudem, em casa é a minha mãe. Muitas coisas eu consigo fazer sozinho, o que eu não sei tento fazer, se tiver errado o professor depois diz na escola.

-Ainda na pensei nisso, gosto de lavrador mas os meus pais dizem que é muito trabalho, dizem que é melhor tentar uma profissão melhor. Bombeiro é bom, salva pessoas, ganha dinheiro pra ajudar a família. A família é o principal é o que tratou quando era pequenino e quando forem velhinhos vamos tratar deles. Uma pessoa nunca pode abandonar a nossa família.

-Gosto de ir pra vacas. Jogo à bola, brincar no computador em casa.

-Rapazes e raparigas dão-se muito bem com eles ali.

-A minha mãe na sabe ler mas faz contas, ajuda a tentar fazer as contas. O meu pai ajuda com a leitura. A vida dele é mau pra ele, devia ter uma vida melhor, sempre ajuda a família. Quem ajuda é os meus tios, a minha mãe. Bom para ele podia ser pedreiro, tem o 2º ano podia ser pedreiro, se tivesse mais podia ser melhor, mas essa vida está ruim.

-Agente aprendem mais coisas, ler e contas para mais tarde ensinar outras pessoas, os nossos filhos. Podes tirar cursos, como mecânica, é bom, o meu tio já me ensinou, ele é pedreiro mas quando a mota precisa, eu estou sempre rente a ele pra aprender. Tudo que eu sei foi ele que ensinou. Ele não tem muitos estudos na escola, mas pra ele *vai bem*.

-Uma pessoa ainda não pensou quando for maior. Bombeiro é melhor que mecânico, mas mecânico conserta coisas. O bombeiro salva pessoas se acontecer alguma coisa na nossa casa sabemos como defender a nossa família.

-Tou no 5º ano da catequese, faltava muito, acordava tarde, esquecia a catequese. Pra gente é importante, pra saber coisas do nosso senhor. O nosso senhor fica contente com isso. Serve pra ensinar a gente coisas do nosso senhor, portar bem, ser bom um pró outro. Acaba no 10º no crisma, é quando uma pessoa, para se casar, ser padrinho. Não sei o que é. Mais tarde as catequistas vão dizer. Vou porque somos obrigados a ir. Os nossos pais apertem com a gente prá gente não faltar. Eles dizem que é bom pra gente ir aprender as palavras do nosso senhor.

-Eu não vou à missa, vou quase sempre pras vacas.

-Acho que a escola é mais importante. é bom porque sempre dá uma vida. A catequese a gente toma nosso senhor, o crisma. Não sei o que é o crisma por isso não posso explicar.

-Este ano quero ver se passo pró 6º, pra não estar sempre no mesmo ano, depois não gosto de ter no PERE, prefiro na escola normal, dizem que os burros estão no PERE, assim não se está. Dizem que os professores lá são maus, que passem o dia escrevendo.

-O meu vizinho está no PERE, não sabia ler nem escrever mas agora já sabe, foi bom pra ele, não parece muito ruim. Na escola normal passa-se à frente, eles estão sempre pra trás.

-Gostava que o meu pai fosse policia ou bombeiro, mas como ele está nessa vida, é muito fraca. É uma vida perigosa, nas lapas, uma pessoa cai, esfolta-se é apanhado, leva multa. Se fosse policia não era multado.

-Gosto do meu professor porque ele está sempre na brincadeira connosco, dou-me mais bem -com ele do que com os outros.

-Não gosto do professor de EVT está sempre a gozar connosco. Tá sempre com outras conversas, uma pessoa diz uma coisa, ele diz logo outra.

-A minha tia acho que tirou o 9º, a irmã da minha mãe, mas ela na tá trabalhando.

03/02/2009

Carlos 12 anos - Repetente

-O ano passado não foi muito bom, tinha rapazes que falavam comigo e eu ria. Não ia prá aulas, ficava sentado por ai, nos cantos do colégio. Eu e o Jorge só queríamos saber de raparigas. Às vezes eu dizia “vamos embora faltar” e eu faltava com ele.

-Na matemática eu não percebia muito bem as coisas de matemática. A gente fazia desenhos sem a professora saber, a gente escrevia cartas prá raparigas, pastilhas.

-Este ano “tá bom”, eu estudo, não é muito mas eu estudo, os testes é bom nenhum suficiente. Tá melhor, agora tou com vontade de passar de ano, não quero ir pró PERE's, “à escola que nunca passem, a escola dos burros, é o que dizem”. A turma é

melhor, já não se começa a rir, não fazem desenhos dentro da sala, porque eu quero passar.

-Hoje vou receber um teste de inglês, correu bem, eu sou do Canadá, eu na nasci cá. Eu sei inglês, vim pra cá com 3 anos.

-A minha mãe é domestica, fica em casa limpando. Ela tem a 4ª classe. O meu pai foi prá universidade, ele já foi professor. Ele trabalha no tribunal, o meu padrasto, foi professor de EVT.

-Faço os trabalhos de casa pelas 11 horas, ele me ajuda a fazer os trabalhos de casa aos domingos, quando ele está um pouco doente da cabeça, ele falta ao trabalho e ele me ajuda com os trabalhos. Primeiro faço os trabalhos de casa depois faço outros exercícios de inglês e matemática pela internet na Google. O computador está lá em cima no sótão, faço com a minha mãe. Às vezes a minha avó fica a tomar conta dos rapazes (irmãos). Uma tem 1 ano, o outro tem 8 anos.

-O ano passado não apetecia fazer nada. As professoras eram “aborrecidas”, especialmente a de inglês. Ela brigava muito, só porque não sabíamos fazer as coisas, gritava muito “vocês têm de estudar”. Eu não gostava, ela mandava muitos trabalhos de casa “era aborrecido”.

-Eu tinha apoio, mas eu só ia de vez em quando prá lá. Este ano vou lá sempre, pró apoio, agora quero passar de ano. Não quero ir prá outra escola ou para outra turma. É uma turma divertida, é melhor. Tenho é tudo boas notas, agora tá melhor.

-Eu conhecia alguns alunos desta turma, os que moram ao pé da casa da minha tia, eu falava com eles. Pensei logo que este ano ia ser melhor.

-Até ao 7º que vou. Vou ser lavrador, gosto de trabalhar, no sábado e no domingo vou com o meu tio prá vacas com ele. Não preciso de carro, quando precisar chamo o homem de Ponta Delgada pra tirar as vacas quando eu precisar.

-Eu gosto “trabalhar em vacas”, ganha-se bom dinheiro, não é muito, mas ganha-se.

-Para trabalhar no tribunal é preciso pensar, é preciso ir pra universidade, essas coisas. As vacas dá mais trabalho mas eu gosto, gosto de mexer em vacas.

-Se passar de ano, vou continuar.

-Nas férias de verão de repente vou prá lá ter com o meu pai. Nas férias de natal tive lá. Fiz bonecos de neve, brinquei com as bolas de neve. Fui com a minha mãe, ficamos os dois na casa do meu pai. Prefiro isso aqui, tenho amigos e tudo, lá tinha que falar inglês com eles.

-Às vezes os bezerros estão à solta, eu ando por cima deles, gosto de nadar de cavalos.

-Os professores este ano, já não brigam muito. Eu já não porto mal. Os professores são melhor, pra aprender, eles “explicem”, deixem ir à casa de banho “antes eles não deixavam”.

-Grande burro que tu és, foi o que a minha mãe disse quando chumbei “vais pra escola dos burros se não passas este ano”. Ele diz vai estudar, eu faço os trabalhos de casa sozinho e depois mostro a ela, depois guardo para quando o meu padrasto vem logo para ele ver. Ele diz-me “se tu não passares, já não te vou comprar mais nada”.

-Jogo à bola no clube Vasco da Gama, eu gosto, mas prefiro as vacas.

-Tou no 6º ano da catequese, a gente estudem coisas no Nosso Senhor, Pai Nosso, Avé Maria. Acho que “calha” ao décimo, depois na sei. Vou porque eu quero, pra aprender coisas. Não vou à missa, não há paciência. A minha bisavó é que vai, de vez em quando vou com ela. É a mesma coisa, basta ir a uma coisa. Vou para mim não perder anos de catequese, quem falta sempre perde anos. Serve para a gente aprenderem coisas que passarem sobre Jesus. A catequese é mais importante que a escola. A gente aprendem coisas de muito tempo atrás. Não sei.

27/01/2009

Francisco – 10 anos

-Tenho 21 amigos, na escola, são 22 comigo na sala. Gosto do professor, ele me ajuda, com perguntas que eu não sei. Às vezes em ler, aquelas palavras.

-Vou bem disposto, porque vou brincar com os meus amigos, no baloiço, à bola, à apanhada. Às vezes não portamos bem na sala. Alguns falam com os outros, alguns “vaia” de castigo, porque não parem de falar, virem pra trás. A professora tá dando a aula, e eles virem pra trás e falem. Ela briga, ela grita às vezes. A minha directora é quem grita mais.

- Língua portuguesa é que não gosto, é chata, não gosto, porque a gente fazem resumos, lêem textos na sala de aula. Às vezes gozem com o meu nome, não é a brincar, também chamem aos outros, os meus amigos da sala.
- O professor briga, e às vezes no recreio, um amigo já levou com uma pedra na cabeça, foi um aluno de outra aula, “ele boiou” para outro e calhou na cabeça dele.
- Quero ser pedreiro e bombeiro. Porque o meu pai e o meu irmão trabalham. O pedreiro ganha dinheiro, o bombeiro, quando alguém está em perigo o bombeiro vai salvar, ou algum incêndio.
- Vou estudar até ao 9º ano. Não sei se vou passar este.
- Toco trompete na banda, sei mais ou menos. Tenho lá um irmão que toca clarinete. O trompete é mais fácil pra dar as notas. Tem meninos da minha idade, gosto.
- Tive 4 negativas, historia, língua portuguesa, matemática e inglês. Não fui com a minha mãe buscar as notas, o meu irmão é que foi com ela, eu não fui porque ela não quis.
- O ano passado o professor era bom, toda a gente gostava dele, ele dava as matérias todas.
- Eu estudo em casa, sentado no sofá, numa capa. Tinha apoio. A gente dá revisões quando é prós testes.
- Entro às duas e saio às seis, vou pra banda e depois vou-me lavar e faço os TPCs. Levanto-me de manhã, vou tomar o pequeno almoço, leite e pão, faço isso sozinho, quando acabo de comer vou-me vestir, depois às vezes vou com a minha mãe ao Solmar ajudar com as compras, ao meio dia vou comer e depois vou prá escola.
- Gosto dos professores, tenho muitos amigos, gosto da escola. Tenho de estudar, fazer trabalhos de casa. Tenho que aprender, portar-me bem na sala de aula, fazer sempre os TPCs.
- Eu não sei o que a directora diz de mim porque eu nunca vou com ela (mãe) à escola, eu não sei. Eu tenho que estudar mais para passar.

-Se chumbar, todos passam e eu fico pra trás. Se passar vou pró 6º ano, para o colégio, pra escola nova. Faço novos amigos.

-Sou bom a ciências, gosto porque fala-se de insectos, animais, plantas. Temos periquitos em casa. Já tivemos três cães mas a minha mãe abandono-os. A gente tratava mas ela não quis.

-Às vezes é a minha mãe que ajuda com os TPCs, outras vezes sou eu sozinho. O meu pai fica sempre trabalhando até às seis e meia. Às vezes não faço os TPCs de noite, faço de manhã, os meus irmãos é que ajudem.

- A minha vida é boa, porque tenho irmãos, tenho uma família grande, tenho 9 irmãos. Brinco com eles, ajudo a eles também.

-A escola é importante porque a gente aprende a escrever e a ler.

-Em casa não tenho livros, só os cadernos de Língua portuguesa.

27/01/2009

Mãe do Francisco

- O Francisco tem 8 irmãos, o mais novo tem 3 anos, um com 24, gémeos com 22, um com 14, uma com 13, tem o Francisco com 10, o Rodrigo com 8, a Bea com 4 e o Miguel 3. A casa é grande, no sótão tem dois quartos. O mais velho num quarto e no outro, na mesma cama tem o Francisco e o Rodrigo. Em baixo, tem a Graça e a Beatriz em camas separadas num quarto. No outro quarto tem o Miguel e o Tiago. Tiago na cama e o Miguel no berço. Também tenho uma filha casada lá em casa com um netinho. São 13 pessoas lá em casa.

- O meu marido é pedreiro “com muito orgulho”, quando não tem ninguém em casa “é um desassossego”. O Francisco na pré a professora queria que ele ficasse mais um ano, eu insisti que ele fosse em frente pró 1º ano. Arrependo-me disso, pode ser que se tivesse ficado, não teria os problemas de agora.

-No 4º ano teve sempre dificuldades, em inglês e matemática, mas nunca faltou.

-Ele tem uma conjuntivite alérgica e uma cratocornia, está a aguardar uma operação, mas é muito novinho para fazer um transplante, mas isso não interferiu na escola. “Não é a doença de ficar em casa”

-Ele sempre teve apoio na escola. Tenho outro filho também com dificuldades, ele está na 3ª classe e não sabe ler. Não há professores de apoio suficientes. Ele faz os TPCs, no lado de baixo na casa da prima, outros perguntas que eu sei, mas eu já estou fora da escola há muito tempo.

-A irmã ajuda às vezes. Ele tem apoio na junta de freguesia, ele nunca faltou. Tem ajudado, ele tem de estudar mais, ele é muito preguiçoso, ele acha que é só dar uma revisão nas coisas e está feito.

-O pai tem a 4ª classe, ele não sabe. Ele vem da Ribeira Quente, levanta-se cedo. O Francisco faz as coisas é de manhãzinha, eu é que estou lá para apoiar. Eu tenho a 6ª classe, antigamente a minha mãe e o meu pai não podiam pôr no colégio, éramos 7 irmãos, o meu pai era pescador.

-Ele tem de estudar, para ter uma vida, o benefício é prá ele não é prá gente, ele que estude para ter um emprego bom. De professor pelo menos, não sei “o futuro a Deus pertence”, não sei, ele pode até desenvolver. Não sei por estar a ensinar os outros. Ele diz que quer tirar o curso de engenheiro, como o pai é pedreiro que vai ser engenheiro, acho bem, mas para ser “tem de ter aquela mentalidade que vai ser” não é com o 9º ano que a gente faz isso. Mas é cá nas capelas, aqueles cursos que dão lá. Não sabia que eram técnico profissionais. Era isso até que o meu mais velho queria tirar. O mais velho tem o 8º, ele queria tirar o 9º. Ele é bombeiro. Foi posto na rua porque não tem o 9º, mas ele gosta muito.

-O Francisco é muito criancinha, ele quer é brincadeira todo dia.

-Ela tem positiva a ciências, ele tem dificuldades em matemática, inglês e português, ele é muito preguiçoso e distraído. Está sempre a falar com os colegas do lado, é preciso estar sempre a chamar atenção. Se ele estudasse.

-Não tenho possibilidades de explicações, eles têm na escola. São 7 no apoio, ela (a professora) deve saber bem melhor do que eu. Está no professor ver se está bem. Eu digo “faz isso, faz aquilo prá escola”.

-Uma das gémeas tem o 9º ano, está casada já, tá à procura de trabalho.

-Eu nunca trabalhei, só em casa, e já é bastante. Só porque eu não tivesse, não quer dizer que eu não quero pra eles. O pai é mestre, gostava que seguisse a profissão, se outra forma, ligado à obra, mas ele tem de perceber que é preciso estudar muito, ter muita cabecinha prá quilo, mas ele não está a pensar muito nisso.

-Ele teve 4 negativas este período, com 3 passa, mas não se diz isso a ele, se ele quer seguir em frente com os colegas tem de estudar.

-Brigo com ele, tirei a playstation, o meu brigar é gritar muito, não dou porrada, é só gritar. A gente vai prevenindo, já sabe que vai ter negativa, nisso e naquilo para não ter o choque nas notas. O meu marido também briga, mas quem briga mais sou eu, ele está fora todo dia, quem está mais dentro dos assuntos sou eu.

-Ele está no 5º ano da catequese, com está na escola, é bem comportado, não tenho queixas dele na catequese. Eu pergunto à irmã se ele participa, ela mora mesmo ao pé. É a nossa religião, para ele ir à catequese sempre. Serve para falar de Deus. Para saber como Deus existe. Ate ao 10º para depois tomar o crisma e depois acabou. O que é não sei, “vai atrás dele”, sou cristã mas não sou praticante, não vou ^`a missa, mando as crianças, vão uma vez por mês à missa das crianças. Foi sempre a nossa lei, foi essa, sempre foi assim, o nosso Deus. Sempre fizeram, não porque eu quero assim, é porque é assim, sempre foi assim. Não compreendo outra forma. Enquanto tiverem comigo, eles vão pela minha lei, se depois de casarem quiserem de outra forma, é com eles. São coisas que são para cumprir.

-ele está na Banda da Lealdade, o único desporto que ele tem é este, nem sei bem o ele toca. Ele é muito envergonhado, é preciso puxar muito.

19/01/2009

Jessica – 12 anos - Repetente do 5º ano

-Queira ir para o 6º ano, mas por causa das notas não consegui, estudava pouco.

-Não me concentrava bem, os outros estavam sempre a falar comigo, os meus colegas. A minha professora é boa, porque ensina, as coisas que a gente não sabe, ela explica outra vez.

-Vou conseguir tirar positivas este ano, o primeiro período fui. Assim tenho força para estudar.

-O ano passado os colegas não me queriam nos trabalhos de grupo. Eu dizia à professora, ela brigava com eles, depois eles deixavam mas sempre a chamar nomes. As minhas amigas do ano passado passaram de ano. Este ano a maior parte são minhas amigas. Gosto mais desse turma, não me chamem nomes, deixem-me entrar no grupo.

-O ano passado a professora era boa, mas quando ia pedir explicação ela não dava, já tinha explicado à turma, mas eu não tinha percebido.

-Em casa não posso estudar no meu quarto, não posso porque tenho televisão e computador e eu distraio-me, vou prá cozinha.

-Há coisas que a minha mãe consegue ajudar, outras é o meu pai.

-Matemática, as contas. Ele sabe mais ou menos o suficiente para ajudar. Não sei que estudos é que ele tem, a minha mãe também não sei, é melhor perguntar a ela que eu não sei.

-Chego a casa, como, não estudo à noite porque venho casada, estudo da manhã. Chego a casa às sete horas. Da manhã, tomo o pequeno almoço, vejo um pouco de televisão e depois vou estudar. Faço os TPCs e depois vejo os apontamentos que a professora deu. À hora de almoço quando o meu pai está em casa, se tenho alguma coisa que não sei ele ajuda. Se tiver alguma coisa que a minha mãe sabe que está mal ele explica.

-Os meus pais dizem para mim estudar, para ter boas notas, para ter um bom trabalho. A minha mãe é doméstica e o meu pai é electricista, trabalha prá câmara.

-Eu gostava de ser enfermeira, gostava de aprender, porque eu gosto. Dar vacinas, essas coisas. A minha mãe conhece tantas.

-Para mim ser enfermeira é um bom trabalho. Não imagino casar, gosto de jogar computadores, brincar com a minha prima de 1 ano. Eu tenho 12 anos.

-As minhas amigas são mais novas 10 e 11 anos. A turma inteira brinca toda. A turma do ano passado faziam muito barulho, faziam mal na sala, atiravam borrachas. A professora metia-lhes na rua, mas não valia de nada, estavam sempre a bater na porta.

-Gosto de ouvir música, ver televisão, o canal Disney, as minhas novelas da TVI, vejo as três que dão. A televisão é do meu avô, ele é que vê e eu vou pra lá, até nem gosto muito daquilo, preferia ver o canal Disney, a Hannah Montana, porque tem partes para rir. Prefiro a minha à dela (Hannah Montana), gosto de viver a minha vida.

-Estou na catequese, faço muitas coisas. A professora traz coisas para gente fazer, jogos. O jogo da dama. Aprende-se muitas coisas, como Jesus vivia, essas coisas. Algumas raparigas não gostem, dizem que é chato, eu gosto. É importante para tomar a comunhão, o crisma. Não sei o que é. Eu queria saber mas nunca perguntei a ninguém.

-O ano passado às vezes não queria ir para escola por causas dos outros. Dizia à minha mãe que não queria ir para escola, ela dizia para eu ir, mas eu não queria. Ela obrigava-me a ir e eu fui. Só faltava quando estava doente.

-Eu porto-me bem, fico calada na sala, não falo com ninguém, falam comigo e eu não faço caso. No teste de história tirei negativa e os meus pais brigaram comigo, “tens de estudar mais”, não tirar negativas... Se tivesse mais negativas tiravam o computador e a televisão.

-No meu computador jogo o jogo da dama, o jogo de futebol, tenho internet, faço lá pesquisas daquilo que os professores mandam.

-Para ser enfermeira é preciso estudar, não muito, muito muito, mas um bocadinho. Eu gosto um bocadinho de estudar. Não gosto dos testes, são um bocadinho difíceis.

-A disciplina que eu mais gosto é educação musical. É divertido, tenho jeito mais ou menos. O professor faz coisas para rir, brinca na aula, deixa a gente sair um pouco mais cedo.

-Não gosto de EVT, é chato, geometria, fazer desenhos, é preciso medir aquilo tudo. São duas professoras, elas são boas, mas só que eu é que não gosto de geometria.

-Se tiver positiva em todas, passo o ano, se não tiver não passo. Depois fico outra vez no “quintimo”. O meu pai briga comigo “se eu não passar ele tira-me tudo.”

19/01/2009

Mãe da Jessica

-Eu tenho o 4º ano. Gostava de ir prá escola, eu era um pouco “arruda” mas gostava. A escola foi sempre a língua portuguesa, nunca fui aquela de matemática.

-Sou domestica. O meu menino de 7 anos também gosta, mostra interesse pela escola.

-Eu queria que ela tivesse uma vida limpa, não posso exigir muito dela, uma vida que ela levantasse e soubesse para onde tinha de ir, uma vida boa para ela. Como enfermeira, professora não, é demais, mas doméstica não, não queria esta vida prá ela.

-Casar, não sei se ela vais casar, ela diz da maneira que as coisas estão não vai. Tudo gosta de ver os seus filhos “imparados”. Um homem que lhe sabe estimar, que lhe dê uma vida boa, se não é duro.

-É bom casar, para ver se ela se desenvolve mais. Ela tem horas que está mais acanhada. Ela não teve pré, sempre desenvolve mais as crianças, mas naquele ano era prá mães que trabalhavam.

-Sou franca a dizer, não a ajudo, porque as coisas que ela tem eu nunca dei, ela tem apoio na escola, já fez o ano passado, tem obrigação de saber o que tem de estudar. Ela estuda sozinha, nos testes eu tento ajudar.

-O pai tem o 7º, 3º do colégio. Ele não ajuda nada. Tem horas a dar à câmara, quase que não tem tempo. Ele quase que não tem tempo, não ajuda ela. Ele diz “tens que fazer, tens que estudar, quero ver”, o pai vê os trabalhos que ela faz.

-Quero o que é bom prá ela, não quero é que ela tenha uma vida de doméstica, ter um trabalho. Eu sou doente, a minha mãe também é doente, tenho de olhar por ela, é a minha vida.

-Ela está a estudar por alguma razão é, lá em casa só entra o ordenado do pai, ela tem do pode trabalhar para poder comprar as coisas que ela quer.

20/01/09

Pai da Jessica

-Ontem ela falou que gostou de ter estado cá consigo, mas soube explicar pra que foi. A gente pensa o melhor para ela.

-Já ouvi, o filho ou o filho de fulano não presta, não gosto de ouvir falar isso, quero é que digam que é bom. Eu já lhe disse que eu ando pelo caminho e ouso muita coisa, “de ti só quero ouvir coisas boas.”

-Ela é boa pequena, mas custa a abrir. Ela é malandra, levanta-se, vê televisão, digo vamos embora estudar, ela responde que vai estudar com a professora. Digo que ela vai chumbar, certas coisas que eles me pedem não têm, não coisas de escola, isso dou sempre. Ela quer um telemóvel, já lhe disse se ela atinar dou-lhe. Os castigos são esses, não lhe dou porrada, só falo. E é igual pró irmão de 7. Ele é mais esperto que a irmã, até agora.

-Eles só não vão à escola se tiverem doentes. Às vezes digo “hoje está tão mau tempo, não é melhor ficares em casa, eu depois justifico, ela não gosta nada disso”.

-Ela diz que gosta mais dos professores deste ano, gostava dos do ano passado, mas gosta mais desses deste ano. Qual é a razão, ela não sabe dizer, talvez eles têm outra maneira de falar com ela, às vezes se falam duma certa forma ela enerva-se.

-Ela diz que há uma professora de matemática que ela não gosta muito – diz que não responde às perguntas. Ela disse-me à uma semanas ou duas, quem trata dessas coisas é a minha esposa, eu não tenho tempo.

-Eu tenho o 2º ano do liceu incompleto “não pude ser, tive que ir trabalhar, aquilo que o meu pai recebia era prá bebida, se quiséssemos comer tínhamos que trabalhar ” – não quero o mesmo para ela ou para ele. Quanto mais estudarem, melhor para eles.

-São três irmãos, o mais moço sou eu, eu é que consegui ir mais longe nos estudos, não há mais na família. Eu nunca fui muito da escola, nem sei como consegui o 1º e o 2º ano. Nunca faltava às aulas, só que não gostava muito.

-O gosto dela, não vou escolher por ela, ela diz muitas vezes que quer ser enfermeira, eu não vou escolher por ela, é o gosto dela. “Não tiro a vontade”.

-Nunca pensei em o que ela seria.

-Não vai ficar solteira, gostava que ela casasse bem, que vivesse bem, amanhã estou morto e quero que ela vive bem, não é um empurrão daqui e outro dali. Já tive isso e não quero isso prá ela, devem viver felizes.

- Um bom marido, é um homem que não consome, não dá maus tratos, uma boa convivência. Uma pessoa bem educada, profissão tanto faz. Não gostava de a ver maltratada. Ficar em casa ou ir trabalhar era com ela quando casar.

-Não ajudo ela em casa, porque chego a casa tarde, e há coisas que ela dá que eu nunca aprendi, ela tem apoio na escola, ela vai, eu disse “não vais ficar em casa a fazer nada, eu e a tua mãe não podemos ajudar, não vais ficar a olhar pros outros”. As coisas do colégio hoje é muito diferente daquilo que eu dei.

-O que eu não tive, não quer dizer que não quero que eles tenham “se levaste toda a vida porrada, não quer dizer que vais dar porrada aos teus filhos”. Eu levei muito até mesmo por não ter feito nada, não quero isso para os meus filhos.

-Ela já tomou a comunhão infantil, a 1ª e a 2ª solene e agora falta o crisma, não sei quando é, o Papa e o Bispo é que resolvem. É uma profissão de fé, a pessoa que não é crismada, o padre não casa pela igreja, só casa civilmente. Para mim é importante, eu fui criado assim, eu penso por mim. No dia que ela quiser casar pela igreja, tudo bem, mas se não quiser, tudo bem. Ela diz que não quer casar, mas isso é agora com 12 anos.

-Ela já esteve nas danças, no São João, pela Estrelas, mas este ano não foi. Ela diz que não quer ir “não queres ir, não vais”. O tio diz-lhe que no São João ela vai sair com ele “vamos embora”.

-Ela diz que gosta de ir à catequese, ela também está no coro da igreja. A irmã Jacinta é que organiza os ensaios. Ela foi de livre vontade, perguntaram se ela gostava de ir, ela chegou a casa com essa história e eu disse “queres ir, vai-te embora”, não foi coisa que eu a obrigasse, ela foi de vontade.

-Às vezes coisas de escola tenho de brigar, não brigava no 2º e 3º anos as coisas do colégio, é um pouco malandra “fazer primeiro os estudos e depois vêes a televisão”. “À presa não sai bem”, a gente tem de ir dizendo, senão não faz, leva tudo na brincadeira.

-Eu não paro em casa, tenho sempre de arranjar coisas para mim ir fazendo.

-Ao sábado ela levanta-se cedo, quando podia estar descansando.

17/02/2009

João 14 anos –repetente

-O ano passado correu mais ou menos, eu gostei por causa dos professores e das matérias. Chumbei porque batia nos alunos, por nada. Eu não estudava, não fazia os trabalhos de casa. Gostava de brincar à bola. Por causa que a escola fica mesmo ali ao lado, podia ir buscar comida e tudo. Agora nessa escola, não sei porque estou lá, é os repetentes que estão ali. É mau porque os grandes deviam estar no colégio. Gostava de ir por causa que é mais grande. Poso jogar futebol, tem um bar pra comer, tem um ginásio.

-Tenho amigos na escola e no bairro. Brincamos à bola, vamos pra praia, jogamos às cartas, andamos de bicicleta.

-Este ano tenho tudo negativo, está tudo mal. Tenho apoio mas vou às vezes. Já faltei uns 3 ou 4 vezes, era aborrecido e às vezes acordava tarde. Faço os trabalhos de casa às vezes. Fiz hoje. Faço sozinho, não gosto que ninguém me ajude.

-Acho que a minha mãe tem o 4º ou o 5º. Quando não sei “vou-me ao livro”. O meu pai diz sempre que não sei nada, que nunca faço nada na escola, é por isso que nunca pergunto a ele. Quando faço mal ele briga. Quando chego a casa a minha mãe diz pra fazer os trabalhos de casa, eu digo que não apetece, mas faço.

-Quero ir pró 6º, pra arranjar um emprego melhor. Vou desistir quando tiver o 8º. Posso tirar a carta de mota, o meu padrinho disse que ia oferecer. Vai ser o meu padrinho do crisma, ele disse se eu portasse bem ele ia oferecer. Portar bem na escola, na catequese e na rua. Eu porto mais ou menos.

-Às vezes gosto da catequese, às vezes agente briga lá dentro. Às vezes apetece e agente brinca e a senhora manada agente prá rua. Vou porque é preciso, se não tomo o crisma. Sem o crisma agente não casa. Gostava de ser pedreiro, ter uma família, ser pai. Quero ter 2 raparigas e um rapaz.

-Gosto de fazer casas. O meu pai é pedreiro. É bom, ele gosta. Ele diz que se lhe chamassem pra pintor, ele não ia, ficava em pedreiro. Eu não sei pintar, sei fazer cimento, amarrar ferro, o meu pai já me ensinou. Ele tem o 4ºano.

-Vou pró 8º de repente é preciso, depois pró carro vai pro9ºano. Mas eu não estudo. Vou-me estudar.

-A matemática e historia são os mais difíceis. As contas, geografia de Portugal, eu sei nada, só algumas coisas. Pra trabalhar não é preciso historia, só matemática e ler. Sei ler mais ou menos. Matemática sei algumas coisas. Na escola tenho duvidas. Meto o dedo no ar, às vezes. Às vezes só falo. Às vezes não percebo nada, eu digo e a professora repete. Às vezes não explica, por causa que eu estou sempre distraído, com os amigos, quando eles me chamem falo com eles sempre.

-O meu pai já me disse pqrq eu sair da escola para ir trabalhar de pedreiro, gosto de trabalhar, e é bom para trazer dinheiro pra casa. Não consigo melhor porque eu não quero, por causa dos estudos.

-Em pequeno queria ser bombeiro, agora não gosto, é muito arriscado, por causa dos fogos.

-Posso ir pra escola da noite tirar o 9º e o 10º. Vai-se tirar agora o 6º.

-Gosto mais ou menos de matemática, gosto de EVT, musica e língua portuguesa. Toco a flauta, é divertido, o professor traz vídeos prá gente ver.

-Não gosta por causa do horário, á muito chato. Entro à 1hora pra sair às 6h25. Muito tempo na escola, prefiro levantar de manhã. Se tivesse a escola de manhã, eu ia sempre, estudava e passava de ano. É só o horário, se mudassem, eu passava.

21/01/2009

Jorge 12 anos - Repetente

-Não estudava muito, não sabia os testes, não marcava as datas dos testes, mim esquecia.

-A professora do ano passado não “arraiáva” com os alunos, não brigava, brincava com os alunos, eu gostava muito daquela senhora. Quando a gente tinha dúvidas, eu levantava o dedo e dizia “senhora não percebi”.

-Eu rio muito, apanhei muitas negativas, no 1º período 4 negativas, no 2º, 5 negativas “era mesmo para perder senhora”.

-A minha mãe disse para mim estudar mais. Quando chumbei o ano, a minha mãe não disse nada. Agora está melhor senhora, os testes, ainda não tive negativas, só ontem é que tive uma em história, eu estudei mas às vezes fico nervosos no teste. O ano passado também era assim.

-A minha mãe agora está a estudar na escola profissional, ela não veio hoje porque tinha um teste. Tá a tirar um curso, qual, já não sei dizer. É melhor, assim ela sabe mais das respostas para me ajudar. Mas a minha irmã é que me ajuda, ela tem 14. Às vezes é ela que me ajuda, mas a maior parte das vezes “é eu”.

-Gosto mais de EVT, Inglês, História, Música, Matemática, Ciências da Natureza e a só. A que eu gosto menos é Língua Portuguesa, a professora briga muito...às vezes a minha turma, não estamos atentos. Quase sempre estou atento, mas às vezes, começo nas risadas.

-São todos os meus amigos. Só um é que veio do ano passado.

-Brinco á bola na canada, na minha rua com os meus amigos e primos.

-Pensei que a senhora ia brigar comigo por causa dos PERES. Eu não quero ir para lá, não são só as notas que contam, é o comportamento também.

-Vou na catequese, vou todos os dias ao sábado. A gente aprendem muitas coisas de Jesus. Ser para ajudar as crianças. As catequistas são simpáticas. Vou para mim aprender mais sobre a catequese. Acho que é até ao décimo ou no nono que acaba. Não sei explicar muito bem para que serve. É para a gente perceber mais matéria da missa. Só faltei uma vez, a minha irmã não tinha catequese e eu pensava que também não tinha.

-Quero ser pintor, gosto muito de EVT, gosto de pintar. Pintar casas, gosto muito de pintar, ajudar as pessoas. 400 euros acho que é o que ganham. Sempre juntando já dá uma bela conta senhora.

-O meu pai trabalha em terras, já não ma lembro como se diz. Penso bem sobre a minha família. O meu pai tem o 2º ano, o meu pai não sabe muito senhora. Na época do meu pai a professora era muito ruim, dava nos alunos. No 2º ano ele apanhou um professor muito ruim, esse senhor já morreu.

-Penso que eu vou trabalhar para minha família quando for mais valho. Os meus filhos “têm de aprender” para tirarem a sua carta de carro! E terem o seu futuro.

-Vou estudar até ao 9º, para mim tirar a carta de carro. O décimo é muito longe, falta 5 anos. É só, quero ir até ao 9º, já disse à minha mãe, ela disse “tá bem”, eu já podia estar no 7º

-Queria ir para o colégio, a escola está em obras. As raparigas são mais bonitas. Já tenho noiva na Ponta Garça. No sábado vou ter com ela. Ela tem 13 anos, estuda na Ponta Garça. Uma amiga dela é que me disse dela. Falo ao telemóvel.

- Não me interessa estar em clubes de futebol, gosto de jogar mas “o que é que eu vou fazer prá lá”.

-Senhora isto já está a demorar muito tempo “não gosto de conversar, aborrece, muito tempo aborrece-me”.

- Em casa jogo playstation, brinco “é tubo lá prá dentro, é muitas coisas”. Não gosto de conversar muito.

10/03/2009

Luís – 16 anos - repetente

-Primeiro vim do PERE, depois vim pró 5º, correu bem. Perdi por comportamento, era sempre falando com os colegas. O professor mandava calar e a gente nunca se calava. Não apetecia ter nas aulas, sei lá porquê, nem sequer sei. Era a matéria que já tava a tirar o juízo. Preferia ter em casa a jogar na playstation.

-No terceiro período o professor disse que não ia passar de ano se continuasse sempre assim. Depois eu parei mas não foi o suficiente. Parei de fazer perca para ver se passava de ano, mas não foi, não deu. Queria passar de ano pra não ter sempre no mesmo ano.

-Este ano só conheço aqueles que estiveram comigo e chumbaram.

-É passar de ano. Quero passar, o professor disse que se continuasse sempre assim eu passo. Eu disse que queria desistir da escola à minha mãe e ao meu pai, disseram que não queriam que eu saísse da escola. Se perder este ano é que saio da escola. Eu não queria isso mas pronto. Queria ficar até aos 18 anos pra tirar um belo curso, de construção civil. Ser engenheiro de obras. É um pouco difícil mas pronto. A minha escolaridade já tá muito atrasada.

-Eu ajudo o meu pai na terra. Ele é carpinteiro, tem a 2ª classe, a minha mãe a 4ª classe é doméstica. Ele não estudou assim tanto, podia ter um belo emprego. A minha mãe é que me ajuda com os TPCs quando tenho dificuldades. O meu pai não sabe ler muito bem “de vez em quando” os faço.

-Quando chumbei disseram que se perdesse outra vez que ia trabalhar. Eu queria mas a minha mãe não deixa.

-A minha prima tem o curso de construção civil da escola profissional, ela tá tirando ainda. É bom prá ela. Gostava. Eu tenho muita falta de estudos. Gostava mas dessa maneira não dá.

-Vou ter com os meus amigos no campo jogar futebol, este ano não tou em nenhum clube, não abriu o meu escalão. Sair à noite pra festas.

-É importante estudar pra tirar a carta de condução. Acho que é o 9º, não sei. Quando era pequeno queira ser lavrador pra criara vacas, tirar o leite. Já fiz, com um colega meu. Gostava daquilo, mais do que ir pra escola. Por causa dos professores “não tinha tempo pra sofrer eles”, para mim estudar, pra fazer os TPCs e eu não fazia, não apetecia. Eu percebia, até tinha quem me ajudasse mas não apetecia fazer nada. Tou arrependido. É ir pra escola.

-Quase sempre eu faço os trabalhos. Gosto de ter agora na escola, o professor está sempre apoiando. Eles explicam bem as coisas. Vou passar claro.

-Tou no 8º ano da catequese, gosto, gosto de ouvir a palavra de Deus. Perdi 2 anos, faltava muito, era muito longe, esquecia-me que havia. Vou fazer até ao fim pra tomar o crisma. É ...deixa ver o que é, é como se fosse uma comunhão. Mas agora já não é obrigatório. Mas quem quer ser padrinho tem que tomar o crisma. Sei lá porquê. É importante. vou porque quero, desde que estou no 5º ano. Não queria ir pra catequese, os meus pais é que mandem ir, pra mim não ter faltas, tomar a comunhão. Não sei.

-Chego às 6h27, venho pra casa, como e depois se o meu pai tá a fazer uma coisa eu ajudo, vejo televisão depois saio um pouco com os amigos depois venho pra casa às 9h30, lavo-me visto-me, como e vou pra cama. Às 10h00 levanto-me, como, tomo duche, visto-me e vejo televisão, jogo e ao meio dia vou comer depois espero um pouco até à hora das aulas. Não trago sempre trabalhos de casa. Só de vez em quando. Ela manda mas eu faço no intervalo. Não tenho apoio, o ano passado é que tive mas este ano não porque estou bem nas notas, não tenho negas.

-Já levei puxões de orelhas, o ano passado, este não. Em casa é castigo. É não jogar, não sair, resulta. Eles dizem pra mim estudar, estar atento nas aulas, é importante pra nossa vida. Saber ler, eu sei, mas é bom saber mais ainda.

-A escola é mais importante do que a catequese, agente estudem. Na catequese basta portar bem e não ter faltas pra passar.

-Estou nos escuteiros, os pioneiros, gosto, fazem actividades, construções.

-Estudo no quarto com os livros em cima dos joelhos pra estudar. Quando é pra ter um teste, pego no livro e leio, tenho os apontamentos que o professor diz nas aulas.

-Gosto de história, língua portuguesa, matemática, EVT. Tenho boas notas a esses, mais musica, inglês é que é um pouco difícil. Não sei bem inglês. Tenho à 4 anos.

10/03/2009

Mãe do Luís

-O pai já disse que ele tem que estudar, só tem 16 aninhos. Ele quer ir trabalhar mas não pode. Ele quer ser igual ao pai, o pai já está arrependido. Quero o melhor para ele, quem não quer o melhor para os filhos. O ano pra trás fui buscar as notas, senhora, ele era o pior de todos, ficou pra trás.

- Ele diz que tá cansado, o que é que ele faz que está cansado.
- No tempo, a minha mãe ficou muito tempo doente quando a minha irmã nasceu, eu é que criei os meus irmãos. Fiquei em casa a fazer a comida, eu era a mais velha.
- Quando recebi a carta em casa da escola, que o meu filho não ia passar de classe “isso o que é agora” sempre na classe. Eu disse ao pai, dei parte ao pai. O pai guerreou com ele. Se não passar este ano vai trabalhar, “carregar blocos pra dentro”. O pai disse, se não passar este ano ele corta tudo, já cortou a bola. Se ele não estuda.
- Ele agora tem 16 anos de não portar bem ou faltar põe-no pra fora.
- Ele não falta, o professor diz que ele não é mal criando. Lá em baixo no colégio as notas eram tão boas, até consolava, veio pra cima tá pronto, tá igual. Eu quero que ele estude. O pai não quer tirar da escola, ele tá arrependido e agora não tira da escola. O ler não é tudo na vida, pensa que saber ler sabe tudo.
- Tenho a 3ª classe, não fiz o exame da 4ª classe. Sei bem pra mim. Naquele tempo era muito rigoroso. Agora não se pode bater num aluno. Agora há mais coisas, eu andava com uma saca de fardo, dava pra 3 irmãs. Hoje há tudo dado. Tenho escalão, eles é que não querem, não lhes vou matar ainda vou presa.
- O meu marido é pior, só tem a 1ª classe, só sabe assinar o seu nome, é por isso que agora está arrependido e já disse ao filho. Fugia da escola. Eu digo a ele, Luís pra saber ler e escrever, pré ser pedreiro já há cursos. O que ele vais fazer carregar terra? Isso mexe comigo.
- Ele agora está melhor, mas já fui chamada à escola, Dá pra fazer igual ao colega que não quer saber de fazer nada. Estou agora à espera das notas, agora pra pascoa. O que é que uma pessoa vai fazer, não vou matar. Quem não sabe ler é um atrasado. Ele sabe ler, mas não é tudo, tem mais coisas. Eu sei ler, o meu marido não sabe.
- Não sabe as tabuadas, diz que não sabe inglês, de repente se estudasse sabia. Ele vai ter castigo, o pai já disse. No primeiro período foi mais ou menos, teve 3 negativas. Não teve muito ruim. Vai atrás do outro. Se ele se atirava da rocha abaixo ele vai atrás.
- Em casa é ele sozinho que faz os trabalhos, quem ajuda á a prima, está no curso da escola profissional, mora aqui atrás da igreja.

-Eu não queria, não sei, no lugar de ser pedreiro, melhor, não pode ser advogado nem doutor, ele não dá pra isso. Tenho uns sobrinhos que vão pra Lisboa tirar os cursos, moram na Vila Franca. A família daqueles pequenos é tudo professores. O pai também tem estudos, só a minha irmã é que não tem, só tem a 4ª classe.

-O meu marido é servente de pedreiro, eu sou domestica de casa, já trabalhei em solteira na fábrica dos bordados. Já não trabalho à 16 anos. Em casa a cuidar dos filhos, estou em casa à espera dele para dar comida quando ele chega.

-Gostava que ele trabalhasse num computador, que tirasse um curso, não em lavrador que não dá nada.

-Ele vai-se crismar, vai pra catequese. Eu penso que sim, que ele gosta, e vai sempre ao sábado, tá nos escuteiros, vai à missa. É importante aprender a rezar. Eu mando, mas ele gosta. O meu pai ensinou a ir à catequese, a querer ir à missa, eu faço igual. Eu até ia descalça, naquele tempo não havia. Fui crismada e tomei comunhão solene, penso que é bom. Dizem que tem de crismar pra ser benzidos, não se casa. Antigamente era assim. É os ditos de antigamente. Tenho gosto que ele faça o crisma, ele já perdeu, penso que vai com outro colega, ou fala dentro e botem pra fora. Ele nunca disse que ele não gosta. A escola é mais tempo, os professores estão sempre a dizer pra trabalhar.

-Quero ver ele casado, eu casei-me. Ele que case com uma rapariga pobrezinha, como eu.

-Se ele perder outra vez, fica em casa de vez.

17/02/2009

Maria 14 anos - Repetente

-eu não gostava de ir pra escola, os professores ensinavam de maneira que eu não gostava, eles eram muito apressados, se a gente não percebia uma coisa eles já estavam à frente, eu também não tirava duvidas. Eu também o ano passado não ia pra escola. Era muito tarde, às 1h40 e saia às 6h25, saia de manhã prá chegar à noite. Ia no primeiro período, e ia algumas vezes. Não gostava da escola. Agora é melhor, os professores são outros, os professores sabem explicar, dão matéria que eu gosto, a diferença é melhor. Gosto destes professores.

-Agora, estou em risco de perder. O 1º período foi bom, mas o 2º não, estou em risco de perder, é estar falando muito. Não estou atenta nas aulas, não faço os TPC's, eu não sei fazer e a professora quer que eu faça.

-À quarta feira tenho apoio, vou quase sempre, só faltei 2 vezes. Estava aborrecida. Chego a casa aborrecida, saio muito tarde da escola. Esse período não sei o que é que se passou, não me tava apeteendo fazer nada. Mas ainda não é tarde posso passar.

-Gosto de passear, às vezes. Ver televisão, ouvir musica.

-Tou no 8º ano da catequese, é porreiro, sei lá porquê. Vou para mim passar e tomar o crisma. A gente aprendem coisas sobre gente pobre que a gente deve ajudar, sobre Jesus. O crisma não sei o que é, não sei ainda, não tomei. Eu vou porque eu quero, porque eu gosto “gosto de ter lá”.

-Quero fazer o 9ºano, já dá emprego. A minha mãe acho que tem a 3ª ou a 4ª classe. A minha irmã tirou o 8º, depois não quis mais, é casada.

-O que eu gostava, nunca vou ter que é ser médica, mas nunca vai ser. Tenho que estudar muito, não tenho cabeça pra isso, não tenho paciência, já é tarde. Também já perdi 4 anos, é muito, de repente vou sair da escola. Vou ver se continue, isso depende dos professores, se forem bons, se forem maus fico-me em casa. Os médicos ajudam as pessoas .

-Gosto mais de matemática, gosto menos de educação física, é preciso fazer cambalhotas, eu não gosto. Tenho de tirar o brinco e eu não quero. Gosto de fazer desporto, não gosto é da parte da ginástica mesmo. Se chumbasse outra vez, já não ia mais. Se passar continue. Pró ano faço 15.

-O meu marido seria juiz, não é bom? É mais importante que os outros. O que é mais importante é o amor, não é o emprego. Não conheço nenhum juiz, só na televisão é que vi, não conheço.

-O meu pai trabalha na mata a cortar arvores. Nem por isso é bom. É muito perigoso, podem morrer quando tiver cortando. A minha mãe é domestica, não é emprego. Eu gostava de ter um emprego para mim ganhar dinheiro, sem dinheiro a gente não podem comprar nada. Se casasse eu ia trabalhar para ajudar para pagar as coisas. A minha irmã

não trabalha, às vezes vai limpar casas, era melhor se trabalhasse. Eu vou continuar a estudar para mim ter um emprego.

-Os TPC's quando não sei, pergunto à minha outra irmã que está na escola. Quem se ajuda, quase sempre faço sozinha, lá no meu quarto. Quando não percebo peço ajuda, em ciências.

-Vou pra escola, venho pra casa, vejo televisão, lavo-me, janto e vou pra cima pró quarto, às vezes faço os TPC's na cama. Só faço os trabalhos de casa na cama, não faço de manhã, não gosto de manhã é pra descansar.

-Nunca vou ser rica, trabalhar mas não dá para me ter tudo que eu queria, não ia trabalhar, ficava em casa.

17/02/2009

Mãe da Maria

-Eles não gostam de ir à escola, são preguiçosos. Quando começam a ter mais idade não querem ir. Agora há aqueles computadores, acho que estão a dar muitas oportunidades.

-Se tenho alguma carta, vou-me saber, não vou por mim, mas quando é preciso. Às notas nunca deixo lá, sejam boas ou ruins vou sempre.

-Tenho a 3ª classe, nunca gostei da escola para dizer a verdade. Também se quisesse não podia, a minha mãe teve muitos filhos, tivemos que tomar conta uns dos outros. O meu marido tem a 4ª classe, desistiu porque quis, penso eu. Também não tinha possibilidade.

-Os estudos estão caros, digo eu. Tenho um irmão que já se queixa. Ele tem um filho na universidade. Deus que permita que ele consiga tirar o que quer. Não são pessoas de se dar. A gente não se vê muito. Estes sobrinhos gostam da escola. Ele continua sempre, quer ser jornalista. A Maria quer ser médica, mas ela não vai conseguir, não é das pessoas mais inteligentes.

-Eu gostava de ter sido professora, mas agora já não queria, com os miúdos a portarem-se mal. Tenho uma irmã que queria continuar mas tiraram-na da escola, antigamente era assim, tiravam e a gente calava.

-A Maria é preguiçosa, não estuda, não é empenhada. Se chumbar esse ano vai pra trás. Esses telemóveis tirem o juízo.

- A Débora se tiver é quem ajuda, se ela quiser, porque tiver sem querer não faz nada. Ela teve melhor no 1º período, agora no segundo está pior, porque não estuda, não faz os TPC's, se ela estudasse ela tinha melhor. Há miúdos que entra na cabeça mais fácil, mas outros dá mais trabalho. Não tenho nenhum filho com o 9º ano e “bastanta pena que tenho”. Até o mais pequeno já tá dizendo que quer ter 15 anos pra sair da escola.

- O meu pai era muito antigo, não deixava ninguém estudar.

-Esses miúdos não querem ter responsabilidade, não querem ter nada a seu cuidado. Uma diz que quer limpar casas, mas até nem isso há. Só queria um emprego bonzinho pra eles.

-A Maria eu não queria que ela se casasse. E se não dá certo?, nesta era não compensa. Se fosse agora não me casava. Podem viver juntos. Primeiro gostava que ela estudasse, mas que arranja-se um emprego bom para não depender de ninguém, muitos casamentos acabam é porque as mulheres não trabalham e obrigam-se a ficar.

-A Maria gosta de televisão, de fazer um recado “ir à loja”, dar passeios. Na tem amigos, não tem amigos que vem aqui. Dá-se só com as irmãs. Também não gosto de amigos. Nessa era devíamos ficar connosco. O que precisávamos era uma vez por mês ter um psicólogo para tirar o que está de anos pra trás.

-Não gosta da catequese, vai obrigada. Penso que é um “uso” todos temos de ter profissão de fé, já a minha mãe. Ela não vais à missa, também muita gente já não vai. Eu fui criada assim, se ela quiser vai, se não quiser fica assim. É muita complicação.

14/01/2009

Patrícia - 12 anos de idade - Repetente do 5º ano de escolaridade

-Quando era pequena minha irmã mais velha também não gostava da escola, ela tem 5 anos de diferença de mim.

-Antes gostava da escola, mas não sabia estudar, os meus vizinhos é que me ajudavam quando morava na vila.

-Acho importante estudar para arranjar um trabalho, tirar a carta de condução. O meu pai tirou o 4º ano.

-Não sei dizer o que quero ser, gosto de ir prá rua ter com os meus amigos, os meus colegas da rua, conversamos e brincamos às escondidas, às apanhadas...brincadeiras de criança.

-Uma amiga tem 14 anos, também dançamos, estou na junta de freguesia nos ensaios, gostava de ser bailarina, sempre desde pequena, sempre estive em danças. A minha amiga está no 6º ano, os testes dela são bons e muito bons.

-Eu não gosto da escola desde do 2º ano, as matérias eram difíceis, eu não sabia. Eu chamava o professor e dizia que não sabia e ele ajudava-me.

-A minha mãe queria tirar-me da escola para ir para a Casa do Povo onde estive a minha irmã. Lá aprende-se tudo, mas eu disse que era muito nova, só se pode ir com 15 anos. Eu achava bem, eu gostava de ir para lá. Faz-se comida, mexe-se em computadores.

-A minha irmã tirou lá o 9º ano, aprendeu a fazer tudo lá. A minha irmã tem 17 anos, já casou civilmente.

-Estou no 6º ano da catequese, já perdi lá também tantos anos, agora estou a ir. Não ia, faltava sempre, não gostava também de lá estar. A minha mãe disse que tenho que ir para poder tomar o crisma. Não sei o que é, mas sei que tem de ser, é importante para saber onde Jesus viveu. Tenho de ir sempre à catequese, ouvir os professores. Tem que se passar os anos da catequese como na escola. Não sei para é que serve o crisma só sei é que é importante, não sei explicar.

-Os meus pais têm os dois os dois o 4ºano. Eles sempre para eu ir para a escola, quando quero faltar eles não deixem. Eles sabem que é o melhor para mim. Já disse à minha mãe quando tiver os 15 anos vou sair da escola mas até...nunca gostei da escola, quando era pequena chorava sempre, dizia à minha mãe que não queria ir à escola. Sempre foi assim.

-Eles dizem que é bom para tirar a carta d condução. Não tenho ninguém na minha família que tirou mais que o 9º ano. A minha irmã faltava sempre, nunca gostou da escola.

-Os professore ajudem-me bastante, eu é que não quero. Queira era sair da escola. A minha irmã foi burra em sair da escola, ela já estava a tirar o 9ºano.

-Na Casa do Povo é bom, aprendemos a fazer comida, assim quando o marido estiver a trabalhar e vier do trabalho tem a comida feita. Com vinte anos vejo-me casada, sempre gostei de ter filhos. Gostava de ser casada com filhos. O meu marido seria pedreiro, é o melhor trabalho que há, para mim acho o melhor trabalho, ganham mais dinheiro.

-Eu gostava de ir trabalhar para um restaurante fazer comida. Ia trabalhar para ganharmos mais dinheiro os dois. A minha mãe foi trabalhar para um restaurante com o 4ºano. Se o meu pai tivesse o 9º ele arranjava um trabalho melhor ainda. Ele agora não está a trabalhar, a minha mãe também não está. A minha irmã também não está mas o meu cunhado trabalha como pedreiro. Ele agora está nas Bermudas. O meu pai também lá esteve mas quis vir para trás. Ele agora está à rasca de um trabalho para si.

-Quando era pequena dizia que queria ir trabalhar para um restaurante. Não sei porquê um restaurante, não sei explicar porquê. Era o que eu via a minha mãe a fazer.

-Os meus padrinhos estão em Lisboa, trabalham como vaqueiros. Já estive lá com eles, ajudava da manhã, tirava o leite das vacas, depois levava aos bezerrinhos. Foi no ano passado, fiquei lá o verão todo.

-Este ano estou numa turma nova do 5º ano, tem lá mais dois repetentes. Eles são porreiros, são divertidos. A gente faz brincadeiras, os professore não levam a mal. Gosto de alguns, os de EVT, a minha Directora e é só. Não levam as brincadeiras a sério, quando a gente brinca não dizem nada, os outros brigam. O João faz piadas e eles brigam. Ele faz “bicos” prós professores, todos começam a rir. Ele não faz isso à Directora. A gente às vezes dizem coisas para rir. É só eu e o João que não gosta de ir pra escola. A Maria já gosta, já tem suficientes e bons. Elas tem irmãs que ajudem ela, eu não tenho. Ela está sempre atenta nas aulas e eu não estou. Ela não é mais esperta que eu, “é as duas igual”. Eu não consigo porque não quero, “eu não quero só porque não quero!”. Se o próximo teste fosse suficiente ficava feliz, era o primeiro, em EVT os meus testes são bons.

-Quando digo que não percebo, os professores esperam que todos acabam e depois fazem no quadro à frente de todos. Tenho apoio mas não vou, não gosto também, “não há paciência”. São muitos numa sala, duas turmas. Eu e o João temos, nunca mais

fomos. Não gosto dos professores de apoio, não sei explicar. A minha mãe já me pôs numa explicadora, eu é que não quis, não gosto “eles ensinam, ensinam e nunca põe na cabeça”. Os professores dizem que sou esperta, eu é que não quero ser esperta, não gosto da escola.

-Quando não tenho nada para fazer, para entreter uso música. Os meus amigos passam música prá pen depois eu ponho no computador da minha irmã em casa.

-O meu irmão Fernando de 11 anos também não gosta da escola.

-Vou ter que esperar até aos 15 para sair da escola, isso se não for até aos 18, dizem que para sair da escola vai passar para os 18. É bastante tempo para esperar. Os meus amigos na escola são a Maria e o João. Não tenho colegas que vieram de trás do 1ºano, já não sei bem quando deixei de estar com eles. Não estão na mesma escola que eu. Eu não falava com eles, não gostava deles. No terceiro ano senti que eles eram diferentes de mim. Eles tinham sempre bons e muito bons e eu suficientes e insuficientes. Depois fiz amigos novos e andava com eles, esses eram mais como eu na escola.

-Nunca pensei acabar mais que o 9ºano, se fosse mais “acho que morria”.

-Se eu levantar as notas agora, ficava na escola. A matemática é a mais difícil, não consigo por na cabeça. Os miúdos da minha turma são todos uns “betinhos” menos a Maria. Ela deve passar este ano e ir para outra turma, o João não passa, mas faz 15 pró ano deve sair. Eu fico ainda bastante tempo na escola até fazer os 15 anos.

-Na dança tenho amigos, são mais velhos que eu. O meu namorado também não gosta nada da escola, também vai sair este ano da escola, já tem 14 anos.

-Se a escola tivesse um clube de dança eu ia, mas não ia se não fossem os meus amigos do outro grupo. Mas se fosse para mostrar às outras que sou melhor até ia.

14/01/2009

Pais da Patrícia

-Desde que fomos para outra freguesia viver que notamos que as coisas mudaram, mais namoricos, os amigos. Já a mais velha nunca gostou da escola.

-A mãe tem a 4º ano e o pai o 1º

-O pai está “parado” desde que veio das Bermudas, a mãe também não trabalha.

Porque acham importante estudar?

Pai – “estudar para ter um futuro melhor”

Mãe – “tirar a carta de conduzir”, digo sempre para ter mais atenção nas aulas, queira que ela fosse mais do que eu. Mais do que fazer limpezas, tipo professora, cabeleireira, o que ela gostasse. Ela não fala, é difícil conversar.

-Ela nunca diz nada, foi sempre assim pela escola. Em casa não tem que a ajude, não quer apoio. Em casa ela ajuda na casa.

-por exemplo, ela chega a casa, come e vai para a dança. Nunca vejo trabalhos de casa, nunca vi. “Dou porradas, poderes de porradas mas porrada não ensina, mais tarde vai-se arrepender”.

O pai diz não conhecer os professores de nenhum dos 5 filhos.

-É sempre a mãe que vai. Ela é que é a encarregada de educação.

-Os professores dizem que ela está sempre distraída, atrasada, para eu falar com ela. Quando falo é pior entra e sai, de um lado pró outro. Está sempre com aquela cabeça na lua. Tenho medo quando as raparigas chegam a essa idade, já pegam em cigarros “o pai diz que vai fechá-las para meter medo mas elas não têm medo”.

-Na escola não sei quem são as amigas dela, só a Maria e colega dela. Não conheço as amigas dela, vão todos junto na carrinha prá escola.

Mas porque é que acha importante estudar?

-Até para trabalhar no asilo é preciso ter estudos, mas isso não é para os meus filhos “Deus é que sabe qual é o destino de vocês”. Sempre peço ao Senhor que dos 5 filhos pelo menos um fosse professor ou médico, algo assim.

-A mais velha casou com um belo rapaz “já está safa” ela agora está em casa, o marido não quer que ela trabalhe, ela vai para a casa da sogra ajudar. O marido está nas Bermudas. Ela briga “poderes” com a irmã.

-Não gosto da família do namorado da Patrícia...se a apanhar. Odeio aquela gente. No natal ela foi à carteira do cunhado e tirou dinheiro de lá, ela nunca fez coisas dessas.

-Ela nunca falta à catequese, ela gosta, vai sempre, é ao sábado, até sozinha ela apronta-se e vai. Para casarem um dia, para fazer as comunhões, para ser catequista, para ser madrinha de alguém tem de fazer o crisma para poder casar, não pode casar sem o crisma.

Porque é importante a catequese?

-Para aprender a rezar, a ter fé.

-Nunca mais tive queixas dela na catequese. Se ela não quiser ir, ia na mesma à força mesmo sem querer. Eles têm mais medo de mim. É com a “pazinha nas pernas” e vão. Dou a jeito sem marcas e aprendem. Se não batermos não aprendem, se não “ficam burros”, ela tem medo da pazinha nas pernas.

-Não leva para ir prá escola, ela apronta-se toda para ir, tão cedo já está à espera da carrinha “é o pezinho para sair”, o cigarrinho na boca, agora é vaidosa de se pintar.

-Eu digo “a mãe não quer qualquer um para ti”. Meu rico genro, está agora a ajudar a gente. O pai não pensa nisso, não se mete nisso.

Pai – quero é um rapaz bom. Pedreiros, carpinteiros ou pescadores, o suficiente para ganhar dinheiro. Para ela queira que ela tivesse o 9º ou mais, era uma alegria. O 9º era o suficiente. Se ela chumbar outra vez vai ser fechada para aprender a ler e a escrever. Sei ler e escrever, sei assinar o meu nome, ninguém diz que só tenho o 1º, ninguém diz que não tenho a 4ª classe.

Mãe – eu até já lhe disse para ela ir para a Casa do Povo, mas não é como foi a irmã, tem que levar isso a sério. Lá é bom, aprende-se a cozinhar, computadores, comem lá, estudos ...cada um no seu dia. É bom, eu falei que queria por lá a Patrícia, mas a Patrícia nunca mais quis lá ir.

21/01/2009

Vasco

- Eu acho que não gosto da escola porque, a pior coisa é ler, os professores são porreiros. A escola da Vila parece que é melhor, é mais grande, os meus primos dizem que vou aprender mais, que os professores puxem mais. Não gosto ter na Ponta Garça.

- Língua portuguesa, é prá ler o resto tá bem. EVT, tá bom prá mim. Eu estou aprendendo a ler. Tou numa turma de 7 pessoas. Uma está mas atrasado que migo. Portam-se bem. Tem 2 professores, estamos separados por grupos.

-Gostava de consertar carros, mas se ficar aqui vou ficar lavrador.

-No Canadá tou no 8º anos, era até aos 16 anos, aqui é mais. Cá vou ficar até ao 12º. Mas basta tirar a carta e ser lavrador. Talvez o 10º se tirar a carta com o 9º, depois começo a trabalhar. Posso trabalhar com os meus tios, o meu pai é mestre, ele já trabalhou com vacas mas eu ia agora com os meus tios e depois compro vacas.

-A escola é para saber ler e escrever, pra tirar a carta.

-O meu pai tem o 4º ou o 5º ano, ele tem a carta. Pró ano posso tirar a carta de mota mas eu não sei ler. Estou a aprender a ler agora, tenho que estudar.

-Em casa nunca estudo, só trabalho de casa, não preciso de ajuda, faço sozinho. Eu disse à minha mãe que pró ano quero ir prá escola da Vila. É melhor. As “continas” dizem que aqui é melhor “quando quiseres sair na hora de almoço, posso sair, ir comprar qualquer coisa, é melhor que estar na Ponta Garça”. “não me importo de levantar às 7 para ir prá escola”.

-Jogo futebol na escola, mas os rapazes gostam é de fazer “perca”, fazer mal.

-Quero ir tirar a carta.

-Não sei se vou passar, faço o trabalho de casa e tudo. Depois de amanhã se tiver um teste eu estudo, eu não sei estudar. É ler, no teste, a professora lê para mim e eu faço tudo que eu sei.

-Quero ir para essa escola, de repente até estudava, estava com os meus amigos, o campo é melhor.

- Tenho amigos que estão no 7º e 8ºs anos, sabem ler.

-Em casa trabalho “varrer os pátios, isso, tenho gatos, dou comida a eles, aspirar a casa, fazer as camas, isso”. Eu estudo na mesa onde comem, às vezes na cama na capa.

-Estou no 8º ano da catequese, estamos aqui em baixo no colégio. É aprender, ela tá lá falando, fazemos trabalhos de grupo, lêem coisas. Coisas de Jesus. Ela nunca manda-me ler, ela sabe que eu não sei. Faço os trabalhos de grupo. É bom, gosto de ter lá. A minha mãe é que me pôs na catequese, não são obrigados. A minha mãe quer que eu vou. Falto quando estou doente, e uma vez estava cansado e fui prá casa, foi só uma vez. Nunca, só uma vez faltar à catequese, fui com uns rapazes fazer rali.

-A catequese é pra aprender coisas sobre Jesus, é só mais 2 anos pra acabar e depois tá pronto.

-Pode-se ser padre ou freira. É prá isso a catequese. Ela também manda trabalhos de casa é eu que me ajuda, tanta gente pra ajudar mas eu é que faço sozinho, se for para ler, eu peço à minha mãe, o meu pai não ajuda muito, não é preciso, nos trabalho de casa eu sei tudo.

-Não gosto de ir pra, escola, é chato, é aborrecido. Não mas não é sempre, não apetece aprender, mas não apetece estudar. Antes que tinha apoio na outra turma mas agora nesta não tenho.

21/01/2009

Mãe do Vasco

-Eu queria ajudar para o Vasco, a idade avançando, e ele precisa de ajuda, ele teve muito tempo no Canadá, ele tem problemas de linguagem, ele corta as palavras. Aos três anos não ouvia bem, dificultou a linguagem aos 4 anos foi operado. Eu pôs o Vasco na escola com 3 anos para desenvolver mas é nada, é nada. Agora digo vais ficar a 6º para pelo menos saber ler e escreve.

-Eu não tive muitos estudos, naquele tempo o meu pai tirava a gente da escola para ir trabalhar. Ele leva a escola “numa vaidade”. O Vasco “bem dito seja Deus” na tem gosto prá escola. Ela tem uma letra tão bem feita, eu “Vasco eras para ser outro”.

-Eu estive na escola, o pai esteve na escola, nada disso, ele está só de vaidade. É só brincadeira com os outros ela vai longe, eu digo “vais palhaço, a gente brinca é cá fora, longe dos professores”.

-Ele em casa é mais que uma mulher, é muito limpo, quer é limpar. Não consegue estar parado, não tem organismo daquela criança de estar parado.

-Eu queria é que ele tivesse com a professora Zélia, que ela é que sabe “desembrulhar a língua das crianças”. O professor é muito bom, tem dado muita atenção. “Se é pra tolo, mas não me parece”. Já pedi psicóloga, mas essas coisas levam tempo.

-Estuda pouco “é uma coisa muito séria, está pronto”, eu vejo é que ele não sabe ler, nem em inglês se ele quer “é como um burro”.

-“Eu também não sou muito boa de memórias”, mas aprendi a estar. Rapazes e raparigas, nunca me lembro de crianças assim.

-O pai não precisa brigar, é só “o grito na hora, e tá pronto”, nunca toca nos meus filhos.

-O Vasco quer é vir pra Vila, é demais, será que dá resultado? Não sei. Gosta de ter lá na Vila. Talvez debaixo do olho da irmã, ele obedece à irmã, fica melhor? Não sei.

-Nesta turma ele vai ficar pior, “é só uma brutalidade, os outros fazem e ele vai atrás”, a senhora imagina, como é tantos rapazes juntos. A minha filha veio do Canadá com 9 anos, está atrasada nos estudos, mas a professora diz que ela vai lá.

-Eu sou doméstica, tenho a 4ª classe, estou à procura de emprego, isto está ruim, tenho o meu homem também desempregado.

-O marido tem o 5º, ele era bem esperto mas no tempo, a senhora já sabe, naquele tempo tudo saía.

-No Canadá o meu marido era na construção e eu era na limpeza de casas. Cá fico à espera, bem tento. Não fomos legal para o Canadá, tenho as minhas coisas lá, a imigração é que nos mandou pra cá. Sem contrato de trabalho “nosso Senhor é que sabe a minha vida”. Os meus pequenos gostavam muito de estar lá fora, mas não se resolve nada porque a imigração é que manda.

-A minha filha mais velha de 15 anos tem o 8º ano, é que tem mais estudos na família.

-Ele diz que quer “vacas”, mas o pai não é de vacas, não sei. Eu gostava que fosse mecânico. Uma profissão mais “aquele”.

-Pedreiro, não vejo ninguém de pedreiro na família, a tradição na família é mais pra vacas, mas o meu marido é servente. Ela já foi lavrador e negociante de vacas, mas agora não há outra profissão, tem de ser servente.

-Eu penso que não, que o Vasco prá escola não vai longe, só se aquela criança mudar, não gosta de “apreciar a cabeça”, gosta de coisas de “mão”.

-A minha família, a mãe da minha mãe tinha o liceu, a minha mãe sabe ler e escrever, a minha sogra também era muito esperta, “já é do sangue da família”, nunca gostavam muito da escola.

-Quando chumbou foi como nada seja, é igual. Fora da escola tem boas companhias, eles têm mais estudos. Vou pô-lo nos escuteiros para aprender a “estar nos lugares”, ele não tem vergonha. Ela vai pra missa, está na catequese, ele é muito pontual. Gosta de estar lidando com as mãos. Nunca faltou à catequese, lá na catequese está lá caladinho, na escola não “já digo – um puxão de orelhas e se portar mal uma bofetada”, não é mal criado mas quando está com os outros “vai tudo”.

-Tenho tanto medo da droga, tenho medo de ir com os outros. Nem bebidas, o pai não bebe mas toma a sua bebida à refeição.

-“Já disse que não tira a carta de condução, ele responde, tira-se de tractor”, não tem brilho nenhum.

ii. Entrevistas aos professores

Data: Dezembro 2008

Professora: Daniel

Turma 5º - 2008/2009

Aluno: Augusto

1. Perante o historial da aluno (relatar dados), presentes no processo do aluno, quais foram as suas expectativas em relação ao desempenho deste aluno para este ano?

-Não sabia que o aluno estava deslocado de outra freguesia.

-Um aluno sem vontade de trabalhar, por apresentar negativas em disciplinas nucleares.

-Problemas de aprendizagem.

2. Como caracterizava o aluno?

-revoltado pela situação familiar, depois de conhecer o historial familiar “pai toxicodependente”.

3. Actualmente que tipo de aluno é?

-É calmo, quieto, tem vergonha de aceitar comida em frente do outros.

-Ele não apresenta ter comportamentos normais, tem um comportamento positivo, não é revoltado “é humilde”.

4. Agora no final do primeiro período, como acha será o desempenho do aluno até ao final do ano?

-Tem muitas dificuldades, tem o PI assinado pela mãe recentemente, será aplicado a partir de Janeiro.

-Não existem expectativas positivas em relação ao desempenho académico do aluno. “Ela está só de corpo presente”, só aceitou no PI ser assíduo e pontual, fazer os TPCs já era muito trabalho.

5. Existe participação da família na vida escolar do filho?

-Não apesar da mãe revelar algum interesse, mas a sua capacidade habilitacional também não consegue fazer mais.

Acha que tem alguma influência no desempenho deste?

- Era importante porque tornava mais fácil ele integrar as actividades na escola. O ambiente em casa não deve valorizar a escola.

6. Como foi a integração dele este ano?

-Aparentemente, não houve problemas de integração com a turma ou com a escola, Considerando que foi realojado noutra freguesia.

-Dá-se bem com os outros alunos/colegas/professores. É uma criança calma.

-Ela apresenta “mãos de trabalho”, parece triste, cansado, mal alimentado, “sofrido”. Aparece sujo, mal vestido com poucos cuidados de higiene.

-Houve uma criança que pediu para não ficar perto dele porque ele cheirava mal.

Informação processual: Retenções – 1º no 2º ano com PI, 2º no 4ºano, 3º no 5º

Nota: pai toxicodependente, mãe trabalha com três filhos menores.

Foi recentemente realojado pela autarquia noutra freguesia que não a dele, implicando transferência de escolas.

Beneficiários do RSI.

Professor: Carlos

Turma 5º- 2008/2009

Aluno: Carlos

1. Perante o historial da aluno (relatar dados), presentes no processo do aluno, quais foram as suas expectativas em relação ao desempenho deste aluno para este ano?

Julgava que fosse desinteressado, teríamos que trabalhar mais com ele devido ao insucesso revelado no ano anterior.

Apreensivo porque era conflituoso com os professores e os colegas na sala de aula.

2. Como caracterizava o aluno?

Conflituoso, rufia – tinha brincos, a sua aparência.

3. Actualmente que tipo de aluno é?

No início do ano tentou testar os professores com brincadeiras. Ele faz pela calada e despercebido “moquênco e inocente”.

É pouco aplicado e preguiçoso.

4. Agora no final do primeiro período, como acha será o desempenho do aluno até ao final do ano?

Tem algumas negativas, tenho receio que ele não vai aguentar “os conteúdos vão complexificar”, não parece ser um aluno muito aplicado apesar de ser um aluno esperto.

Vai aos apoios mas é dos mais preguiçosos. Ele próprio não revela ter interesse em completar.

5. Existe participação da família na vida escolar do filho?

Não conheço a mãe, nunca compareceu na escola, nem mesmo convocada.

Acha que tem alguma influência no desempenho deste?

Inicialmente no início do ano falhava muito nos TPCs, mas agora tem-os com regularidade. Acho que talvez devido à turma os fazer, talvez ele queria acompanhar o ritmo.

Os hábitos de estudo em casa parecem ser “praticamente nulos”. Ela faz o mínimo dos TPCs.

Eu sou professor à 11 anos, sempre aqui no concelho, sou de cá.

Quanto à integração dele este ano, foi normal, correu bem. É o único que não transitou com a turma da primária, mas integrou-se bem com os colegas. Inicialmente houve problemas comportamentais de desafiar os professores e colegas.

Houve uma alerta de um colega que denunciou que Carlos tinha actos sexuais com um adulto. Ele brinca normalmente com os colegas. Ele é miudinho, usa gel no cabelo e tem piercings.

O Carlos não fala de interesses, não se abre muito.

Sei que a mãe é doméstica e o pai trabalha.

Relativamente à linguagem, ele apresenta traços típicos de uma classe rural, ou seja, formas verbais que não obedecem ao pronome pessoal da primeira pessoa do plural.

“tenho visto que de ano para ano as coisas estão piores, os pais lhes dão tudo, não precisam de se esforçar para ter as coisas – os miúdos hoje em dia não sentem necessidades”

Informação processual: Frequentou a pré-primária, 1º retenção no 3º ano e o 2º no 5º ano com PI.

Nota: Vive com mãe, padrasto e dois meio irmãos menores.

Padrasto trabalho como escrivão no tribunal de comarca, a mãe é doméstica.

O pai vive no Canadá.

Professora: M^a Conceição

Turma 5^o-2008/2009

Aluno: Francisco

1. Perante o historial da aluno (relatar dados), presentes no processo do aluno, quais foram as suas expectativas em relação ao desempenho deste aluno para este ano?

Não era um aluno bem preparado, dava erros na ortografia segundo o Plano Individual. Falei com os professores dos anos anteriores para conhecer os meninos que ia conhecer este ano.

O Plano Individual é indicativo de dificuldades. É estigmatizante para quem quer ter um futuro académico.

2. Como caracterizava o aluno?

Já o conhecia enquanto filho e irmão de outros. Tinha apoio em matemática.

3. Actualmente que tipo de aluno é?

Distrai-se muito facilmente, trabalha melhor em pequeno grupo. Foi colocado à frente, chamo atenção quando acho que ele está muito distraído.

4. Agora no final do primeiro período, como acha será o desempenho do aluno até ao final do ano?

Não tem sido brilhante, mas tem conseguido. Principalmente em ciências, é uma disciplina mais interactiva.

Está em risco de ficar retido, foi feito novamente o PI.

Nem sempre trás os TPCs feitos, está sempre abaixo do mínimo.

5. Existe participação da família na vida escolar do filho?

A mãe é muito interessada, comparece mesmo sem se chamada, conhece a professora já de muitos anos, por ser de cá, procura-a na rua.

Acha que tem alguma influência no desempenho deste?

Ela trabalha com o filho de forma a recuperar do Plano Individual do ano passado.

A prima da turma ajuda a informar dos TPCs. Ele por si não tinha iniciativa para dizer dos TPCs.

A mãe do aluno sabe o que significa o filho ter tido um PI e o seu estigma.

A família envolve-se na dinâmica da escola, é uma família que se protege uns aos outros.

Quanto à integração dele este ano na turma, como transitou toda a turma com ele para o 5^o ano não houve nada.

Dá-se muito bem, é muito meigo, há interacção sem rejeição. É uma turma muito competitiva entre eles, riem-se muito uns dos outros, no erro os outros “escarnecem”, gozem do erro.

É 1 filho de 8.

É participativo mas não toma iniciativa, é abafado pelos outros. Os outros sabem mais e gostam de se exhibir, o Francisco vive no seu mundo.

Ele só faz 10 anos agora, é muito novo, a maturidade não é atingido.

O ambiente familiar não deve estimular a linguagem, a oralidade depois reflect na falta de maturidade perante a escola e os estudos.

Vem limpo e alimentado.

Tem aulas de apoio em português e matemática. Toca na banda “lealdade”, está na catequese. Não sei de que ele gosta.

Informação processual: Em 2007/2008 teve Plano Individual

Nota: pai pedreiro e mãe domestica com 9 filhos, 6 menores.

Data: Dezembro 2008 (final do 1º período)

Professora: Adelaide

Turma 5º- 2008/2009

Aluna: Jessica

1. Perante o historial da aluna (relatar dados), presentes no processo do aluno, quais foram as suas expectativas em relação ao desempenho desta aluna para este ano?

-Um problema, porque já sabia dos outros problemas. Fiquei desanimada com o historial dela.

Como caracterizava a aluna?

-Uma aluna que nunca iria atingir o nível 3, que iria chumbar de novo, que mesmo com medidas especiais não ia conseguir.

-Nunca ia conseguir fazer nada, segundo o relatório do ano anterior, teria muitas dificuldades, mesmo ao nível do raciocínio, mesmo um atraso mental.

2. Actualmente que tipo de aluna é?

-Tem apoio individual, que tem vindo a melhorar o seu desempenho. Ela agora consegue com o devido apoio.

-É sossegada e calada.

3. Agora no final do primeiro período, como acha será o desempenho da aluna até ao final do ano?

-Vai continuar com o apoio e vai conseguir passar o ano, dentro das várias disciplinas propostas vai conseguir chegar aos objectivos propostos.

-É participativa nas aulas.

4. Existe participação da família na vida escolar da filha?

-A mãe é participativa, já veio duas vezes este período saber do desempenho da filha sem ser chamada.

Acha que tem alguma influência no desempenho desta?

-A mãe, o ano passado também era participativa e interessada como é este ano.

-A menina diz que é a mãe que ajuda nos TPCs.

-No ano transacto, foi identificado pela professora que a menina tinha um atraso cognitivo, e a mãe nunca quis aceitar o problema uma vez que a filha sempre transitou mesmo com dificuldades. Vista depois pelo SPO, identificou-se que não está ao nível dos outros.

5. E quanto à integração dela este ano?

-Correu muito bem, gosta muito da escola, é muito infantil, brinca com todos.

-Participa activamente nas actividades.

-No ano anterior foi posta de parte pelos colegas de turma, e ela acabou por “anular-se”. O ano passado nunca participava em festas.

-A turma, o apoio individualizado e o estabelecimento de regras dentro da sala de aula, foram essenciais. O esclarecimento à turma do que é ser “deficiente”, o ser-se diferente, foi positivo.

-A Jessica tem o conforto da professora este ano, apoia-a e não deixa que os outros lhe chamem nomes “é uma miúda muito amorosa”.

Informação processual: Em 2007/2008 foi elaborado Plano Individual que foi reformulado duas vezes posteriormente.

Retida 1º no 2º ano e 2º no 5º ano

Nota: pai funcionário da autarquia, mãe doméstica com dois filhos menores

Professora: Rute

Turma 5º- 2008/2009

Aluno: João

1. Perante o historial da aluno (relatar dados), presentes no processo do aluno, quais foram as suas expectativas em relação ao desempenho deste aluno para este ano?

Muitas dificuldades. Núcleo especial e SPO.

Era bem comportado, não foi para o PERE porque “ia-se perder no meio dos rebeldes”

2. Como caracterizava o aluno?

Muito pouco com muitas dificuldades.

3. Actualmente que tipo de aluno é?

Nunca devia ser integrado no ensino regular era indicado para um PERE.

4. Agora no final do primeiro período, como acha será o desempenho do aluno até ao final do ano?

Dificuldade na escrita, oralidade, conhecimentos – sabe fazer contas de forma pratica, não há espírito critico ou autonomia. Vai chumbar o ano.

5. Existe participação da família na vida escolar do filho?

Não comparece.

Acha que tem alguma influência no desempenho deste?

Desestruturada, desinteressada, não acompanha, não quer saber.

As dificuldades são reflexo da falta de “pobreza de espírito” da família. Um desinteresse total com tudo, não só a vida com a escola.

Quanto à integração deste este ano, ele já *conhecia a coisa*.

Ele é pouco assíduo, tem falta de higiene, falta de cuidado. É um delinquente.

Gosta de pescar.

Diz não fazer nada nos tempos livres. Não revela interesse em nada.

Reconhece que falava muito com os colegas, só quer fazer o 2º ciclo para ser pedreiro.

Quem ajuda a estudar é a mãe.

Informação processual: Não frequentou ensino pré-primário

Retenções: 1º 3 vezes no 2º ano, 2º no 3º ano e 3º no 5º ano.

Beneficiou de PI em 2007/2008

Nota: pai pedreiro desempregado actualmente, mãe domestica com 3 filhos menores.

Realojados pela autarquia em freguesia que não a deles.

Beneficiários do RSI.

Professor: Carlos Rodrigues

Turma 5º- 2008/2009

Aluno: Jorge

1. Perante o historial da aluno (relatar dados), presentes no processo do aluno, quais foram as suas expectativas em relação ao desempenho deste aluno para este ano?

Apreensivo, um aluno com problemas devido às retenções e negativas.

2. Como caracterizava o aluno?

Potencialmente problemático, não ao nível comportamental mas dificuldades de aprendizagem. Desinteressado, não acompanhava o que os outros conseguiam fazer.

Não tinha hábitos de estudo em casa.

3. Actualmente que tipo de aluno é?

Pacato, sossegado, participa quando solicitado. É reservado mas não parece ter medo de errar. Participa só o essencial.

4. Agora no final do primeiro período, como acha será o desempenho do aluno até ao final do ano?

Tem-se esforçado para passar. Vai transitar se manter o nível satisfatório.

5. Existe participação da família na vida escolar do filho?

A mãe compareceu uma vez à escola, voluntariamente não aparece para saber da evolução do filho.

Acha que tem alguma influência no desempenho deste?

Em casa ajuda um primo a tratar de cabras, diz que às vezes recebe dinheiro.

Não conheço o pai, ele trabalha. Participou na feitura do caixote de natal para o cabaz.

O professor pensa que o Jorge “deve chegar a casa e fugir para as cabras”. Normalmente traz os TPCs feitos de casa, mas não estuda muito “ele quer passar o ano”, quer tirar o 9º ano para tirar a carta de condução “pra ir às cabras”.

Quanto à integração dele este ano, bem é vivo, mexido especialmente no recreio. Correu bem a integração, ele é o único da Ribeira das Tainhas, mas não teve influência.

Às vezes é muito calado, pouco participativo, mas não se recusa a fazer as coisas.

Como veio com uma quantidade de negativas era visto como desmotivado – não revelava interesse.

Não revela ambições, na grande maioria dos meninos não existem ambições futuras, em casa não existem exemplos. Há falta de incentivos, não são estimulados desde cedo em casa para a aprendizagem de conceitos novos.

Não quis frequentar o apoio educativo porque vinha fora da freguesia, devido ao transporte. Tinha a matemática, inglês e português.

Tem o seu grupo de amigos.

As suas dificuldades reais são a falta de estudo, falta de algum interesse pela escola, só a procura para ter a carta de condução. Não parece que lhe falta alguma coisa em casa, vem limpinho e vestido adequadamente.

O ano passado não queria saber nada da escola. Sempre atribuiu a culpa de não ter passado a ele mesmo.

Ao nível da linguagem ele comete muitos erros que são facilmente atribuídos à cultura, àquilo que ouve em casa.

Informação processual: frequentou o ensino pré-primário, retido 1º no 2º ano com PI, 2º no 5º ano.

Nota: pai agricultor por conta de outrem, mãe estudante (escola profissional) com 2 filhos menores

Data: Dezembro 2008

Professora: Daniel

Turma 5º- 2008/2009

Aluno: Luís

1. Perante o historial da aluno (relatar dados), presentes no processo do aluno, quais foram as suas expectativas em relação ao desempenho deste aluno para este ano?

-Sim grandes expectativas, de mau comportamento.

-Esperava um aluno que aceitasse as regras da escola, que fosse difícil em termos de comportamento. Respondão.

2. Como caracterizava o aluno?

-Desinteressado, desmotivado, pouco assíduo e pontual.

3. Actualmente que tipo de aluno é?

-Dificuldade em aceitar ordens ou regras. “Em famílias o aluno manifestou não gostar de ser mandado pelos pais”.

-“Fazer pela a calada é o que se quer”.

4. Agora no final do primeiro período, como acha será o desempenho do aluno até ao final do ano?

-Não tem vindo a melhorar o desempenho, o Luís não tem vontade de trabalhar, vai fazendo devagar com pressão. Diz que “não há paciência”.

5. Existe participação da família na vida escolar do filho?

-Não comparecem, só uma vez no início do ano.

Acha que tem alguma influência no desempenho deste?

-Sim, não é aparentemente acompanhado.

6. Como foi a integração do aluno este ano?

-Sem problemas de integração apesar de vir de outra escola.

-É conflituoso a uma menina em especial.

-Não sei se ele está integrado em alguma actividade fora da escola.

-Ele é de “aprontar”, intrigas com outros colegas. Maldades sem ninguém perceber que foi ele, é “calculista”.

-Já teve uma participação disciplinar este período.

Informação processual: frequentou a pré-primária, 1º retido no 2º ano, 2º 3 vezes no 3º ano com PI 2006/2007 e 3º no 5º ano.

Nota: pai servente de pedreiro, mãe domestica com dois filhos menores. Vivem em casa construída pelo programa de habitação da SCRTE – auto-construção.

Professora: Rute

Turma 5º-2008/2009

Aluna: Maria

1. Perante o historial da aluno (relatar dados), presentes no processo da aluna, quais foram as suas expectativas em relação ao desempenho desta aluna para este ano?

Ela faltava muito e a mãe era muito conivente. Era considerada a *atrasada da família*. Bem com isso eu esperava uma criança desmotivada que iria faltar muito. “O insucesso dela passou pelo absentismo e a conivência da mãe”.

2. Como caracterizava a aluna?

Desmotivada pelo excesso de idade em relação aos outros “ela estava à espera habituada a faltar à aulas”

3. Actualmente que tipo de aluna é?

É uma aluna satisfatória, “tem as suas pancadas”, amua facilmente, mas isso é cultural. A falta de regras – ela é que as impõe. Gosta de chamar a atenção.

4. Agora no final do primeiro período, como acha será o desempenho da aluna até ao final do ano?

Vai transitar de ano, está mais motivada este ano. O início do ano correu bem o que *ajudou* a encaminhar o resto do ano.

5. Existe participação da família na vida escolar da filha?

A mãe quando é chamada interessa-se.

Acha que tem alguma influência no desempenho desta?

A família parece equilibrada, a mãe é responsável, vem quando é chamada.

A Maria cumpriu tudo que era suposto.

Conhecer as dinâmicas da família ajuda para saber da possível ajuda.

Quanto à integração dela este ano, foi boa, já conhece os miúdos todos.

No ano anterior foi proposta para avaliação. Este ano foi avaliada – não tem atraso, o que é muito insegura, baixo auto-estima e falta de autonomia. “acho que esta baixa auto-estima vem de casa acharem que ela era atrasada”. A mãe julgava que ela era atrasada porque agia como se fosse muito mais nova.

Não sorri, está sempre “de cara fechada”. É bruta por natureza – falta-lhe a parte afectiva, *sempre a atrasada da família*.

Ficou ofendida com a mãe quando ela foi avaliada pelo núcleo de ensino especial, porque ela foi para o “lugar dos miúdos deficientes”.

É participativa na festa de natal “ao jeito dela”.

Na resposta à profissão que ela deseja, ela respondeu “sabe que não vai chegar lá”. Ela tem consciência das suas capacidades/limitações.

A Maria foi sinalizada no final do ano lectivo passado à CPCJ por faltas à escola, e foi chamada no início deste ano.

Ela chumbou porque não estudava nem ia à escola. Quem a ajuda é a irmã, gosta de ver televisão.

Ela diz que pensa estudar até ao 9º ano.

Informação processual: frequentou ensino pré-primário, 1º repetiu o 2º ano 3 vezes, 2º fez o 3º ano 2 vezes e 1º vez no 5º ano. Beneficiou de Plano Individual no 2º, 3º e 4º ano.

Nota: pai serrador (abate arvores nas matas), mãe doméstica com 4 filhos, 3 menores.

Família realojada pela autarquia. Beneficiária do RSI.

Professora: Rute

Turma 5º- 2008/2009

Aluna: Patrícia

1. Perante o historial da aluna (relatar dados), presentes no processo da aluna, quais foram as suas expectativas em relação ao desempenho desta aluna para este ano? Com um pouco de esforço iria conseguir.

2. Como caracterizava a aluna?
Chumbou o ano mas com um pouco de esforço até iria conseguir, porque não apresenta problemas de maior. É uma aluna satisfatória mas desinteressada.

3. Actualmente que tipo de aluna é?
Tem um aproveitamento pouco satisfatório, é esperta mas não consegue canalizar a inteligência para os estudos, tem interesses divergentes aos interesses escolares.

4. Agora no final do primeiro período, como acha será o desempenho da aluna até ao final do ano?
Vai ficar retida. Está ao nível do 5º ano, é inteligente mas não participa, falta e não quer saber da escola para nada.

5. Existe participação da família na vida escolar da filha?
A mãe vem quando é chamada mas não parece saber o que é pedido.

Acha que tem alguma influência no desempenho desta?

A incapacidade dos pais acaba por influenciar, são ausentes e limitados “é cultural, já é da família”. Todos os outros filhos foram da mesma forma.

Quanto à integração desta este ano, bem ela já conhecia como era mas também “não lhe diz nada”.

A família é muito problemática, com um QI muito baixo, ela tem o QI acima da família e consegue manipular os pais. Não há regras, é ela que as impõe.

Interesses, bem namorar deve ser um interesse para ela. Ela é uma pré-delinquente. “vai vivendo”, andar pela rua com os amigos.

O processo que foi remetido para tribunal, porque a CPCJ alegou não ter condições para trabalhar com a família. É mal educada com os professores sem admitir que é, não reconhece os limites, vive sem regras.

Segundo a menor ela fuma com conhecimento dos pais.

“Ela perdeu o comboio quando perdeu o ano” tornou-se um ciclo vicioso. A mulher casa com o homem e ele trabalha para a família – é o exemplo da família.

Está na catequese. Tem apoio a português, inglês e matemática mas não vai ao apoio “sai de casa e diz que vai”, vai passear à vila.

Não há modelos dentro da família de quem tinha estudado e tenha conseguido na vida.

Não gosta de estudar, não gosta da escola. Chumbou porque não estudava, a mãe diz que ajudava nos estudos.

Ela diz que a sua profissão de futura seria “mesa e bar” na escola profissional. Gosta de ver televisão e ouvir música.

Informação processual: frequentou o ensino pré-primário, retida 1º no 2º ano e 2º no 5ºano com Plano Individual.

Nota: pai desempregado e mãe doméstica com 5 filhos, 4 menores.

Família beneficiou do programa de habitação da SRCCTE – auto-construção.

Beneficiários do RSI.

Professora: Daniel

Turma 5º-2008/2009

Aluna: Vasco - 13 anos

1. Perante o historial da aluno (relatar dados), presentes no processo do aluno, quais foram as suas expectativas em relação ao desempenho deste aluno para este ano?

Não esperava que ele estivesse tão mal como estava, não sabendo ler nem escrever. Esperava que era um aluno normal, com problemas somente de linguagem. Não havia informação no processo. Ele veio do Canadá, o processo dizia que ele apresentava dificuldades de compreensão ao nível do estudo apresentado.

2. Como caracterizava o aluno?

Não sei

3. Actualmente que tipo de aluno é?

Preguiçoso, desinteressado e desmotivado

4. Agora no final do primeiro período, como acha será o desempenho do aluno até ao final do ano?

Sabendo que ele vai para um PERE, vai melhorar o desempenho porque vai estar acompanhado com dois professores à maioria das disciplinas. Ele e um outro aluno do mesmo nível, sai da turma actual e vai para uma mais pequena de 7 alunos na mesma escola.

5. Existe participação da família na vida escolar do filho?

A mãe participa apenas quando é chamada à escola. Relativamente ao acompanhamento em casa há “pouco acompanhamento”, o alunos não trás os TPCs feitos.

Acha que tem alguma influência no desempenho deste?

A mãe diz que manda fazer os TPCs mas ele não faz. Nunca vi o pai.

Porque com as limitações dele, deviam acompanhar a leitura. O aluno recusa trabalhar. Não tem interesse de fazer nada e nenhuma actividade da escola.

Sou professor deslocado, é a primeira vez que dou aulas no concelho tenho 27 anos.

Quanto à integração dele na turma este ano, foi conflituoso, com os mais pequenos da escola.

É desorganizado, tem dificuldades na leitura e na escrita, tem problemas auditivos. Ele esteve muito tempo fora no estrangeiro (5 anos no Canadá), e apresenta problemas de linguagem.

A matricula não está ainda regularizada na escola.

Foi proposto um apoio e a mãe autorizou mas ele nunca frequentou, ele recusa-se a ir. Vai ser proposto para um PERE em Janeiro.

Relaciona-se com os colegas de forma normal da idade dele. Ele é dos mais velhos lá.

Interessa-se muito pelo sumário no caderno, fica envergonhado por não saber ler. Vai ser avaliado pelo SPO. Segundo a mãe “o pai é muito nervoso”.

Já teve 4 participações disciplinares este período, por desrespeito, desobediência às regras e é ameaçadora aos colegas.

Informação processual: aluno transitou do Canadá onde esteve deslocado 5 anos.

O percurso escolar é desconhecido.

Apresenta muitas dificuldades.

Nota: pai desempregado, mãe doméstica com 3 filhos menores.

Família a residir em casa de familiares. Integraram o grupo de famílias que foi recambiada de volta para Portugal por se encontrar ilegal no Canadá.